



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARLI JOSÉ TAVARES NETTO



TRABALHO, FÉ E PATRIARCADO: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)

CATALÃO (GO)

2015

MARLI JOSÉ TAVARES NETTO

**TRABALHO, FÉ E PATRIARCADO: as mulheres na produção socioespacial
das congadas de Catalão (GO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Ordenamento do Território.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra Carmem Lúcia Costa.

CATALÃO (GO)

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

MARLI JOSÉ TAVARES NETTO

TRABALHO, FÉ E PATRIARCADO: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia, do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, pela seguinte banca examinadora:

Catalão, ___ de _____ de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Carmem Lúcia Costa
Orientadora e presidente da Banca
Instituto de Geografia/Regional Catalão/UFG

Prof^a. Dra. Eliane Martins de Freitas
Membro Externo
Departamento de História/Regional Catalão/UFG

Prof^a. Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes
Membro Interno
Instituto de Geografia/Regional Catalão/UFG

Àquelas que me despertam todas as manhãs, ora pelo sorriso, ora pelo choro, mas, sempre me despertam: minhas amadas filhas, Gabriela e Giovanna. Ao meu esposo e companheiro, Zezinho, um grande incentivador. À minha irmã Penha, referência de carinho, amor e determinação. E a todas as mulheres que fizeram parte dessa pesquisa, contribuindo para uma reflexão que possibilite uma sociedade mais justa quanto às especificidades de gêneros.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Professora Dra. Carmem Lúcia Costa pela orientação, dedicação e companheirismo na realização da pesquisa. Presença constante em todos os momentos. Orientou-me não apenas no desenvolvimento do trabalho, mas também nos desafios pessoais, amparando-me nos momentos mais difíceis dessa trajetória.

Aos professores da Unidade Acadêmica, em especial do Instituto de Geografia da Regional Catalão, que direta ou indiretamente contribuíram com a pesquisa. Em especial, ao professor João Donizete Lima, meu Chefe imediato, pois, por meio de nosso companheirismo e responsabilidade conseguimos conciliar as demandas do trabalho formal e os estudos. Ao professor Dr. Valdivino Borges de Lima, amigo e confidente das angústias cotidianas.

Aos parceiros Cleumar e Priscila, pelo apoio e incentivo para seguir em frente.

À banca de qualificação, Professora Dra. Eliane Martins de Freitas e Professora Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes pelas orientações instigantes a novas reflexões, proporcionando melhor direcionamento da pesquisa.

Ao grupo de pesquisa - DIALOGUS - Estudos Interdisciplinares em Gênero, Cultura e Trabalho, ao qual estou vinculada participando de encontros e aperfeiçoando discussões que contribuíram para a pesquisa.

Aos colegas da turma de Mestrado em Geografia 2013, em especial, ao (as) amigo (as): Cleudimar, Deanne e Rosiane, estaremos juntos “para sempre”.

Aos meus familiares: filhas, mãe, irmãos, irmã, sobrinhos, sobrinhas pelo incentivo e orgulho que sentem por me tornar Mestre.

Às mulheres que fazem a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO), com elas aprendi que as transformações não advêm apenas das lutas visíveis.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pelo apoio financeiro, fundamental para realização da pesquisa.

*Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas*

*Vejam como é forte a que eu conheço
Sua sapiência não tem preço
Satisfaz meu ego, se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça*

*Quando eu chego em casa à noitinha
Quero uma mulher só minha
Mas pra quem deu a luz não tem mais jeito
Porque um filho quer seu peito*

*O outro já reclama a sua mão
E o outro quer o amor que ela tiver
Quatro homens dependentes e carentes
Da força da mulher*

*Mulher! Mulher!
Do barro de que você foi gerada
Me veio inspiração
Pra decantar você nessa canção*

*Mulher! Mulher!
Na escola em que você foi ensinada
Jamais tirei um 10
Sou forte, mas não chego aos seus pés*

(Erasmu Carlos – *Mulher sexo frágil*)

RESUMO

Os estudos acerca de gênero vêm sendo desenvolvido a partir de 1960 através do movimento feminista que despertou o interesse de várias ciências, dentre elas, a Geografia, que por estudar o espaço produzido pela sociedade, alcança também seus sujeitos, no caso específico, as mulheres, enquanto sujeito social, trabalhadora, educadora, contestadora. Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa foi de compreender e reconhecer o papel das mulheres que trabalham para a apresentação dos ternos de Congo na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, realizada em Catalão (GO). Para tanto, o estudo guiou-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, seguindo, simultaneamente, as etapas de pesquisa teórica e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo foram utilizadas as técnicas de diário de campo; entrevistas e registros fotográficos. Em seguida, fez-se a organização, sistematização e análise dos materiais coletados para obtenção e apresentação dos resultados. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é uma festa popular que agrega em seu contexto três dimensões: religiosa; comercial e cultural, em todas as dimensões o trabalho feminino é essencial e está concentrado nos bastidores do evento, tendo assim, menor visibilidade. A investigação teórica aliada à pesquisa de campo constatou que essa invisibilidade faz parte da construção histórica da divisão de papéis para homens e mulheres, que ao longo do tempo associou as mulheres ao espaço privado, e os homens ao espaço público, uma coerção do modelo patriarcal, que ainda hoje está presente na sociedade, sendo mais notório através da divisão sexual do trabalho. A aproximação da realidade do trabalho feminino na Festa, permitiu compreender a essência da mesma, visualizando o movimento da sociedade e constatando que as coerções existem, bem como as resistências que estão em várias ações. O enfrentamento ao modelo patriarcal não está apenas na ruptura, mas também na ressignificação de papéis, no qual homens e mulheres assumem funções contrárias ao que foi promovido pelo patriarcado. Porém, as mulheres assumem novas funções sem se desvincular do trabalho doméstico. Associado ao espaço menos visível, o trabalho doméstico aprisiona as mulheres a uma invisibilidade social, o que não condiz com a realidade, pois através da Festa do Rosário foi possível constatar que as mulheres são promotoras sociais, elas estão por toda parte, e agem concomitantemente no espaço privado e no espaço público.

Palavras-chave: Mulheres. Patriarcado. Trabalho. Ressignificação.

ABSTRACT

The studies about gender have been developed since 1960, through the feminist movement that aroused the interest of various sciences, among them, Geography, that study the space produced by society. Getting the subjects, too. In a specific, case the women, as a social subject, worker, teacher, disruptive. From this perspective, the objective of this research was to understand and recognize the role of women working for the presentation Suits of Congo (Ternos de Congo) in Festivity in Honor of Our Lady of the Rosary (Nossa Senhora do Rosário), performed in Catalão (GO). Thus, this study, the study guided by the precepts of qualitative research, following, simultaneously, the steps of theoretical research and practice research. In the practice research were utilized the practice diary techniques, interviews and photographic registers. Then, made the organization, systematization and analysis of materials collected for obtaining and presentation the results. The Festivity in Honor of Our Lady of the Rosary is a popular festival that brings in its three-dimensional context: religious; commercial and cultural, in all dimensions female labor is essential and it is concentrated in the event behind the scenes, and thus, lower visibility. The theoretical research combined with practice research found that this invisibility is a part of the historical construction of the division of roles for men and women. That over time associated women to the private space, and men to the public space, a coercion of the patriarchal model. That it is still present in society, and most notorious through the sexual division of labor. The approach of the female labor reality in Festival allowed understanding the essence of it. Visualizing the movement of society and noting that there are constraints. Facing the patriarchal model is not only in the break, but also in the redefinition of roles in which men and women assume positions contrary to what was promoted by the patriarchy. However, women assume new functions without break away from housework. Associated with the less visible space, domestic work imprisons women to social invisibility. Which is not consistent with reality, because through Rosario Festival was established that the women are social promoters, they are everywhere, and they act concurrently in the private and public space.

Keywords: Women. Patriarchate. Work. Reframing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Mapa 1 Localização da Município de Catalão (GO) no Brasil | 17 |
| Mapa 2 Abrangência das congadas de Catalão (GO) | 48 |
| Foto 1 Igreja construída por negros adeptos da Festa do Rosário, provavelmente na década de 1940 – Catalão (GO) | 51 |
| Foto 2 Altar na casa do capitão do terno Nossa Senhora de Fátima (Zé do Gordo) – Catalão (GO) | 57 |
| Foto 3 Mulheres trabalhando na confecção das quitandas que serão oferecidas na alvorada do dia 03 de outubro de 2014..... | 58 |
| Foto 4 O atual casal de festeiros repassa a coroa ao novo ano casal que ficará responsável pela Festa em 2015 – Catalão (GO) | 60 |
| Figura 1 Organograma congada de Catalão (GO) | 61 |
| Figura 2 Organização dos ternos – Catalão (GO) | 62 |
| Foto 5 Mulheres em ensaio de terno – Catalão (GO) | 78 |
| Foto 6 Mulheres em ensaio de Terno – Catalão (GO) | 79 |
| Foto 7 Criança usando farda durante apresentação - Catalão (GO) | 82 |
| Foto 8 Criança usando farda durante apresentação – Catalão (GO) | 83 |
| Foto 9 Chapéus confeccionados por mulheres do Terno N. Senhora de Fátima 2014 - Catalão (GO) | 83 |
| Foto 10 Avó acompanhando neto em procissão 2014 - Catalão (GO) | 87 |
| Foto 11 Segunda capitã liderando oração antes das apresentações 2014 - Catalão (GO) | 90 |
| Foto 12 Mulheres manuseando patogongas, que estão nas mãos e gungas nos tornozelos 2014 - Catalão (GO) | 91 |
| Foto 13 Mulheres manuseando caixa, patogongas e gungas 2014 - Catalão (GO) | 92 |
| Foto 14 Mulheres preparando almoço para receber terno 2014 - Catalão (GO) | 95 |
| Foto 15 Mosaico de fotos: a Festa. Mulher acompanhando terno; Apresentação de ternos durante a missa; barracas - Catalão (GO) | 98 |

LISTA DE SIGLAS

CNV = Comissão Nacional da Verdade

ONU = Organização das Nações Unidas

CEB`s = Comunidades Eclesiais de Base

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 Os caminhos da pesquisa | 13 |
| 1.2 Contextualizando o espaço da pesquisa: a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO) | 16 |
| 2 MULHERES E SOCIEDADE: a luta pela visibilidade | 21 |
| 2.1 Homens e Mulheres: a construção de uma simbologia | 22 |
| 2.2 Mundo do trabalho e mulheres: transformações na sociedade atual | 25 |
| 2.3 Quebrando correntes: a atuação feminina | 30 |
| 2.4 A mulher e a Igreja Católica | 34 |
| 2.4.1 A Teologia da Libertação e as novas perspectivas em relação à mulher e a Igreja Católica..... | 41 |
| 3 A FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO (GO): origem, estrutura, preparação e atuação feminina | 44 |
| 3.1 Origem da Festa do Rosário em Catalão (GO) | 48 |
| 3.2 A parte religiosa | 52 |
| 3.3 O comércio | 53 |
| 3.4 A Congada: dimensão cultural | 56 |
| 3.5 A Irmandade | 66 |
| 3.6 Comissão de Festeiros | 68 |
| 3.7 A Festa do Rosário: repetição e transformação de atitudes | 70 |
| 4 ELAS ESTÃO POR TODA PARTE | 73 |
| 4.1 Tradição e trabalho: coerção, resistência e renovação | 74 |
| 4.2 Devoção e trabalho: renovar é possível | 86 |
| 4.3 O movimento feminino nos ternos | 89 |
| 4.4 A festa feita por elas | 97 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 100 |
| REFERÊNCIAS | 103 |

1 INTRODUÇÃO

O compromisso das ciências sociais é com a produção de teorias que interpretem a realidade por meio das visões de mundo que coexistem na sociedade. Dentre as concepções que norteiam o modo de vida, está o patriarcado, que se institucionalizou ao longo do tempo acentuando a subalternidade feminina em relação ao masculino. Para compreender esse modelo é preciso se ater à relação entre teoria e prática, uma vez que os sujeitos não são apenas receptores de modelos e concepções, mas, sim, agentes atuantes. Somente as ideias não mudam o mundo, para que haja mudança é preciso submeter-se a prática, assim homens e mulheres reproduzem ideias, bem como resistem e transformam modelos que regem a sociedade.

Dentre as ciências sociais que se dedicam à compreensão e à transformação do mundo está a Geografia, que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e tudo o que o compõe. Assim sendo, a Geografia é uma ciência que compreende, também, os agentes que produzem o espaço. Dentre suas várias vertentes está a Geografia Crítica, que propõe uma discussão acerca das relações sociais, sendo, portanto, pertinente à temática do presente estudo, uma vez que abrange as questões de gênero, religião, cultura, trabalho e território.

Desde a graduação, os estudos de Gênero, em especial, os que tratam o trabalho feminino, despertaram-me interesse. Além dos anseios subjetivos, outro fator que contribuiu para os estudos de gênero foi a participação em um projeto de iniciação científica durante a graduação no Curso de História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, entre 2003 e 2006. O referido projeto compreendia a organização do arquivo do Instituto das Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação, um Instituto religioso feminino, fundado em 1962, em Catalão (GO) sendo mantido economicamente com o trabalho de suas integrantes.

O contato com documentos ligados à Igreja Católica e também com as Irmãs integrantes do Instituto instigou um estudo acerca da relação homem e mulher na Igreja Católica, o que resultou, a partir de então, no Trabalho de Conclusão de Curso¹.

Diante de uma questão abrangente e tendo coerência de que uma pesquisa nunca traz uma verdade absoluta e acabada, as indagações acerca do papel das mulheres na sociedade se tornavam cada vez mais instigantes, assim, ingressei no Curso de Especialização

¹NETTO, M. J. T. **Entre vida religiosa e vida secular**: os fundadores do instituto das Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação. 2006. 116p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2006.

em História do Brasil da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão², levando junto os anseios não desenvolvidos pela pesquisa na graduação.

Dentre várias descobertas, os estudos supracitados mostraram que a inserção feminina no mercado de trabalho formal foi se tornando crescente desde a Revolução Industrial, no Século XIX. Vale ressaltar que as mulheres, principalmente as da classe menos favorecida, sempre trabalharam, contribuindo ou assumindo as despesas domésticas, um exemplo são as viúvas da Idade Média. De acordo com Perrot (2013), as sociedades não teriam sobrevivido sem o trabalho doméstico das mulheres.

Detentora do trabalho doméstico, a atuação feminina mais expressiva estava no espaço privado, e, a partir do século XIX, nota-se maior atuação no espaço público, o que não significou uma mudança de comportamento, e, sim, uma extensão da função feminina do espaço privado para o público, que era restrito e dimensionado para a participação das mulheres na sociedade.

Esta inserção feminina acontecia sem grandes rupturas, mesmo porque a sociedade ocidental é caracteristicamente branca, masculina e heterossexual, sendo que os demais sujeitos não possuem muita visibilidade. A mulher atua nas “entrelinhas” da sociedade, seja no campo econômico, no religioso ou no cultural, que, aliás, é o desafio para o estudo.

Morando em Catalão há 24 anos, participo da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário desde que cheguei. Esta Festa é realizada desde 1876 (COSTA, 2010). Desta feita, as surpresas e as indagações que tive ao visitar, pela primeira vez, a festa se tornaram a cada ano mais instigantes. Depois dos estudos desenvolvidos, os questionamentos foram se direcionando para o reconhecimento do espaço-tempo das mulheres na festa.

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário tem em seu contexto os Ternos de Congos, compostos por tocadores, tocadoras, dançadores e dançadoras que se juntam formando a Congada³, uma maneira de devoção à Nossa Senhora do Rosário. Para que tudo isso aconteça é necessário um trabalho coletivo e organizado, isso inclui confecção das roupas, alimentação, ensaios, enfim, uma dinâmica de tarefas a serem executadas com precisão para que tudo aconteça sem grandes improvisos. Diante deste contexto, o que se

² NETTO, M. J. T. **Educação e religião**: a ação romanista em Catalão (GO). 2008. 102f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História do Brasil) - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2008.

³A congada é uma atividade religiosa e cultural de expressão afro-brasileira comumente caracterizada como uma festa popular. Organizam-se por meio de ternos – congos, moçambiques, vilões, catupés e outros (BRANDÃO, 1985)

pretende é conhecer e reconhecer o espaço-tempo das mulheres nos ternos de Congo, bem como avaliar as transformações e persistências na produção e/ou a ressignificação do território dos ternos na Festa.

1.1 Os caminhos da pesquisa

O desenvolvimento do estudo vem ao encontro do método e das técnicas da pesquisa qualitativa, que enfatiza a participação do pesquisador, no caso, da pesquisadora, no contexto pesquisado. Originária nos anseios das Ciências Humanas, a pesquisa qualitativa surgiu como possibilidade de um caminho metodológico que atendesse mais precisamente às especificidades das pesquisas sociais, aproximando-se da essência dos comportamentos. Essa característica está no próprio nome “em latim, *qualitas* significa a essência” (DEMO, 1998, p. 92).

Este método se mostra mais adequado ao presente estudo, uma vez que o foco da pesquisa qualitativa está na aproximação com os fenômenos complexos da vida social. Diferente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa se caracteriza pela imersão do (a) pesquisador (a) no contexto a ser pesquisado. De acordo com Alves Mazotti e Gewandsznajder (1998), na abordagem qualitativa o (a) pesquisador (a) procura se aprofundar na compreensão dos fenômenos que estuda, nas ações dos indivíduos, dos grupos ou organizações e em seu ambiente e contexto social, interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Assim sendo, o (a) pesquisador (a) é um instrumento de investigação, por isso a necessidade do contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, pois estes estão em movimento, assim, exige-se que a ciência também se movimente. Pessôa (2009) corrobora esta afirmação ao explicar que

[...] na pesquisa qualitativa é importante a imersão do pesquisador no contexto de interpretar e interagir com objeto estudado e a adoção de postura teórico-metodológica para decifrar os fenômenos. A ciência é dinâmica e está sempre em processo de mudança à procura de novos resultados. (PESSÔA, 2009, p. 8).

Isto posto, vale ressaltar que o (a) pesquisador (a) precisa adotar uma conduta livre de preconceitos, e tampouco tendenciosa, devendo levantar o maior número de indagações sobre os fenômenos observados, sejam eles concretos ou abstratos. Nem sempre

se terá uma resposta única, ou nem mesmo uma resposta, entretanto, é nas indagações que a ciência se realiza, por isso a necessidade do desvelar.

Ciente da responsabilidade, o estudo se fez por meio das técnicas de investigação da pesquisa qualitativa. O que não quer dizer que uma ação será posterior à outra, mas, sim, que acontecerão simultaneamente. Para nível de organização, o estudo se realizou da seguinte maneira: a) pesquisa teórica; b) pesquisa de campo com: registros fotográficos; entrevistas e diário de campo; e c) organização do material, sistematização, análise e apresentação dos resultados.

A pesquisa teórica alicerça a interpretação da realidade e orienta a conduta do (a) pesquisador (a), é o fio condutor capaz de identificar os fenômenos. Por isso, a necessidade de se munir o máximo possível de conhecimento teórico, antes, durante e após a pesquisa de campo. Com esta perspectiva, a pesquisa de campo se desenvolveu.

Quanto às entrevistas, estas seguiram o modelo semiestruturado. Esta técnica, de acordo com Chizzoti (2009), é a grande possibilidade de se conhecer e esclarecer a visão que o (a) informante tem do contexto em que está inserido (a). Quando semiestruturada, a entrevista permite um discurso livre, mas iniciado com temas específicos, sempre possibilitando a liberdade de expressão.

Após liberação do Comitê de Ética em Pesquisa, em agosto de 2014, iniciaram-se as entrevistas com os (as) participantes da Festa. Foram realizadas 29 entrevistas semiestruturadas. Como as observações em campo começaram em 2013, foi possível elencar uma amostragem diversa, não ficando restrita aos (às) integrantes dos ternos, pois se percebeu que as mulheres estavam em toda parte da Festa e da congada, que se constitui no recorte espacial do estudo.

O suporte metodológico das entrevistas seguiu orientações da história oral e se embasou em autores como Thompson (1992) e Bosi (1983), os quais compreendem a fonte oral como um recurso pertinente na aproximação da realidade do objeto de estudo. A fonte oral permite trazer à tona as especificidades dos agentes sociais. Verbalizar fatos se torna um elo entre passado e presente, enriquecendo, assim, as reflexões e análises. Vale ressaltar que as informações obtidas através dos depoimentos orais foram contrapostas às demais fontes, como as imagens e as fontes escritas (teses sobre a Festa e registros da Irmandade).

Adepta da fonte oral, Perrot (2005) aponta que esta técnica estabelece maior envolvimento com o (a) pesquisado (a) do que quando se aplica um simples questionário. É importante salientar que o relato oral representou uma espécie de revanche das mulheres e das minorias em geral, que começaram a aparecer nas pesquisas acadêmicas por si mesmas,

preenchendo lacunas históricas e sociológicas antes existentes pela ausência de relatos acerca de mulheres.

Porém, há uma preocupação com o uso da fonte oral enquanto fonte de pesquisa, que é garantir o máximo de veracidade e objetividade aos depoimentos orais colhidos. Assim, foi necessário recorrer a instrumentos que ajudaram na elucidação dos fatos, como uma elaboração prévia para direcionamento das entrevistas e a comparação destas com os outros recursos metodológicos utilizados no presente estudo, bem como ao apoio de fontes bibliográficas compatíveis à problemática investigada, de forma a reunir elementos para realizar a contraprova e excluir as distorções.

Todas as entrevistas foram analisadas, sendo escolhidas 12 para transcrição. A escolha destas se fez durante a tabulação dos dados, de acordo com variantes imprescindíveis ao estudo, que são os temas relacionados ao trabalho, participação feminina e mudança de comportamento. As 29 entrevistas apresentaram unanimidade no reconhecimento da importância da participação feminina na Festa, assim, foram escolhidas aquelas que melhor sintetizaram a realidade do espaço-tempo das mulheres na Festa.

Para tanto, as observações registradas no diário de campo foram fundamentais, pois deram suporte à análise dos fatos apresentados nas entrevistas e também nas imagens. O direcionamento dos registros no diário de campo seguiu as orientações de Falkembach (1987). De construção livre, ele se constitui como a memória do (a) pesquisador (a),

as anotações do diário de campo podem ser descritivas, ou seja, caracterizar as demandas, detalhando os fenômenos sociais ou podem ser de caráter analítico-reflexivo, onde a partir da observação dos acontecimentos diários é possível se levantar questionamentos e indagações, desenvolvendo o processo de reflexão, na tentativa de buscar compreender significados e explicações para os fenômenos sociais. Neste sentido, as reflexões cotidianas são fundamentais neste processo, pois contribuem tanto para enriquecer a intervenção, através de novas tomadas de decisão, quanto para a teoria, que acaba se renovando, com a aglutinação de novos dados sobre a realidade. (FALKEMBACH, 1987, p. 21).

Os registros descritos chamam à reflexão e ampliam o olhar do (a) pesquisador (a); é um sistema de informações que a cada vez que se recorre a ele é possível desenvolver novas, ou melhorar, ou melhores avaliações sobre o evento pesquisado. Assim, o conhecimento se amplia, o que é fundamental para garantir a qualidade da pesquisa, seja qual for seu objetivo, e, no caso de pretensa intervenção, quanto maior o conhecimento mais chance de sucesso, visto que é preciso conhecer primeiro para depois intervir.

O campo reserva muitas surpresas, por isso, quanto mais registros, melhor. Além das observações e entrevistas, o registro fotográfico foi um importante recurso enquanto fonte de pesquisa, e, como qualquer técnica, também requer atenção em seu manejo

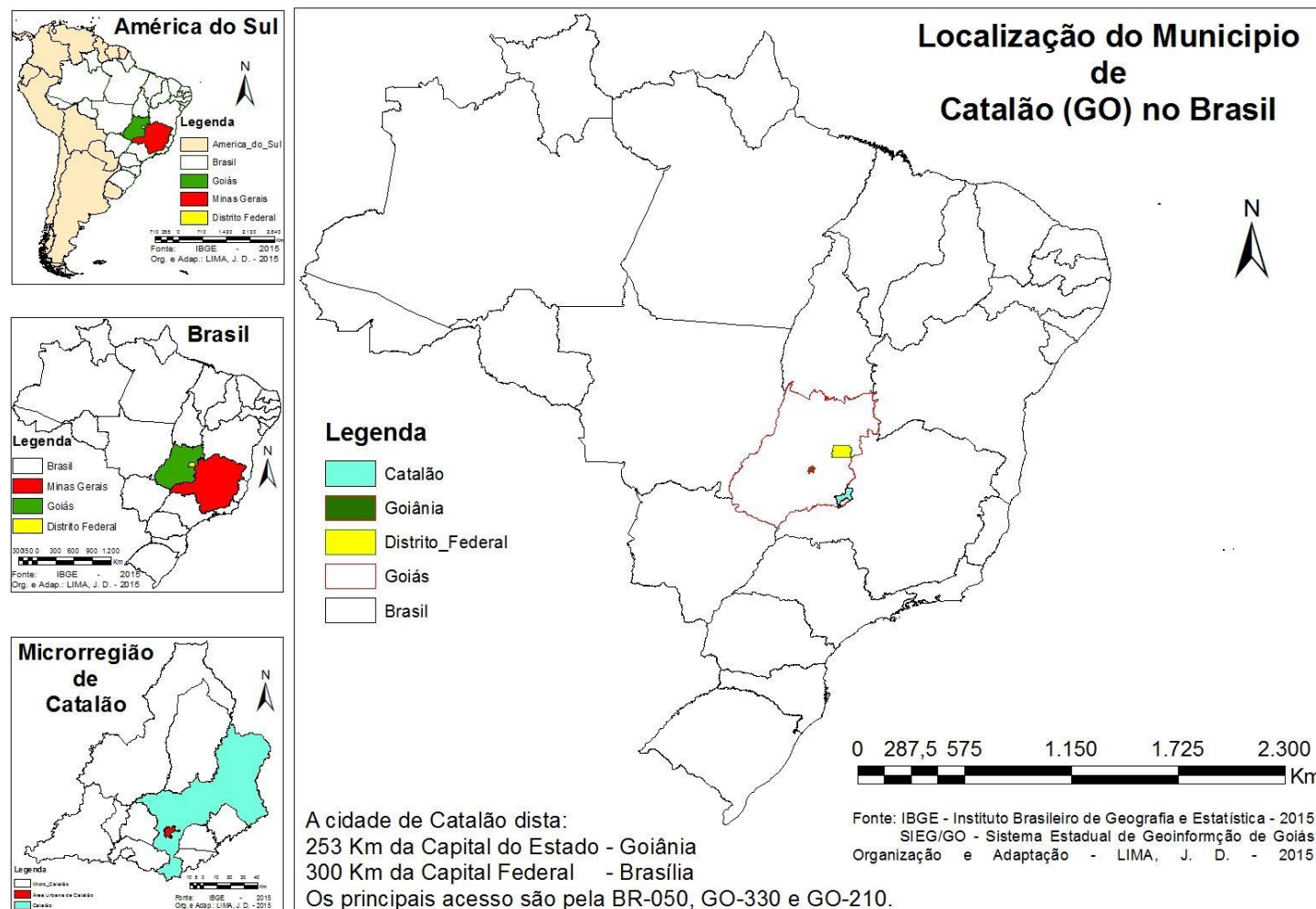
[...] a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade. (FLAMARION; MAUAD, 1997, p. 405).

A compreensão da imagem em si pode estar muitas vezes além da impressão que se afixou no papel, por isso a análise deve ir além da imagem, reunindo elementos do contexto em que foi produzida. Enfim, todos os recursos metodológicos utilizados foram explorados e interligados na construção do conhecimento para que se chegasse o mais próximo possível da realidade.

1.2 Contextualizando o espaço da pesquisa: a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário acontece no município de Catalão (GO), que se localiza no Sudeste do Estado de Goiás (Mapa 1). A Microrregião da qual faz parte é a que leva o próprio nome, e está integrada à Mesorregião do Sul Goiano, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Três povoados fazem parte o município: Olhos d'água, Pedra Branca, Cisterna, e mais dois distritos: Santo Antônio do Rio Verde e Pires Belo. Catalão (GO) possui uma população de 96.836 habitantes, conforme dados do IBGE em 2014. Local de fácil acesso, é margeado pela BR-050, ligando-se ao Norte do país e a São Paulo. Também está próximo ao estado de Minas Gerais, a 100 km da cidade de Uberlândia (MG).

Mapa 1 - Localização do Município de Catalão (GO) no Brasil



Fonte: IBGE (2015); SIEG-GO (2005).
Organização e adaptação: LIMA, J. D. (2015)

A origem de Catalão está no contexto do ciclo do ouro, quando os Bandeirantes adentraram o interior do país abrindo caminhos em busca de ouro. De acordo com o memorialista Ramos (1997), Catalão, provavelmente, foi fundada em 1722 por um acompanhante da Bandeira de Bueno Filho, de origem catalã da Espanha. Bueno escolheu as proximidades do rio Paranaíba para fixar o acampamento que serviria de apoio aos exploradores futuros.

A exploração aurífera não obteve sucesso em Goiás, e começa a declinar em todo país, pois havia ausência de técnicas especiais e mão de obra, além da má administração, uma vez que os portugueses só visavam recolher impostos. De acordo com Chaul (1997), Goiás passa por um período de estagnação e a economia estava voltada para a pecuária, o que se intensifica no século XIX, e a região de Catalão estava inserida nesse contexto.

Ramos (1997), por meio de registros, aponta que, por volta de 1810, um fazendeiro chamado Antônio Manoel doou um terreno para construção de uma igreja. Aliada à devoção havia também o interesse em atrair moradores para a região e valorizar suas terras. Nestas terras foi construída a Igreja de Nossa Senhora Mãe de Deus onde começaram a celebrar missas e festas religiosas. Surgem então ao redor da igreja armazéns e vendas, dando início a um comércio e, com isso, um povoado, que, posteriormente, torna-se vila em 12 de fevereiro de 1834, cabeça de distrito em 12 de maio de 1837 e cidade em 20 de agosto de 1859.

Catalão se desenvolve com várias características em seu contexto, economicamente é suporte para os grandes centros, com fornecimento de carne, arroz e feijão, assim como outras cidades de Goiás. Politicamente, destacou-se pela prática do coronelismo no final do século XIX e início do século XX. A grande transformação aparece na década de 1970, com a descoberta e exploração de minérios, em especial, nióbio e fosfato, atraindo trabalhadores de todo o país. Em 1990, uma crise se instaura com a privatização da então Fosfértil. Porém, sua boa localização e os incentivos fiscais, permitiram à cidade, o desenvolvimento industrial. Várias empresas se instalaram aqui, como a John Deer Brasil LTDA. e Mitsubishi Automotores do Brasil.

Culturalmente, Catalão (GO) tem visibilidade nacional através da congada, uma das dimensões da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, que é lócus da presente pesquisa. A referida Festa é realizada todos os anos, no início do mês de outubro, desde o ano 1876. Atualmente, está concentrada na Praça Irineu Reis Nicolleti, região central de Catalão (GO). A Festa do Rosário é uma festa popular que agrega em seu contexto características religiosas, culturais e econômicas.

Durante o período da Festa são realizadas missas e novenas, que compõem a parte religiosa, sendo acompanhada por milhares de expectadores da cidade e da região. No que tange ao âmbito cultural tem-se a participação da congada com apresentação dos ternos de congo. A Festa conta, ainda, com a parte comercial com exposição de barracas de comidas, entretenimento e mercadorias diversas, há também um espaço para realização de leilões com música ao vivo. No Centro do Folclore⁴, que fica ao lado da igreja, são realizadas as ceias durante todo período da festa, que são jantares com comidas típicas. Costa (2012) define o espaço-tempo da festa

A Festa do Rosário faz parte do processo de reprodução da cidade de Catalão, como prática socioespacial de uso e apropriação do espaço que acontece todos os anos nos primeiros quinze dias do mês de outubro desde o ano de 1876, oficialmente, mas pode ter surgido antes, por volta de 1820. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é uma típica festa religiosa popular que, além da parte especificamente religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, conta com uma manifestação que é cultural, a Congada com a qual, inicialmente apenas a comunidade negra homenageava a Santa do Rosário. A festa tem ainda uma parte comercial em forma de feira. A Festa do Rosário é um todo, no qual diferentes níveis e dimensões são reproduzidos no seu espaço-tempo: a dimensão do sagrado e do profano, da troca e do comércio, da alegria e do sacrifício. (COSTA, 2010, p. 92).

Parte importante do enredo da Festa, a congada, exige dedicação e trabalho de homens e mulheres que participam desta prática. Geralmente, os trabalhos para a realização das Congadas duram todo o ano, intensificando-se a partir do mês de agosto, com ensaios que acontecem nas casas dos atuais capitães⁵, ou em casas de ex-capitães de cada terno.

O estudo se guia pela compreensão do trabalho feminino, de maneira mais ampla, entendendo o espaço produtivo, social e conseqüentemente a relação entre masculino e feminino estabelecida na Festa. Para tanto, foi escolhida a metodologia da pesquisa qualitativa sendo esta, a que mais se adequou à pesquisa que trata a compreensão dos fenômenos sociais.

As observações em campo permitiram perceber que há funções diferenciadas para homens e mulheres, porém, evidencia-se um movimento de resistência feminina ao que está estabelecido, esta resistência é perceptível quando as mulheres adentram lugares masculinos, como o ato de tocar caixas nos ternos de congo, ação ainda reprovada e não admitida em alguns ternos. Estas atitudes mostram o exercício do poder, através das resistências.

⁴ Espaço construído pela irmandade para realização de eventos, durante o ano, como reza de terço e jantares com fins lucrativos para realização da Festa.

⁵O capitão é o responsável pelo terno, é ele quem organiza o grupo, busca recursos, confecciona e cuida dos instrumentos. Cada terno tem dois capitães, o primeiro e o segundo capitão. Desde os mais remotos registros a função de primeiro capitão sempre foi ocupada por um homem.

A dissertação, está organizada em três capítulos, além da introdução e considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado **Mulheres e Sociedade**: a luta pela visibilidade, apresenta-se uma análise de como se deu a construção do papel feminino ao longo do tempo, alcançando todos os setores da sociedade.

No segundo capítulo, intitulado **A Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**: origem, estrutura, preparação e atuação feminina, apresenta-se o contexto preparatório para a festa e a atuação da mulher neste processo.

O terceiro capítulo, **Elas estão por toda parte**, apresenta a metodologia utilizada e os dados empíricos da pesquisa. É o momento do estudo que mais se aproxima da realidade feminina na Festa. É, também neste capítulo que se aponta a importância científica de uma pretensa intervenção social na busca de uma sociedade menos excludente, uma vez que este é o papel da abordagem geográfica aliada à categoria gênero. O espaço geográfico é de origem social e as relações nele estabelecidas, por vezes massacrantes, constituem o espaço por meio das dimensões que compõem a sociedade. Assim sendo, espera-se que a presente pesquisa estimule mais estudos acerca da construção histórica de definição de papéis para homens e mulheres, despertando reflexões que tornem as ações femininas mais visíveis.

2 MULHERES E SOCIEDADE: a luta pela visibilidade

Durante muito tempo, a mulher foi representada na sociedade como um ser humano frágil em relação ao homem, passando a acreditar que essa característica era algo inato a elas e que, por si só, justificava a submissão. Ao analisar o contexto histórico das mulheres, na literatura e principalmente na ciência, percebe-se que, quase sempre, elas ocuparam o lugar de exclusão ou inferioridade. E não poderia ser diferente, uma vez que até o século XIX as mulheres não possuíam, nem mesmo, o direito à educação básica.

Com início do Movimento Feminista no século XIX começou-se a lutar por uma participação mais efetiva das mulheres na sociedade. O sentimento de luta passou a fazer parte da vida de muitas mulheres, que reivindicaram frente às instituições públicas o direito ao voto, à educação, ao divórcio e ao trabalho assalariado. O movimento feminista colocou as mulheres em evidência, apresentando outra parte da população, que é a responsável por ações essenciais para a produção e reprodução humana, bem como despertou a visibilidade para outras identidades de gênero, estimulando estudos que colocam em voga as discussões sobre o respeito aos direitos humanos, sexuais e às diferenças.

Um movimento em favor da história das mulheres eclodiu no Brasil, a partir de 1970, nas ciências sociais, durante a denominada segunda onda do movimento feminista. De acordo com Ribeiro (2014), a primeira onda foi no século XIX, com reivindicações políticas, como o direito ao voto. Mais expressiva, certamente pelo contexto mundial do pós-guerra, em um segundo momento, o movimento feminista no Brasil, além de buscar mais valorização da mulher, destacou-se pela luta contra a ditadura. Ganhando espaço na mídia, chegando assim a vários setores da sociedade, outro destaque foi a grande participação de professoras universitárias.

Neste contexto estava a Geografia, que despertou interesse pelas questões de gênero levando geógrafos e geógrafas de várias partes do mundo a desenvolverem estudos voltados para a atuação das mulheres na sociedade. Dentre as várias vertentes, está Geografia Crítica, que canaliza os estudos para produção e reprodução social, englobando questões econômicas e culturais de formação marxista.

Ainda de acordo com Ribeiro (2014), na década de 1990, surgiu um novo movimento feminista, em que as preocupações estavam na discussão dos paradigmas das outras ondas, ampliando os olhares para as especificidades das mulheres, direcionando os estudos com recortes de raça e classe, por exemplo. Como a própria denominação diz é um movimento, e está em construção.

Na realidade, muito ainda precisa ser feito para se conhecer o papel da mulher na sociedade, tornando visíveis as ações das mulheres na história, que, durante muito tempo, ficaram silenciadas. Perrot (2013) analisa esse silêncio e aponta que o mesmo foi oportuno para a invisibilidade feminina associada a simbologias que justificassem uma divisão entre homens e mulheres

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala é indecente. ‘Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que seduzida, caiu em transgressão’. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2013. p. 17, grifos do autor).

O desejo por desvendar a lacuna que se criou na história em relação às mulheres foi intensificado na década de 1980, período em que as ciências sociais, de maneira geral, dedicaram-se com mais vigor às pesquisas voltadas para as mulheres enquanto sujeitos atuantes. O que não é uma tarefa fácil, pois as fontes são escassas e obscuras, uma vez que a história foi escrita essencialmente por homens. Mas, o paradoxo se fez, e do silêncio emergiu a voz de cunho íntimo, aguçando um questionamento quanto à realidade social das mulheres. A preocupação com o par dialético entre dominação e opressão, que camuflou por muito tempo as ações de resistência feminina, instigou pesquisadoras e também pesquisadores a encontrarem a origem, ou origens, do modelo social que se firmou, o patriarcado.

2.1 Homens e mulheres: a construção de uma simbologia

As relações de gênero sempre estiveram presentes na sociedade, mas com significações diferentes de acordo com o contexto histórico, e é assim que a humanidade caminha, circunstancialmente pelas ações sociais, econômicas, religiosas e culturais, formando, desse modo, o espaço vivido. Este é produzido por sujeitos que fazem parte do movimento social e das diversas dimensões que ocupam dentro de uma ordem estabelecida.

A compreensão desta ordem implica conhecer a formação da sociedade e da divisão dos papéis para homem e mulher que foi se firmando ao longo do tempo. O homem representa a virilidade, um ser forte e protetor, assim, em detrimento à representação feminina, ele é considerado naturalmente superior, formando então uma hierarquia.

A hierarquia está nas relações sociais, apontando um poder desigual marcado pela supremacia masculina em relação ao feminino, e que se torna ponto de partida para a formação da ordem social, caracterizada pelo modelo patriarcal. De acordo com Engels (2002), a constituição desta ordem está na organização do trabalho e da família.

Desde a era primitiva, há uma divisão sexual do trabalho, iniciando assim as territorialidades de afirmação/negação dos gêneros. Engels (2002), em sua obra, faz uma leitura da história das mulheres desde os tempos primitivos, em que a terra era comum e as técnicas para o trabalho ainda rudimentares. A mulher ficava no lar, cuidava das crianças e a maternidade era, e é, o ponto central da diferença dos corpos, o que se torna uma questão social, mesmo para aquelas que não têm filhos “[...] a função materna é um pilar da sociedade e da força dos estados, torna-se um fato social.” (PERROT, 2013, p. 69).

O corpo é usado como justificativa, uma vez que a maternidade é uma tarefa intransferível, ainda. Assim, os homens ficavam com a responsabilidade da caça e da pesca e as mulheres com o cuidado com as crianças e plantações nas aldeias e proximidades. Desse modo, divisão sexual do trabalho embasa a constituição de grupos até chegar à família propriamente dita.

Os modelos de família vão se formando e transformando. Engels (2002) apresenta as transformações desde o modelo primitivo, que é caracterizado por um comércio sexual promíscuo, passando pelos modelos: consanguíneo, punalua, sindiásmica, chegando então ao modelo que permanece até os dias atuais, o patriarcado, que foi se afirmando juntamente com a acumulação de riquezas

[...] as riquezas, à medida que iam aumentando, davam por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e por outro lado, faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. (ENGELS, 2002, p. 59).

A propriedade privada aparece neste contexto por meio de um senhor e seus escravos, em que o homem era proprietário não só da terra, mas de outros homens e também da mulher. O sentido de posse iniciado naquele momento permeará as relações entre feminino e masculino, estabelecendo regras e delimitação de espaços e funções. Daí em diante, o homem passa a ocupar, cada vez mais, um lugar de destaque no convívio social, e à mulher cabe ainda o espaço privado e as funções que ali se realizam, que passaram a ser de menor prestígio.

A sociedade vai se formando através de um movimento que inclui a divisão de classes: senhores, escravos, homens, mulheres, o que, por sua vez, propiciou um domínio de decisão social àqueles que detinham mais riqueza, ou os meios desta. De acordo com Engels (2002), é o surgimento do Estado como resultado de um processo pelo qual a classe economicamente mais forte, isto é, a que detém os meios de produção decisivos, exercita seu poder sobre determinada sociedade.

O Estado se institucionalizou juntamente com o modelo patriarcal, afirmando uma ideia de relação hierarquizada, em que os seres são socialmente desiguais. Foucault (1979) apresenta a ideia que se tem daquele que governa

[...] governar um Estado significa, portanto, estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto ao pai de família. (FOUCAULT, 1979, 281).

Aquele que protege, que cuida, a figura masculina, é que é o mais forte. É como se o espaço destinado à mulher, o privado e não o público, onde se realiza o poder do Estado, fosse algo natural e não uma construção social. O patriarcado é uma superestrutura social, não tem corpo físico, mas sua presença é material, cotidiana. E o Estado determina e garante o patriarcado. Porém, há que se pensar que, quando se é necessário controlar, vigiar, é porque se tem uma relação de poder em constante movimento. Assim, há uma disputa de poder, mas com regras desiguais, pois são pautadas no patriarcado, esta luta se constitui, levando a uma aparência natural de um embate desigual.

Nesse sentido, vale ressaltar que é necessário pensar o patriarcado como uma relação de poder entre homens e mulheres, conforme Saffioti (2004, p. 46) esclarece: “[...] tampouco se considera correta a interpretação de que sob a ordem patriarcal de gênero as mulheres não detêm nenhum poder.” Há sim uma disputa de poder, que não deve ser apenas pela igualdade, pois esta serve para afirmar a dominação, haja vista que homens e mulheres são diferentes. O discurso da igualdade leva ao controle e à dominação. Isso acontece pela maneira que o patriarcado se consolidou, são séculos de dominação explícita e implícita, com uma habilidade crucial de se adaptar às transformações da sociedade, sabendo se (re)significar a cada momento. Uma das explicações para essa capacidade de mutação está na presença social e na coerção

Embora o patriarcado diga respeito, em termos específicos, à ordem de gênero, expande-se por todo o corpo social. Isto não significa que não

existam violências praticadas em, por exemplo, sociedades coletoras. Mas o valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social [...] Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros, fica fora do esquema de gênero patriarcal. (SAFFIOTI, 2004, p. 122).

Não reconhecer esta dominação é alimentá-la, é disponibilizar lugares para que o patriarcado se espacialize cada vez mais, contribuindo para que a mulher continue no lugar de exploração. Um bom exemplo de “mutação” pelo qual passou o patriarcado é sua adaptação ao modo de produção capitalista. A partir do século XVI a mão-de-obra feminina, que não era reconhecida como contribuição efetiva na produção, é cooptada pelo modo de produção capitalista.

A princípio, a inserção feminina no mercado de trabalho representou uma grande conquista, a mulher assumiu um papel social representado até então pelo homem. É inegável que a mulher vem conquistando espaços ao longo do tempo, porém, a análise a ser desenvolvida deve se ater a toda complexidade das conquistas, buscando reconhecer a real condição feminina no mercado de trabalho e as influências do patriarcado neste segmento. Mas ainda é notória a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, e, de acordo com Roy (1999), a presença das mulheres no mercado formal ainda é bastante inferior em relação ao mercado informal, sendo este o de maior precarização, e é onde as mulheres estão em maioria. Esta relação de homens e mulheres no mercado de trabalho será apresentada no próximo sub-tópico, vislumbrando a influência do patriarcado.

2.2 Mundo do trabalho e mulheres: transformações na sociedade atual

É no espaço social que as relações se materializam e o trabalho é o alicerce do desenvolvimento dessas relações. De acordo com Tomaz Júnior (2002), o trabalho está ontologicamente atrelado ao processo de humanização do homem e da mulher. Isso implica compreender o trabalho em sua totalidade e assim reconhecer homens e mulheres como agentes ativos nesse processo. Por meio do mundo do trabalho é possível vislumbrar o movimento da sociedade e entender o capitalismo como regulador social, que subordina homens e mulheres ao seu processo de produção e reprodução.

A inserção da mulher na esfera produtiva foi acompanhada de acentuadas desigualdades: salários baixos; contratos precarizados; informalidade; e serviços secundários. Mesmo não tendo feito uma discussão específica sobre o trabalho feminino, Marx (2013) aponta que este adentrou as fábricas com o lema da liberdade de trabalho, mas que, na

realidade, foi muito mais uma conquista do capital, com o objetivo de explorar ainda mais a classe trabalhadora, incluindo agora as mulheres. O ponto positivo desta inserção está no desdobramento da emancipação econômica que alcança a emancipação política, fortemente embasada e fortalecida pela segunda onda do movimento feminista.

A partir de meados do século XX, uma onda de movimentos de contestação tomou conta do mundo e, dentre tantas manifestações, estava o movimento feminista, que ficou marcado pela “queima de sutiãs” das mulheres norte americanas que invadiram as ruas de *Atlantic City*, levando símbolos de feminilidade da época: cílios postiços, revistas femininas, sapatos de salto alto, detergentes e sutiãs. A queima na verdade era uma forma de enfrentamento de uma sociedade dominada por homens.

Em sua obra, Perrot (2013) aponta que o movimento feminista tem raízes na Revolução Francesa, no século XIX, momento em que as mulheres lutaram juntamente com os homens, ou mesmo sozinhas, como quando marcharam rumo ao Palácio de Versalhes no ano de 1789 exigindo o cumprimento de suas petições junto ao rei e acabaram conseguindo fazer com que a família real se mudasse para Paris. A atuação feminina nos movimentos de contestação seguiu, às vezes, tímida, porém existentes, principalmente nos Estados Unidos, onde operárias da indústria têxtil, se mobilizaram para reivindicar redução da jornada de trabalho e melhores salários, no ano de 1857.

De acordo com Alves e Pitangy (1991), foi no fim do século XIX que os ideais feministas deram um importante passo. Na Inglaterra, as mulheres lutaram por seus direitos e essa luta é representada historicamente pelo direito de votar. Pouco depois, as mulheres começam a buscar maior participação política, lutando por cargos e representatividade. Com o passar do tempo, esta luta ganha mais participantes, aumentando, também, as causas de reivindicações, e une-se a outros movimentos, como o dos homossexuais e dos negros, espalhando-se por vários países.

No Brasil, o pensamento feminista se fez presente no século XIX, destacando-se com Nísia Floresta⁶, e as reivindicações eram para a educação e o direito ao voto. Del Priori (2000) aponta que a conquista do voto chegou em 1932, momento em que o país foi tomado por um período de regimes autoritários e conturbações políticas, e que a participação feminina também foi presente na contestação da censura e na busca pela democracia.

⁶ Dionísia Gonçalves Pinto era francesa e foi a primeira a divulgar ideias de rompimento entre espaço público e o privado no Brasil, ainda no século XIX. Pertencia ao movimento sufragista, lutando pelo direito da participação feminina na esfera política. É considerada a precursora do pensamento feminista no Brasil (DEL PRIORI, 2000).

Várias mulheres foram torturadas e mortas pelos militares, que assumiram o poder no país de 1964 a 1988, segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), que é uma comissão de parlamentares cujo objetivo é investigar e apresentar à sociedade as violações dos direitos humanos ocorridos entre 1964 a 1988. Até o momento, apurou-se que 11% dos mortos ou desaparecidos políticos no período da ditadura eram mulheres. A CNV foi implementada pela presidenta Dilma Rousseff, uma vítima da tortura durante a ditadura militar brasileira.

A partir de 1970, especificamente em 1975, com a institucionalização do ano internacional da mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), com influências dos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos, as discussões sobre a condição feminina se tornam ainda mais consistentes.

Mais articulado, o movimento feminista no Brasil e no mundo aumenta o leque de questionamentos, incluindo a divisão sexual do trabalho, a participação do poder de decisão (de maneira geral), a liberdade sexual e do prazer, e, talvez, a questão mais importante, a construção e afirmação da categoria gênero que, de acordo com Roy (1999)

é um importante instrumento que permite observar e analisar os papéis sociais que homens e mulheres desempenham, ou melhor, permite analisar as características e os estereótipos que são fortemente utilizados, seja no âmbito social, político, econômico ou cultural. Esta análise vem transcorrendo nas últimas décadas, propiciando a criação do senso crítico nos movimentos de mulheres, nos movimentos sociais e étnico-raciais em geral, nos partidos políticos [...] (ROY, 1999, p. 59).

Nesse sentido, surge o maior reconhecimento das discriminações relativas a gênero, iniciando um processo que possibilita perceber que houve uma construção do papel feminino, um modelo do que é ser mulher e do que é ser homem. A mulher é caracterizada como sensível cuidadora da prole e atuante no lar. Enquanto o homem é o provedor da família, o sexo forte que não pode revelar suas emoções. Como se homens e mulheres ocupassem lugares distintos, com funções distintas, obedecendo a uma construção de “modelos ideais”. O conceito de gênero instigou novos pensamentos que desmistificam essa construção e tornam a disputa de poder entre homens e mulheres mais tensionada, principalmente no campo do trabalho. E a ciência geográfica se faz presente no campo das discussões de gêneros, influenciada pelos movimentos que instigaram estudos acerca do ambiente humano, que está no espaço geográfico.

Isto posto, as geografias feministas ganham espaços e respeitabilidade no Brasil, destacando-se, dentre outras, e outros, pesquisadoras como Rosa Ester Rossini, com pesquisas

voltadas para exclusão social e trabalho, e Joseli Maria Silva, que tem como foco estudos acerca da sexualidade e corporeidade no espaço geográfico. Esta vertente de gênero na Geografia permite desafiar conceitos e metodologias que sustentam a supremacia masculina na sociedade e abre espaço nas narrativas acadêmicas para a questão, embora ainda exista um enorme preconceito em relação a tais pesquisas. Uma das vertentes pesquisadas relaciona gênero e trabalho na sociedade atual.

Levando em consideração que a sociedade caminha através das relações estabelecidas a partir de seu modo de produção, o trabalho é um campo de atuação constante de homens e mulheres, que inevitavelmente está influenciado pelo capitalismo. Ao longo de sua existência, o modo de produção capitalista se reinventa diante do contexto formado pelas resistências. Assim, ele se reestrutura afetando o contexto dos trabalhadores e trabalhadoras.

A segunda metade do século XX foi marcada por grandes transformações no mundo, a Segunda Guerra deixou um cenário de desorganização econômica que precisava ser ajustada imediatamente. O capitalismo se reestrutura e a América latina é o destaque nesse novo processo. A palavra de comando é a globalização, que exige uma nova dinâmica econômica, com abertura comercial e financeira, renovando tecnologias e reestruturando os processos produtivos.

Em meio a esse cenário de transformações no mundo do trabalho está a flexibilização do trabalho, termo utilizado por Harvey (1992) para descrever as novas formas de organização da produção. De acordo com o autor, houve uma compressão espaço-tempo advinda da onda de globalização

a acumulação flexível, como vou chamá-la é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado 'setor de serviços' bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas Ela também envolve um novo movimento que chamarei de "compressão do espaço-tempo" no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte, possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. (HARVEY, 1992, p. 140, grifo do autor).

A flexibilização do trabalho é o processo de fragmentação do modo de produção, que cria novas formas de organização através de algumas estratégias, como a verticalização e externalização da produção, a contratação de mão-de-obra em tempo parcial, o trabalho informal entre outras. Vale ressaltar que estas formas de flexibilização do trabalho acontecem de maneira diferenciada quando analisadas a partir das relações de gênero. De acordo com Antunes (1999), as mulheres são mais atingidas pelo trabalho precarizado e, portanto, mais exploradas

vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado [...] sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho. (ANTUNES, 1999, p. 105)

A divisão sexual do trabalho permanece até os dias atuais e continua acentuando a separação entre feminino e masculino. Nota-se que há uma influência do papel da mulher construído ao longo do tempo, em que as atividades femininas que eram restritas ao espaço privado (menos valorizadas) se estendem ao espaço público.

Além da exploração no trabalho remunerado, pode-se dizer que a mulher é explorada duas vezes pelo modo de produção capitalista, uma vez que as correntes do trabalho doméstico ainda a aprisionam, mesmo trabalhando fora do lar, estas atividades ainda estão em sua maioria sob a responsabilidade da mulher. Com isso, a apropriação do espaço se dá de forma diferenciada entre homens e mulheres, fato que se coloca como um campo de investigações para as ciências, em especial a Geografia. O caminho é o entendimento das relações de gênero e a crítica ao patriarcado como instrumento de dominação, exploração e segregação.

O poder do patriarcado se constitui na família, Estado, religião, enfim, na sociedade, porém, é importante salientar que a sociedade não está pronta e acabada e sim em construção, e o papel da mulher também. O que se tem na verdade é uma relação de conflitos para a construção de normas e padrões, em que o poder, de acordo com Raffestin (1993),

se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo do poder [...] Onde há poder

há resistência e, no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

O movimento feminista aponta a atuação das mulheres que querem se afirmar enquanto ser atuante e mais visível na sociedade, vislumbrando a relação do exercício do poder. Como não poderia ser diferente, as transformações saem do campo do trabalho e atingem outros setores da sociedade e alcançam padrões culturais e sociais do papel das mulheres.

A atuação das mulheres intensifica nos espaços públicos e altera a constituição de um modelo do papel feminino cada vez mais voltado para o trabalho produtivo. Este processo se deu concomitantemente ao processo de reestruturação do capital, que acabou por delegar às mulheres o trabalho mais precarizado. Porém, não há apenas continuidades, houve também transformações. As mulheres buscam mais qualificação, e, portanto, passam a ocupar setores até então dominados pelos homens.

É importante ressaltar que o que está em questão não é a quantidade de conquistas das mulheres, e sim a sua atuação dentro do modelo patriarcal, e como elas se apropriam daquilo que se estabeleceu como “espaço natural” do homem. Em uma sociedade capitalista norteada pelo trabalho há de se supor que as transformações ocorrem primeiramente neste campo para depois transcenderem.

A ação direta no mundo do trabalho possibilita aos agentes sociais, no caso as mulheres, apresentarem suas resistências à subordinação ao patriarcado, redefinindo padrões sociais e culturais. Esta atuação será apresentada no próximo sub-tópico.

2.3 Quebrando correntes: a atuação feminina

As lutas pelo respeito às especificidades dos sexos é um processo em construção e obtêm sucesso por meio da junção entre protestos dos movimentos sociais e atuação direta no processo de produção, no qual as mulheres mostram sua importância. São capazes de gerar renda com o fruto de seu trabalho, competindo por cargos e funções que durante muito tempo foram exclusivos aos homens. Mais que a conquista de espaços, as mulheres buscam a igualdade no exercício do poder e assim terem visibilidade no movimento da sociedade.

O poder necessariamente implica uma relação de dominação no caso específico de homens sobre mulheres. Entretanto, pensar esta dinâmica como unilateral, ou seja, como uma barbárie masculina é incorrer no erro da vitimização. A mulher também é sujeito atuante que se impõe e exercita o poder.

As relações de poder não são estáticas, elas interagem entre si. Foucault (1979) entende que o poder está no micro, nas relações cotidianas, circulando entre as pessoas, não está nas pessoas. Desse modo, pensar numa simples dominação de oprimidos já não faz sentido para entender processos complicados de relações sociais, que são dinâmicas, interagem entre si, reorganizam-se, separam-se, contradizem-se, e procuram novas formas de afirmação/negação.

Nesse sentido, o conceito de gênero possibilita deslocar o foco das relações entre homens e mulheres para o social, que antes eram concebidas no âmbito biológico, e, portanto, tidas como naturais. O que para Scott (2002) é uma superação da discussão de igualdade e de diferenças, avançando para a discussão histórica e relacional de gênero, uma vertente que possibilita (re)conhecer o fato de que as realidades históricas são construídas, inter-relacionando o social, o cultural e as subjetividades.

Desse modo, analisar as relações de gênero a partir de qualquer realidade histórica sem dúvida é o caminho para mapear as assimetrias e exclusões que estão presentes em quase todas as culturas ao longo da história humana, desmistificando, assim, a ideia de que há uma disposição natural das coisas. É inegável que historicamente as mulheres sempre tiveram que enfrentar a desigualdade, todavia, é tão verdade quanto o fato de que elas nunca se submeteram completamente. “Submissão e resistência sempre fizeram parte da vida das mulheres.” (STREY, 2001, p. 9). A resistência é parte inerente da dominação, tenciona o poder a todo o tempo.

Não reconhecer as resistências femininas ao longo do tempo e/ou torná-las insignificantes se comparadas aos dias atuais é cometer anacronismo. Há de perceber que nos últimos cinquenta anos a mulher se torna cada vez mais expressiva, é claro que esta visibilidade tem a ver com o atual contexto. Ressalta-se que não há intenção de restringir a discussão de emancipação à participação no mercado de trabalho, apenas se entende que tal fato contribui no tensionamento das relações, colaborando para que haja uma mudança nas relações de poder estabelecidas pelo patriarcado.

Reconhecida como sujeito economicamente ativo a mulher se empodera e assume tarefas que ao longo do tempo eram designadas exclusivamente aos homens. Assim, pode-se dizer que a mulher (re)significa o espaço produzido pelo patriarcado. A realidade é que homens e mulheres vivem relações sociais e produzem territórios a partir de interações e exercício do poder. Isso se faz no cotidiano, no movimento singular, é nas “brechas” que as mulheres conquistam novos papéis e/ou os (re)significam

Do estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que produzem o território. [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem territórios. (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Isso se faz no movimento diário, pois o patriarcado ainda está presente. A mulher saiu do espaço privado, porém, este ainda é constante em sua vida. Não houve uma ruptura, ou uma divisão explícita das tarefas domésticas, que ainda estão sob a regência feminina. Mas esta situação tem apresentado alterações, como por exemplo, a licença paternidade ampliada em alguns países.

A territorialização do patriarcado, nos dias atuais, pode ser observada na dupla jornada feminina: trabalho remunerado e as tarefas do lar. Aliás, a associação da mulher com as tarefas de cuidar, limpar, alimentar, ainda transcende o lar, basta observar que alguns setores da economia que prestam serviços nessa área estão repletos de trabalhadoras. É o caso da saúde, os hospitais estão lotados de mulheres que trabalham na cozinha, na limpeza, como enfermeiras e técnicas de enfermagem, mas ainda há poucas como médicas, o que demonstra a persistência de uma relação desigual. Outro exemplo é trabalho docente, que é tido, equivocadamente, como uma vocação, um dom e uma atividade ligada ao cuidado. No Brasil, cerca de 90% dos docentes do ensino infantil são mulheres. (EDUCACENSO, 2011)

Por isso, a mulher está em constante afirmação, negação, imposição, é a maneira de se ressignificar na sociedade. Uma síntese de indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE, 2013) mostra que, gradativamente, o número de mulheres assumindo tarefas variadas vem crescendo. O jornal diário Sintonia, do Estado de Minas Gerais, mostra uma pesquisa do ano de 2010, em que 20% do efetivo de pedreiras é composto por mulheres na construção civil do entorno de Araxá (MG)⁷.

Há, ainda, mulheres operando grandes máquinas, desenvolvendo pesquisas em diversas áreas da ciência e tecnologia, ocupando cargos de chefia, como no caso do Brasil, que é governado desde 2011 por uma mulher. No entanto, como já salientado, as mulheres ainda possuem salários menores e estão concentradas em atividades construídas como femininas.

Vale ressaltar que a resistência feminina não é fruto da contemporaneidade, basta se remeter ao passado para se cientificar que a resistência ao modelo que se estabeleceu, separando os papéis de homens e mulheres, sempre foi contestado. Como por exemplo, o conhecido caso das operárias que morreram queimadas em Nova York no século XIX, as

⁷Dados obtidos no site: <http://www.diariosintonia.com.br/>. Acesso em janeiro de 2015.

quais lutavam pela redução da jornada de trabalho e a igualdade de direitos que eram dados aos trabalhadores homens. Ainda mais distante está Joana Dàrc, que no século XV comandou um exército de homens na Guerra dos Cem Anos. Cleópatra ficou conhecida pelas suas futilidades, mas nos bastidores do Reinado do Egito atuou como estrategista militar. A lista é enorme, Marie Curie, a primeira mulher a ganhar um prêmio Nobel por suas pesquisas na área radioativa; Coco Chanel e a revolução na moda feminina, que passa a apresentar uma mulher mais independente. E por aí vai, são milhares de Marias, Joanas e Cleópatras espalhadas pelo mundo.

Assim, compreende-se que mulheres e homens exercem poderes em diferentes graus, situações e natureza, pois o poder se constitui dentro de uma dinâmica em que as forças são interdependentes, mas se cruzam.

Vale ressaltar que este exercício é árduo. A mulher tem que lutar contra o que já está institucionalizado e/ou firmado. O patriarcado atinge todos os campos sociais e todos os gêneros, inclusive as próprias mulheres, o que Saffioti (2004) denominou de máquina do patriarcado

[...] esta estrutura hierárquica, que confere aos homens o direito de dominar as mulheres, independentemente da figura humana singular investida de poder. Quer se trate de Pedro, João ou Zé Ninguém, a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo. (SAFFIOTI, 2004, p. 102)

Eis então a dimensão da presença do patriarcado e a difícil tarefa de superá-lo, pois isso exige mudanças radicais no comportamento social, até mesmo na maneira de se reivindicar. A transformação não está na luta pela igualdade e, sim, no respeito às diferenças. O patriarcado está no movimento da sociedade, e é através da disputa de poder entre homens e mulheres que ele se apresenta e se reinventa.

Historicamente, o homem se constituiu como dominador, seja na sua relação com a natureza e/ou em relação ao sexo feminino. Teologicamente, diversos textos bíblicos dão base para a subserviência feminina, e são utilizados sem o devido cuidado com o contexto em que foram produzidos. Assim sendo, e tendo em vista que o objeto do presente estudo está inserido em uma festa religiosa, faz-se necessário conhecer, minimamente, o papel feminino na religião, aqui em específico, o cristianismo católico, para então compreender o papel das mulheres nos ternos de congo da festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO).

2.4 A mulher e a Igreja Católica

Somente após diversas conquistas seculares das mulheres foi que as religiões começaram a repensar o papel feminino, haja vista que toda coerção, cedo ou tarde, acaba por irromper. Desvendar a situação feminina dentro das religiões é algo complexo, os relatos existentes foram realizados por homens, por isso a análise deve ser cautelosa, certamente há omissões, e até mesmo distorções.

Em se tratando do cristianismo, o documento mais antigo é a bíblia, e como todos sabem esta foi escrita por homens. Fiorenza (1995) é uma estudiosa do tema e autora recorrente neste recorte do estudo. Segundo a autora, no cristianismo primitivo se observa um movimento de inclusão dos segmentos sociais marginalizados pelos judeus, incluindo, a mulher

No movimento de Jesus, portanto, as mulheres podiam tornar-se discípulas, embora fossem socialmente marginais, religiosamente inferiores e quase sempre pessoas imundas do ponto de vista do culto. Jesus questionava radicalmente as relações sociais, hierárquico-religiosas e patriarcais. A autoridade de Jesus anula categoricamente qualquer relação de domínio dentro da comunidade cristã (Mt 23, 7-12) [...] Jesus rejeitou radicalmente todas as relações de dependência e dominação. Essa exigência de estruturas inclusivas e livres de domínio, no movimento de Jesus, oferece a base teológica para o reconhecimento das mulheres como discípulas de pleno direito. (FIORENZA, 1995, p. 196).

Liderar missões cristãs, profetizar e apostolar fez parte do papel da mulher, isto aconteceu nos tempos de Jesus, pois nas tradições cristãs primitivas o que prevaleceu foi o poder dos padres, portanto, o modelo patriarcal e androcêntrico. Após a morte de Jesus, Fiorenza (1995) aponta que há um “silêncio lucano” em relação à participação feminina nas primeiras comunidades cristãs. A visibilidade feminina está justamente na ocultação dos relatos, as reuniões cristãs aconteciam nas casas, sendo denominadas igrejas domésticas. Para Johnson (1995), é bem provável que as mulheres também evangelizavam, além é claro de prepararem o local para as reuniões.

A relação da mulher com o cristianismo é contraditória e emblemática, e se acentua ao longo do tempo. O cristianismo se firma, sendo liderado por homens, a mulher aparece como uma “peça” do processo, sendo recorrentemente associada a figuras e personagens que atendessem ao contexto do momento. Em todas as associações, o que se destaca é o exemplo de mãe, ligada a ações divinas que se confundem com os processos de geração, alimentação, cuidado, clemência e misericórdia “[...] Invocada mãe por excelência,

Mãe de Deus, Mãe de Misericórdia, Mãe do Consolo Divino, Nossa Mãe.” (JOHSON, 1995, p 55).

Durante a alta Idade Média, a mulher foi duramente massacrada, certamente, tem sido este o período de grande discriminação. O pensamento clerical, fundamentado nos “santos padres”, foi marcado pela misoginia e pela figura de Eva que corrompe e instiga a maldade. “[...] Foi pela mulher que começou o pecado, por sua culpa todos morremos”. (COYLE, 1999, p. 120).

A veneração à Maria era a repulsa ao corpo e à exposição da mulher ao público, à mulher era reservado o espaço privado, o doméstico, a reclusão. À Igreja era-lhes reservado apenas o direito da oração, negando-lhes o direito a pregar e governar. Mulheres como Maria Madalena e Joana D’arc não eram exemplos a serem seguidos, de acordo com Fiorenza (1995).

O poder da sociedade medieval estava nas mãos da Igreja Católica, com suas ordens religiosas, regras e normas sempre excludentes e rígidas. O que dizer então da inquisição? Período de exacerbação da perseguição à figura feminina e à heresia de bruxaria. Muraro (2000), em sua análise do *Malleus Maleficarum* (Martelo das bruxas), o famoso manual de diagnóstico das bruxas publicado no século XV, aponta que a inquisição foi uma tentativa da Igreja Católica de se manter no poder diante do desenvolvimento da sociedade burguesa, que se fortalecia na crise econômica e política que desestruturava o sistema feudal.

Ou seja, a sociedade passava por uma transição social: mercantilismo, formação dos Estados Nacionais, restauração do Direito Romano. E a Igreja Católica, com sua rigidez, estava abalada. A inquisição foi uma tentativa de afirmação e reestabelecimento de poder, este essencialmente masculino. Freire e Sobrinho (2006) buscam compreender o porquê das mulheres serem o principal alvo da inquisição

Embora seja difícil recuperar traços de resistência por parte da mulher, devido ao silêncio que envolve todo esse fenômeno, poder-se-ia supor que a busca, pela mulher, de outras formas de conhecimento causou todo o ódio masculino. O que fez ser castigada por toda sua atuação e considerados ‘bruxarias’. Toda essa repressão contra a mulher está contida, manifestada na obra de *Malleus Maleficarum* [...] (FREIRE; SOBRINHO, 2006, p. 54).

A partir do contexto da Idade Média, apreende-se que a caça às bruxas se deu por medo das mudanças que estavam ocorrendo, a mulher representava, naquele momento, a própria sociedade, que estava buscando uma nova maneira de organização social, contrária ao desejo da Igreja, que era de manter a velha forma.

É interessante pensar que, mais uma vez, as repressões vêm acompanhadas e respaldadas por figuras e personagens femininos que justificassem a posição da Igreja em coibir a atuação da mulher na sociedade. Eva, personagem bíblica que leva o homem ao pecado, é constantemente recorrida, estigmatizando a mulher e incitando o ódio.

Isto posto, pode-se afirmar que a resistência se fazia de ambos os lados, pois a Igreja resistia em reconhecer a mulher enquanto sujeito social. Uma herança do patriarcado, ou seja, uma sociedade guiada por homens, tornando a mulher um ser inferior. Assim, a ação feminina se faz nas brechas, nos espaços permitidos. Destinadas ao espaço privado, é nele que as mulheres se manifestam e buscam o conhecimento do mundo. Fazer o parto, cuidar da criança, do idoso, certamente foram atos que instigaram a mulher à busca por saberes medicinais, por exemplo. Uma afronta aos homens, e a eles cabia o conhecimento científico, como a medicina.

A inquisição foi a expressão mais cruel de condenar e massacrar a mulher. Muraro (2000) aponta que mais de 100 mil mulheres foram queimadas vivas. Mas a Igreja não foi a única instituição de repressão na Idade Média, as classes “superiores”, como os intelectuais e humanistas, também contribuíram para a inferiorização da mulher.

Vale ressaltar que nem mesmo as transformações nos ideais da Idade Moderna instigaram a liberdade feminina, o que se percebe são novas maneiras de repressão. A Igreja católica continuou com a mesma visão de submissão da mulher. O Concílio de Trento (1545-1563) reafirma a reclusão feminina, os trabalhos das religiosas deveriam ser feitos em conventos e não nas ruas em contato com a sociedade.

Este mesmo contexto estava presente no Brasil, onde a participação das mulheres na Igreja não foi diferente. Mesmo tendo um catolicismo “popular”⁸ sua atuação estava reservada à participação nos cuidados com a Igreja, ou se reclusar em conventos e casas de recolhimentos. É importante ressaltar que essas “casas” recolhiam as mulheres sem a obrigatoriedade dos votos, de acordo com Azzi (1994). Não seria esta uma maneira de controlar o comportamento das mulheres que não seguiam a vida religiosa? Assim, regulamentavam o casamento e sufocavam a rebeldia feminina, mantendo-as submissas.

Todavia, no final do século XIX é possível visualizar uma inovação no papel da mulher na Igreja Católica e sua atuação no trabalho e na cidade. Muitas congregações religiosas foram surgindo no Brasil, certamente, um dos fatores que contribuíram para tal

⁸ A ausência de sacerdotes e a distância da Cúria Romana fez desenvolver um sincretismo religioso, com influências católicas romanas e de outras religiões, como a indígena e africana, gerando um catolicismo brasileiro, que foi denominado de ‘popular’.

crescimento foi o abandono do Império e depois do Estado para com a classe mais pobre. Essas congregações atuavam na catequese, na imprensa, nas missões, na educação e na ação social.

A Santa Sé⁹ reconheceu que era preciso rever o papel da mulher diante do novo contexto

[...] a importância global da ação capilar por elas exercidas em todos os domínios do apostolado, mas também a necessidade de adaptar o antigo direito das religiosas, baseado numa reclusão muito rígida, às condições inteiramente novas da sociedade do século XIX [...] (AUBERT, 1975, p. 113).

Sem dúvida, as congregações femininas permitiram certo reconhecimento do papel da mulher na sociedade, porém, é perceptível que a atuação da mulher nada mais era do que a extensão do privado, ou seja, a atuação na área da saúde e da educação era a continuidade do trabalho doméstico, não havendo, portanto, um rompimento com a concepção andocêntrica.

Durante todo século XIX as congregações femininas se espalharam pelo Brasil e no início do século XX chegaram à cidade de Catalão (GO). Paim (1995) informa que em 1921 as Irmãs Agostinianas Missionárias fundaram o Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, que até os dias atuais é dirigido por elas. O referido colégio, com seu modelo de educação rígida e com especial controle disciplinar, formava jovens mulheres com ênfase no aspecto doutrinário e sacramental, ou seja, diferente do modelo de catolicismo aqui predominante, que era o “popular”. Catalão (GO) participou da importação de ideias e comportamentos religiosos europeus, isso pode ser constatado por meio do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, que aqui se instalou para atender ao apelo das famílias mais abastadas, preocupadas com a formação de suas filhas, como ressalta Paim: “[...] as famílias Fayad, Safatle e Sebba, se empenharam para trazer as madres agostinianas da Espanha [...]” (PAIM, 1995, p. 7).

O Brasil sempre foi um receptor da cultura europeia, na religião não foi diferente. Desde o Império estreitou suas ligações com Roma, isso se deve ao processo de Romanização¹⁰, que é um exemplo claro da negação da realidade brasileira e uma valorização do modelo europeu, especialmente da Igreja de Roma.

⁹ É a jurisdição eclesiástica do Papa e forma o “governo central” da Igreja.

¹⁰ No final do segundo reinado surgiu, no Brasil, um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica, cujo objetivo era colocar não só o Brasil, mas também o mundo, sobre a direção da Santa Sé - que é o mesmo que Igreja de Roma.

O Brasil se dinamizava, as cidades cresciam e queriam seguir o progresso a qualquer custo, as transformações do século XIX, juntamente com as consequências da exploração do capitalismo, atingiram toda a sociedade. A mulher continuava a ocupar um lugar distinto do homem; enquanto este tinha livre acesso ao espaço público e privado, a mulher estava restrita à vida privada. Porém, a sociedade brasileira exigia mais dinamização do gênero feminino, o que não significa uma mudança grande no patriarcado, e sim a participação feminina no espaço público com as mesmas características da função da mulher no espaço privado, uma vez que o espaço público era dimensionado para a participação da mulher na sociedade.

Dessa maneira, a educação sistematizada não deveria mais estar tão distante das mulheres. Certamente, ser professora era a profissão que aparentemente não se confrontava com o casamento e com os “deveres femininos”. Segundo Louro (2000), aos poucos as mulheres brasileiras se inseriam no meio letrado, que antes estava, prioritariamente, reservado aos homens

as escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas, por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo se faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras [...] (LOURO, 2000, p. 454).

A inserção da mulher na vida pública da sociedade acontecia sem grandes rupturas, mesmo porque a sociedade brasileira, como demonstrada, também seguia o modelo patriarcal. O homem era figura central, tudo girava em torno do masculino. A economia, a política e a religião eram administradas pelos homens. Este modelo refletia até mesmo no planejamento das cidades, que segregava e ainda segrega a mulher. Como apontam Tello-Quiróz e Pérez Rincón (2009)

si embargo, para las políticas urbanas el espacio cotidiano, como las mujeres, es invisible, porque, al ser ‘a privación de lo privado’, es decir, al ser continuación del espacio doméstico, ‘es como si no existiera [...] (TELLO-QUIRÓZ; PÉREZ RINCÓN, 2009, p. 47, grifos dos autores).

A cultura ocidental não reconhece a especificidade dos gêneros, e até o espaço urbano reflete a homogeneização e a segregação. A cidade é pensada a partir de um planejamento urbano normatizador, racional, vinculado ao masculino.

A maneira que a mulher encontrou para ser atuante na sociedade, na primeira metade do século XX, em uma cidade do interior de Goiás, foi a extensão do privado, ou seja,

por meio da educação, saúde e obras sociais. Educação e religião são aliadas para a “preparação” da nova mulher exigida pelo progresso. Percebe-se que o papel da mulher não foi repensado e sim moldado de acordo com o atual contexto, que não trazia novas concepções, mas sim uma restauração do modelo preexistente.

A Igreja Católica sabia que era preciso seguir a nova sociedade, mas de maneira a restaurar e não renovar, como ressalta Azzi (1994, p. 22): “[...] Em outras palavras, restaurar é restabelecer em perfeita forma o modelo antigo [...]” Para a Igreja, seguir o progresso era colocar as pessoas na prática sacramental: batizar, confessar, casar.

A restauração deveria ser mais incisiva em algumas regiões, especificamente no Estado de Goiás, onde o catolicismo de caráter popular e devocional era e ainda é presente, como exemplo se têm a realização de festas em louvores a santos, como a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, realizada em Catalão e área de pesquisa do estudo em questão. Para a Igreja Católica, o catolicismo popular apresentava uma ameaça ao modelo romanista.

Em 1943, um grupo de franciscanos veio dos Estados Unidos atendendo ao convite de D. Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, para desenvolver apostolado junto às populações goianas. O trabalho desenvolvido pelos franciscanos terá a colaboração das professoras recém-formadas no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus. (WISE, 1989)

A primeira comunidade franciscana foi estabelecida em Anápolis, no ano de 1944, com os freis: Paulo, Jaime e Damião\ (WISE, 1989). No mesmo ano, para a paróquia de Catalão vieram os freis: João Francisco Granahan – como superior e vigário – Cristóvão e Gabriel.

Os franciscanos deram às normalistas do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus a oportunidade de prática da formação profissional e religiosa que receberam, pois a formação como normalista não era apenas uma preocupação com o letramento, mas também, e tão importante quanto, com a evangelização através da catequese, que foi a arma mais poderosa usada pela Igreja para a expansão de seus princípios, para busca de novos fiéis, e para o controle do papel da mulher na sociedade.

Igreja e Estado estavam juntos no processo de “letramento”, mesmo o Estado sendo laico, desde a República. Nota-se também que a mulher foi um eixo fundamental nesta parceria, pois atuava nos dois comandos sem maiores questionamentos, cumprindo seu dever de trabalhadora cristã católica, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento da sociedade, pois a normalista atendia os espaços deixados à parte pelo Estado e pela religião. A professora atuava na educação (letramento) e ainda levava os princípios morais e religiosos para a sociedade.

A normalista, em Catalão (GO), exercia o ofício de educadora pela fé, sua preocupação era com a disseminação do catolicismo romano, a partir da educação. Toda essa preocupação e dedicação se fizeram pelo fato de Catalão apresentar, naquele período, um forte catolicismo popular. Não somente em Catalão, mas em Goiás como um todo. Wyse (1989), ao descrever o contexto em que os franciscanos foram convidados a virem para Goiás, salienta a pouca participação da Igreja principalmente no interior goiano.

O Brasil desenvolveu um catolicismo próprio, oriundo do contato que os jesuítas e colonos estabeleceram com os índios. Chauí (2001) aponta que a religiosidade popular no Brasil atingiu de forma distinta o meio rural e o meio urbano. O catolicismo rural apresentava uma herança do padroado, uma noção de cristandade pautada na relação de confiança e troca, essas relações ganhavam força com a ausência dos representantes oficiais da Igreja.

Todo esse contexto incentivou os leigos ao desenvolvimento religioso de suas comunidades por intermédio da formação de irmandades, festas em louvores a santos, romarias. Catalão, mesmo como referência de desenvolvimento urbano no início do século XX, como aponta Palacín (1994), apresentava fortes traços de um catolicismo popular rural.

A Igreja interviu neste processo, colocando a mulher como intermediária. Educar implicava em ensinar conceitos e detalhá-los, e a religião era uma maneira de difundir e estipular regras a serem seguidas, podendo até entrar no campo científico, nutricional, filosófico, e, sobretudo, comportamental, dependendo da religião. Por isso existem escolas religiosas Judaicas, Católicas, Islâmicas, para que as crianças desde a mais tenra idade possam ter inculcados os preceitos da religião e viver segundo os mesmos.

Uma sociedade se constitui a partir das regras que são impostas aos indivíduos condicionando seus comportamentos, que podem ser concordantes com o modelo estabelecido, ou contrários a ele. Mesmo porque é a partir das regras que se escolhem os comportamentos a serem seguidos.

Vale ressaltar que religião e educação se interligam, basicamente, pelo fato de unirem esforços em torno da ética, da moral e da disciplina. Esses valores são absorvidos pelo indivíduo e dão à sociedade um estereótipo mais homogêneo, que é o que interessa à religião e a sociedade. Mas as coerções geram resistências e estas se apresentam dentro do contexto coercitivo, assim, as mulheres mudam comportamentos agindo através do que estão condicionadas.

No decorrer do século XX, a igreja católica se preocupa mais com as questões sociais, em especial, com a América Latina, que sempre teve maior contingente católico. Wise (1994) destaca que no Brasil a igreja passou por grandes transformações desde que o

catolicismo deixou de ser a religião oficial com a Proclamação da república em 1889. Diante disso, movimentos messiânicos, falta de sacerdotes e o crescimento de outras religiões contribuíram para a restauração (como já mencionando). Assim, há um envolvimento maior por parte da igreja católica com o cotidiano de seus fiéis, estando mais presentes em seus problemas econômicos e sociais. Foi neste contexto que surgiu a teologia da libertação, um movimento pastoral que envolve os membros da igreja com as questões sociais. Este movimento tem grande participação feminina.

2.4.1 A Teologia da Libertação e as novas perspectivas em relação à mulher e à Igreja Católica

A sociedade se constitui através do movimento dos sujeitos que a compõem e as transformações acontecem a partir dos questionamentos e das resistências ao que está estabelecido, seja na economia, na cultura, na política e/ou na religião. Assim, a relação entre mulher e igreja católica ganhou nova moldagem a partir de meados do século XX. Certamente pela influência do movimento feminista e da Teologia da Libertação.

A gênese da Teologia da Libertação está no fervoroso ano de 1950, quando as teorias marxistas, com ênfase na redistribuição de riquezas, invadiram a América do Sul com seus milhares de pobres relegados à exclusão e ao sofrimento. A expressão “Teologia da Libertação” foi criada pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez em 1971 e sua centralidade está no pobre. No Brasil, o expoente desta teologia é Genézio Darci Boff, mais conhecido pelo pseudônimo de Leonardo Boff (2009). É a ele que o estudo recorre para se conhecer o cerne da Teologia da Libertação

opunctumstantis et cadentis da Teologia da Libertação é o pobre concreto, suas opressões, a degradação de suas vidas e os padecimentos sem conta que sofre. Sem o pobre e o oprimido não há Teologia da Libertação. Toda opressão clama por uma libertação. [...] A Teologia da Libertação partiu diretamente dos pobres materiais, das classes oprimidas, dos povos desprezados como os indígenas, negros marginalizados, mulheres submetidas ao machismo, das religiões difamadas e outros portadores de estigmas sociais. (BOFF, 2011, s/p)

O caminho para a superação das desigualdades está respaldado na Teologia da Libertação, buscando-se uma nova forma de interpretação dos textos bíblicos. E a mulher se insere neste contexto, pois a Teologia da Libertação abre um espaço para maior participação

feminina, através da inserção nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's)¹¹, espaço em que as mulheres são convidadas a assumirem atividades eclesiais, como, por exemplo, as celebrações coordenadas por mulheres, em lugar da missa, o que, para Azzi (1977), foi uma relativa autonomia.

O avanço não está apenas no âmbito da religião, a prática libertadora desperta e aguça o olhar para a mulher, atingindo outras áreas da sociedade, inclusive o meio científico. Trabalhos voltados para o papel da mulher na religião se tornaram concretos a partir de pesquisas realizadas por teólogas da libertação em busca do reconhecimento da ação feminina desde as comunidades primitivas, o que permitiu indagações sobre o que estava exposto até o momento, apresentando uma nova visão da participação feminina, que é integradora e construtora da realidade cristã e social.

A Teologia da Libertação foi um novo caminho para que as mulheres buscassem um espaço menos discrepante na Igreja em relação aos homens, e, por consequência, trouxe também mais visibilidade a suas ações sociais. A participação nas Comunidades Eclesiais de Base possibilitou um resgate histórico e outras interpretações bíblicas, o que foi um grande avanço para as reflexões teológicas feministas. Os reflexos desta interpretação crítica atingem a sociedade até os dias atuais. Estudos como este são possíveis a partir de teólogas da linha do feminismo de libertação.

É importante ressaltar que, mesmo com maior ação e liderança feminina nas comunidades, há muito que transformar para o reconhecimento efetivo do papel da mulher, pois, mesmo sendo explícita sua participação, infelizmente seu discipulado ainda não é reconhecido pela hierarquia clerical.

As transformações na Igreja, desencadeadas a partir de 1950, foram significativas em relação à mulher, todavia, é necessário salientar que a participação feminina na Igreja e na sociedade sempre existiu de maneira incisiva. Gebara (1990) chama a atenção para estas transformações que trouxeram uma maior possibilidade de se conhecer a realidade da mulher na história

a emergência das mulheres nas sociedades e na Igreja não significa a entrada delas na história. Elas sempre estiveram presentes. Trata-se da irrupção de

¹¹ São comunidades com objetivo de aproximar a Igreja à realidade dos fiéis, através da hermenêutica buscam a interpretação da Bíblia associada à realidade do momento. Surgiu com o respaldo do Concílio do Vaticano II (1962 a 1965), com apoio da Teologia da Libertação e das Conferências católicas de Medellín (1968) e Puebla (1979). Não por coincidência a ênfase aos pobres e excluídos foi o caráter principal das Conferências, pois a América Latina vivia as consequências das ditaduras, da repressão e do abandono político e social. As CEB's possibilitou maior aproximação do povo às propostas de melhorias sociais e políticas (AZZI, 1977).

uma nova consciência das causas históricas da marginalização feminina, uma nova consciência que nasce de práticas concretas, leva a uma ação transformadora e a uma mudança na compreensão do ser mulher. (GEBARA, 1990, p. 12).

Dessa maneira, à medida que as mulheres cristãs adentraram os movimentos sociais contra a pobreza e a favor da luta por melhores condições de vida, elas também se aproximaram dos movimentos feministas, que possibilitaram maior conhecimento das questões de gênero.

Os ganhos foram inegáveis, todavia, fica claro que a Igreja continua mantendo a mulher fora dos espaços de decisão, sendo estes destinados ao homem, reafirmando assim o patriarcado. A Igreja exerce grande influência sobre a sociedade e usa sua influência a favor do homem, faz isso com interpretações bíblicas que ainda se mantêm como “verdades” justificadas. O homem foi criação primária e a mulher veio dele, além de todas outras associações mencionadas. Tudo isso fortalece a ideia de que o sexo feminino é frágil, portanto, inferior.

Na religião, a submissão feminina é menos questionada, mantendo o homem, ao longo do tempo, na posição de decisão. O clero, da Igreja Católica, que surgiu ainda na Idade Média, continua formado apenas por homens. É no alto clero que surgem as decisões que direcionam o comportamento de homens e mulheres na Igreja Católica. Assim sendo, afirma-se que tanto no mundo do trabalho quanto na Igreja, a atuação feminina ainda é predominante nos bastidores. Mesmo em constante contato com a realidade social, ela não tem uma participação nas decisões.

Diante do exposto, observou-se que o patriarcado ainda tem força na família, no mundo do trabalho e na religião, como o catolicismo. Assim, para melhor desenvolvimento do estudo, necessita-se compreender o papel feminino na cultura, especificamente na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, um espaço-tempo que agrega três dimensões: religiosa, econômica e cultural, e que certamente as mulheres estão atuantes em cada uma delas. É esta atuação que a pesquisa analisa, através dos ternos de congo, para alcançar o movimento feminino. Isso se faz no próximo capítulo.

3 A FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO (GO): origem, estrutura, preparação e atuação feminina

Para conhecer o trabalho feminino nos ternos de congos é necessário conhecer como a Festa em Louvor a Nossa senhora do Rosário se constituiu, pois é nela que a congada tem sua maior expressão. Atrelada ao contexto social, econômico e religioso de cada lugar, a cultura se desenvolve e se transforma de acordo com o movimento da sociedade. É assim em Catalão há mais de 138 anos.

O mês de outubro é movimentado na cidade de Catalão (GO), os primeiros dias são de festança, e os demais de burburinho sobre os acontecimentos ocorridos durante a Festa¹². Com cenário rico, que agrega vários movimentos da sociedade, a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é, sem dúvida, riquíssima fonte de pesquisa.

No ano de 2014, na segunda semana do mês de outubro, foi realizada a 138ª edição da Festa, um evento que reuniu em seu contexto três dimensões: religiosa, cultural e econômica. Todos e todas que dela participam adentram um universo diferente, que, segundo Amaral (1998), é uma característica comum a todas as festas

a Festa – esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos extraídos da linearidade do tempo do cotidiano- tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre, um caráter participativo e a forma de conviviabilidade que ela cria e reforça os laços sociais. O tempo vivido na festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um movimento que permite o distanciamento das preocupações, principalmente aquelas decorridas do trabalho e/ou o medo de perdê-lo. (AMARAL, 1998, p. 52).

Esta complexidade das festas é capaz de apresentar no campo simbólico e na aparência algumas contradições da vida social, aparecendo como mediadora das diferenças. Tão antiga quanto o próprio ser humano, a festa é o espaço-tempo onde se busca promover o bem-estar, a vida ideal, ou o contrário da vida cotidiana. Para Bakhtin (1987), a festa é uma forma primordial da civilização e, por isso, não se pode explicá-la segundo princípios pragmáticos. No entanto, a festa é, também, muito trabalho e está na vida cotidiana dos que a preparam, como se observará com a Festa do Rosário.

Para compreender festa é necessário mergulhar no universo da mesma com olhares múltiplos, captando as variantes de todo o processo, não se restringindo à lógica

¹² Sempre que a palavra Festa aparecer com a inicial maiúscula é referência a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário. A inicial minúscula é referência a festa de maneira geral. Exceto nas citações que ocorrem de acordo com o texto do autor.

capitalista de acumulação, pois, assim, a festa seria o descanso do trabalho e uma maneira de “controlar” as massas. As coerções existem, mas, na mão contrária, existem também as resistências, os sujeitos estão em ação, seja no trabalho, na religião e/ou na festa, que é um espaço-tempo que agrega o lúdico.

As expressões lúdicas também podem ser compreendidas como um movimento de resistência e de demarcação territorial. O que é evidente na Festa do Rosário, em que a todo momento as expressões lúdicas apresentam a resistência cultural que acompanha o cotidiano dos participantes. Mas a festa é também trabalho, que é a base da cultura de homens e mulheres que produzem a vida e o espaço.

Dessa forma, fazer a festa é, antes de mais nada, realizar um trabalho que constitui a humanidade, mesmo no tempo do ócio, do “não trabalho”. Esta relação pode ser observada na Festa em Catalão (GO), em que várias pessoas se dedicam o ano todo à preparação e execução desta festa, que já é parte da vida cotidiana da cidade. O extraordinário invade a cidade durante o evento, mas a sua produção, a Festa como cultura, é parte do cotidiano. São homens e mulheres que se dedicam a manter viva a tradição de fé e de festa na cidade, principalmente as comunidades de negros e negras que existem na cidade e para as quais a Festa é uma das práticas culturais mais fortes

A partir da vivência no campo se observou que atuar na Festa perpassa o período do festejo. Assim, o lúdico pode ser compreendido como forma de resistência, uma vez que, por meio de gestos, símbolos e signos do contexto social, implica na maneira de vestir, dançar, enfim, de se comportar, mantendo coesão em determinados grupos e/ou segmentos.

Diante desta diversidade, ressalta-se que todo esse movimento acontece em um espaço-tempo com a participação ativa dos sujeitos, assim, festa é, portanto, objeto de estudo da Geografia. Com este intuito, o presente capítulo pretende (re)conhecer o movimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário, o que inclui sua origem, dimensão, divisão e representação.

A Festa é bastante antiga e têm suas raízes ainda no Império. A colonização europeia, que tinha como respaldo o caráter religioso, trouxe para a América Latina as devoções a Santos e Santas, e, do confronto religioso e cultural, surgiram as “bricolagens”¹³. E o choque cultural entre europeus, indígenas e negros criou novas expressões. Um exemplo foi o denominado catolicismo popular desenvolvido no Brasil e já mencionado no presente estudo no capítulo anterior. “As Nossas Senhoras” são figuras que representam esse

¹³ Na antropologia, o termo bricolagem é usado para nomear a junção de elementos existentes com elementos novos, gerando uma nova situação.

catolicismo e estão espalhadas pelo mundo ocidental, sendo a santa nomeada de acordo com o contexto local: Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, dentre tantas outras.

Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade de Catalão (GO), é uma denominação que antecede a expansão marítima da Europa em busca de novas terras, no início do século XV. “O patrocínio de Nossa Senhora do Rosário era invocado pelos devotos brancos em favor dos que iam à África tratar com negros” (SOUZA, 2002, p. 162). A colonização na África, assim como na América Latina, contou com a imposição de ritos religiosos do catolicismo romano, e a devoção à Senhora do Rosário era uma maneira de colocar os negros na prática do catolicismo, como por exemplo, por meio da oração do terço. Porém, houve resistência dos colonizados em aceitar a imposição religiosa como os europeus queriam. A reverência à Santa católica se deu através do acréscimo de elementos típicos da cultura negra.

A coroação de reis, lutas e gestos de guerreiros é a contribuição africana à devoção à Senhora do Rosário. Mas a expressão mais decisiva e que caracteriza de maneira mais incisiva a cultura negra é o Congado, que é composto por dois grupos nitidamente distintos, as guardas de Congo e o Moçambique.

Existem diferentes versões para a devoção dos negros à Senhora do Rosário, dentre elas está a de Jesus (2008) sobre a comunidade dos arturos¹⁴. Segundo o autor, as guardas têm fundamentação mítica e se formaram ainda na África, quando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. O grupo do Congo foi ao encontro da imagem, tocando seus instrumentos, o que fez com que a imagem se movimentasse uma vez, caminhando para frente e parando. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores, cantando para a Santa pedindo proteção e a Santa os acompanhou, o que explica, segundo a tradição, o fato de que somente esses grupos podem acompanhar a Santa.

Com o passar do tempo, as expressões de devoção, através do congado, ganharam força, demarcando posições, funções e adquirindo novos elementos. O Congo tem movimentos rápidos que abrem o caminho. O Moçambique é o responsável pela proteção da Santa e da coroa, que é levada pelos reis. Em Catalão (GO), existem também o catupé, vilão e

¹⁴ Arturos é uma Comunidade Negra, localizada no município de Contagem (MG), é composta por um grupo familiar coeso em uma estrutura sócio religiosa que aponta tradições ligadas à fé em Nossa Senhora do Rosário. Tal comunidade originou-se da história de Arthur Camilo Silvério, filho de escravos, nascido em 1851. Ele deixou para seus filhos os ensinamentos da cultura negra, principalmente a devoção à Nossa senhora do Rosário manifestada através do congado.

marujeiro, transformações que se renovam também nas cores, sons, instrumentos, coreografias. Mas, um elemento é recorrente, de acordo com Costa (2012), todos os ritmos lembram o sofrimento durante a escravidão e a conquista da liberdade em terras brasileiras. Dançadores e dançadoras cantam também as alegrias de se fazer a Festa ainda que com dificuldades. Assim, as festas em Louvor à Nossa Senhora do Rosário se desenvolveram em várias partes do país com características religiosas, culturais e também econômicas, uma vez que a reunião de pessoas gera consumo.

A junção de todas estas características faz das festas, em sua totalidade, um espaço-tempo diferente do cotidiano, mas que paradoxalmente está ligado a ele. Um local de expressão das frustrações que talvez sejam temporariamente superadas com uma proposição de vivência diferente da vida “real”. É o que demonstra a análise de Groppo (2005)

as festas são um dos fundamentos da própria humanização, ou seja, da capacidade humana de criar cultura, símbolos e identidades já que as festas permitem imaginar, ensaiar e até viver novos valores, novas formas de sociabilidade e novas relações com o mundo à nossa volta. (GROPPO, 2005, p. 11-12).

A Festa do Rosário em Catalão faz parte desta dimensão, criando novas formas de sociabilidade, com seus ritos, cultos e personagens. É o momento de vivenciar uma nova ordem. Mas tudo isso acontece em meio ao cotidiano da cidade, como aponta Costa (2012).

Desde seu surgimento a Festa cria uma centralidade temporária que transforma a vida dos moradores, muda o uso das ruas, mistura o sagrado e o profano, impõe um outro uso, um outro espaço tempo: aquele da festa. Mas para os congadeiros a Festa dura o ano todo, uma vez que trabalho o ano todo para realização da mesma. (COSTA, 2012, p. 92)

A Festa está intimamente ligada à cidade, seja como tradição dos moradores e moradoras, ou como atração que movimenta o turismo e alguns setores do comércio local. Durante o ano, existem aqueles e aquelas que trabalham para a Festa, na confecção de instrumentos, vestimentas, na preparação das coreografias, na arrecadação de fundos para a realização da Festa, enfim, em todo o trabalho que exige uma festa que agrega milhares de pessoas. No ano de 2014, de acordo com dados da irmandade, são mais de três mil dançadores, mais de mil comerciantes - ambulantes - e vários turistas atraídos para a cidade. Catalão (GO), uma cidade pequena, com cerca de 96 mil habitantes, tem sua rotina transformada nos dez dias de Festa

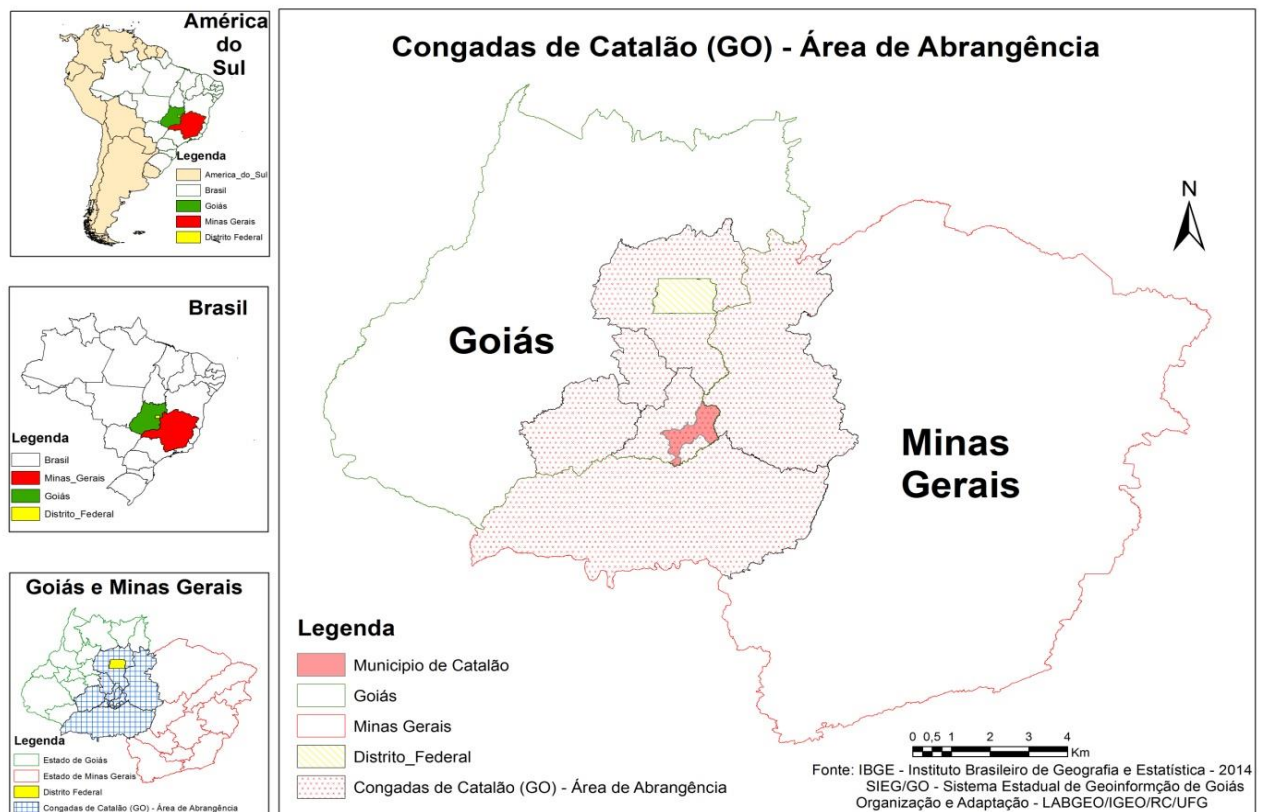
No período da Festa, o tempo é outro, o de festejar e extrapolar a ordem “normal”, como apontou Groppo (2005). Tempo de rezar, não só para a Senhora do Rosário, mas

também para São Benedito, o santo dos negros que é referenciado durante a Festa; é tempo de apreciar as congadas pelas ruas com suas cores e sons; é tempo de “barracar” ou ir passear e comprar nas barracas que lotam o centro da cidade com milhares de produtos variados. A Festa toma conta da parte central da cidade e altera os ritmos, os trajetos, as apropriações espaciais e, assim, alcança a vida de todas as pessoas, mesmo aquelas que não dançam ou não são devotos, o que, também, gera muitas reclamações por parte de alguns moradores. Para melhor compreender essa relação de espaço tempo que a Festa do Rosário criou, é preciso se entender a origem da Festa.

3.1 Origem da Festa do Rosário em Catalão (GO)

No Brasil, as manifestações do congado ligadas ao Louvor à Nossa Senhora do Rosário, e a outros santos e outras santas, tiveram maior destaque no estado de Minas Gerais, o que certamente se estendeu a Catalão (GO) pela proximidade, como mostra o mapa 2 a seguir.

Mapa 2 - Abrangência das congadas de Catalão (GO)



Fonte: IBGE (2014); SIEG/GO (2014)
Organização e Adaptação: LABGEO/RC/UFG (2015)

Paula (2010) discorre sobre o contexto no qual as Festas em Louvor à Nossa Senhora do Rosário se iniciaram

de acordo com a tendência nacional de destinação dos negros após a libertação, acredita-se que os negros libertos, no final do século XIX, buscaram trabalho nas cidades ou no campo onde as relações de escravismo ainda permaneceram de maneira velada por muitos anos. Foi neste contexto que a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, que acontecia envolta na manifestação da cultura africana, expressa nas danças e batuques se desenvolveu. Era uma festa que pela dominação da cultura do branco a princípio não coroava o rei do congo, mas sim os brancos. Porém com o passar dos anos, há uma maior emancipação dos negros, principalmente após a fundação da Irmandade do Rosário na década de 1940. (PAULA, 2010. p. 103).

Em Catalão (GO), a Festa do Rosário se iniciou no final do século XIX, segundo os relatos do memorialista catalano Ramos (1997)¹⁵ e de outros pesquisadores e pesquisadoras, como Costa (2012), Paula (2010) e Brandão (1985). Catalão, assim como a maioria dos municípios goianos daquele período, era constituído por proprietários rurais, trazendo em seu contexto características da ruralidade atingindo a economia, a religião e a cultura. Os escravos recém-libertos também faziam parte da cidade, e, como já se sabe, a abolição deixou os negros e negras à margem da sociedade, a libertação não veio junto com os direitos à dignidade humana. A alforria se fez no papel, mas as condições de trabalho ainda tinham fortes laços com a escravidão, assim como as manifestações culturais e religiosas, como o congado.

De acordo com Paula (2010), o início da Festa do Rosário pode ter acontecido a partir de uma promessa realizada por um antecedente da família Netto Carneiro, que veio de Minas gerais para Catalão para fazer riqueza. Como obteve êxito, o filho do coronel Pedro Netto Carneiro Leão, Augusto Netto Carneiro cumpriu a promessa feita pelo pai, realizando em sua fazenda uma festa em homenagem a sua santa de devoção, que era Nossa Senhora do Rosário, com a participação da congada.

Para realização da Festa foi necessário um enfrentamento junto à Igreja Católica, pois esta não apoiava as manifestações da congada, que é uma expressão do catolicismo popular desenvolvido no Brasil, e que foi duramente contestado pelo catolicismo romano. O fato é que a Festa se realizou, mesmo sem a presença de um padre, que é a representação da

¹⁵ É importante ressaltar que o Sr. Cornélio Ramos pertencia a elite branca catalana e não era historiador. Assim, não se pode evidenciar as reais condições que a Festa iniciou, pois, em se tratando de uma manifestação cultural dos negros e negras, há de se considerar a resistência e persistência dos (das) mesmos (as) em manter os rituais. Assim, os senhores brancos não tinham outra opção a não ser aceitar.

Igreja Católica, o que denota a força do catolicismo popular na região de Catalão (GO), que se desenvolveu justamente pela ausência de uma representação da Igreja apostólica Romana.

A Festa se tornou tradição e, a partir do século XX, passou a ser realizada com ou sem a participação da Igreja Católica, pois houve períodos de turbulências. A professora Maria das Dores Campos, personalidade conhecida na cidade de Catalão (GO), em seus registros memoriais discorre sobre a Festa do Rosário. Campos (1976) apresenta os conflitos ocorridos entre os festeiros, os congadeiros e a Igreja Católica.

Como apontado no capítulo anterior, os franciscanos que chegaram à Catalão no início do século XX vieram com a empreitada de “enquadrar” as práticas católicas no romanismo, negando o sincretismo religioso ocorrido da junção de rituais indígenas e africanos.

De acordo com Costa (2012), a resistência da Igreja Católica apostólica romana em aceitar a realização da Festa do Rosário, da maneira que esta havia se estabelecido, era bastante acentuada. Houve ocasião em que os brancos impediram que os negros entrassem na Igreja para realizar a Festa. A igreja, que havia sido construída para abrigar a devoção à Nossa Senhora do Rosário e a Festa, era apropriada pela Igreja Católica, que não aceitou o uso da mesma para a Festa dos negros. A Igreja, com tal ação, negava a importância da Festa na constituição do núcleo urbano e da cultura dos negros na produção do espaço na nascente cidade.

Os festejos foram transferidos para uma pequena igreja que ficava na Avenida 20 de agosto (centro da cidade de Catalão). O espaço foi doado por fiéis que não queriam o fim da Festa, mas, com o tempo, a igreja desabou, porém, os rituais de comemoração continuaram, sendo realizados nas fazendas do município de Catalão e nas cidades vizinhas. Concomitante, os negros iniciaram a construção de uma igreja, em um terreno doado por um fazendeiro, que levou dez anos para ficar pronta (foto 1). Durante esse período, a Festa sofreu com a perda de uma das dimensões que fortalece a prática, a dimensão comercial, que atrai milhares de pessoas e contribui para a tradição.

Foto 1 - Igreja construída por negros adeptos da Festa do Rosário, provavelmente na década de 1940 - Catalão (GO).



Fonte: Acervo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Paula (2010) apresenta a resistência dos negros em homenagear Nossa Senhora do Rosário frente à Igreja Católica

Assim, a Festa acontecia fora da Igreja, e nas cidades vizinhas negros aderiram à Igreja Brasileira que apoiava as Congadas. Com isso, a Igreja Católica temerosa em perder espaço para a Brasileira, começou a aceitar as Congadas, mas com severas restrições. Em Catalão não havia Igreja Brasileira, mas se a Católica não tivesse cedido aos congos, certamente esta iria se estabelecer na cidade [...] Atualmente os padres franciscanos têm uma efetiva participação na parte religiosa da Festa, porém conflitos culturais, econômicos e ou raciais ainda existem e são expressos nos sermões realizados na parte religiosa da festa, nas restrições e na relação dos padres com a congada [...] (PAULA, 2010, p. 108).

A congada é o ponto central dos conflitos entre a Igreja Católica e a Festa, isso se faz pelo fato de a congada ser uma forte expressão de elementos do candomblé e da Umbanda, o que está demonstrado em sua estrutura e rituais, que serão apresentados posteriormente. Mesmo diante de conflitos a Festa do Rosário se estabeleceu em definitivo até os dias atuais, sendo realizada no Largo do Rosário, na Praça Irineu Reis Nicolleti, região central de Catalão, onde a comunidade negra, através de doações e participação da comunidade em geral, construiu a Igreja, apropriando-se do espaço na cidade novamente e produzindo o seu território.

Vale ressaltar que a Festa está intimamente ligada à constituição da cidade, que foi se desenvolvendo em torno da Igreja. Palacin (1985) aponta que a urbanização em várias cidades goianas esteve intimamente ligada à religiosidade. A Festa é, até os dias atuais, um

importante evento urbano e movimentada a cidade. No entanto, compreender a Festa em seu movimento é um desafio grande e que exige um diálogo entre vários campos da produção do espaço: objetivo, estrutural e subjetivo.

Diante do exposto, a presente pesquisa está de acordo com Costa (2012), que anuncia três dimensões na Festa: uma religiosa, uma cultural e uma comercial. Dessa forma, alguns elementos serão apresentados para ajudar a compreender este complexo universo festivo. A pesquisa tem como objetivo compreender a ressignificação das mulheres no espaço festivo, no entanto, entende-se que, devido se tratar de uma dissertação de mestrado, o recorte se faz necessário. Isto posto, apresenta-se apenas elementos gerais acerca das dimensões religiosas e comerciais, uma vez que o foco é a mulher na congada.

3.2 A parte religiosa

A Festa do Rosário em Catalão (GO) se tornou um grande evento que conta com variadas dimensões que, interligadas, compõem a Festa. A parte religiosa possui uma programação elaborada pela igreja católica, por meio da Paróquia São Francisco, para todos os dias da Festa, atendo-se, basicamente, aos eventos e rituais católicos, como missas, novenas, procissões e a reza do terço.

O primeiro evento da Festa em Catalão é a alvorada, momento em que os ternos vão ao Largo do Rosário para serem, então, autorizados pelo General da Congada a darem início à Festa. Neste momento, o padre realiza a bênção das caixas que serão utilizadas pelos dançadores. Este ritual acontece durante a madrugada, já que tem início por volta das 2h da manhã. Após a bênção, os ternos dançam e cantam até o amanhecer no Largo, evento que vem atraindo muitas pessoas ultimamente.

Abrem-se as comemorações, especificamente da parte religiosa, com a reza do terço às 6h, seguindo com o apostolado da oração às 15h, reza do terço às 18h, e a Missa às 19h. Esse cronograma é executado durante todo o evento. Ao longo da Festa estes rituais religiosos reúnem milhares de pessoas que entendem que a Festa é religiosa e que, portanto, esta é a parte mais importante. Nos últimos anos a parte religiosa acontece dentro e fora da Igreja, uma vez que a mesma ficou pequena para atender ao grande número de fiéis.

Dessa forma, é montada em frente à Igreja, no Largo do Rosário, uma área coberta onde são realizados os eventos religiosos e tal prática explicitou ainda mais as contradições da Festa, uma vez que ao redor do Largo, bem em frente à Igreja, ficam os bares e os pontos de

prostituição. Assim, é possível participar da missa enquanto uma multidão de pessoas transita pelo Largo, completamente alheia ao sermão do padre ou à presença de devotos.

Desta feita, observamos que o conflito entre as dimensões aparece no espaço-tempo festivo. Os rituais católicos são, ainda, pouco frequentados por dançadores e dançadoras das Congadas e, via de regra, as procissões também. Costa (2012), em sua pesquisa, e Paula (2010) demonstram que há uma insatisfação por parte dos congadeiros e congadeiras que argumentam que o cronograma da igreja é extenso e por isso não participam, pois é inviável participar das congadas, das missas, novenas¹⁶, procissões. Talvez esta seja uma manifestação de uma convivência nada pacífica desde o começo entre a fé.

A execução dos rituais religiosos exige muito trabalho, as observações em campo denotaram a participação feminina nesta parte da Festa. Os terços são comandados, em sua maioria, por mulheres, muitas delas acordam muito cedo para prepararem a Igreja, comandarem e/ou participarem da novena. Aquelas que trabalham formalmente participam do primeiro terço às 6h. Durante as Missas a participação feminina é ainda mais expressiva e o trabalho fica mais evidente, pois o número de mulheres no altar, levantado em frente à Igreja, é expressivo. Assim, é possível concluir que, sem o trabalho feminino, a parte religiosa da Festa do Rosário será comprometida.

3.3 O comércio

O comércio é parte constituinte da Festa desde o princípio, quando vendedores ambulantes garantiam o acesso a várias mercadorias que não eram comercializadas na cidade, o que fazia com que a população aguardasse ansiosamente pela chegada das “barraquinhas”. Virou tradição e até hoje, embora todas as facilidades de comércio existentes, é comum encontrarmos pessoas que economizam o ano todo para comprarem nas barraquinhas.

As barraquinhas compõem uma dimensão da Festa do Rosário, assim como o comércio é parte de várias outras festas pelo país afora. É uma feira com vendedores que vêm de outras cidades e comerciantes de Catalão, que expõem seus produtos variados nas ruas próximas ao Largo do Rosário. Uma grande estrutura é montada pelo poder público municipal para garantir a diversão das pessoas e as barraquinhas acabam sendo a dimensão que mais atrai público durante a Festa. De acordo com Costa (2012), a feira é parte da Festa do Rosário em Catalão desde o século XIX, e, assim como a Congada e a parte religiosa, a feira também

¹⁶ Durante nove dias é realizada a reza do terço, que é uma oração direcionada a Jesus e Maria, através de evocações de contemplação, louvor e súplica ao mesmo tempo.

foi se transformando, saindo de uma condição modesta no início para um crescimento expressivo nos dias atuais.

A feira, no presente momento, ocupa seis ruas em torno da Igreja, com um espaço para a praça de alimentação e entretenimento; as demais são ocupadas por barracas com variados tipos de mercadorias, como vestuários, eletroeletrônicos, ferramentas, móveis, decoração, dentre outros. A regulamentação do uso do espaço pela feira está sob responsabilidade da Prefeitura local, que divide as ruas em pequenos lotes cobrando aluguel e taxas de uso.

Como era de se esperar, a feira enfraquece o comércio local, pois as vendas caem expressivamente no período. Uma alternativa encontrada por muitos comerciantes locais foi a implementação de barracas na Festa, e contam com a ajuda da Prefeitura, que disponibiliza os lotes, primeiramente, para os comerciantes locais, com valores menores, somente depois é aberta a locação para os visitantes.

No entanto, esta parte da Festa é alvo de muita polêmica, pois há os comerciantes que ganham, há os que perdem, há uma parte da população, principalmente de baixa renda, que adora as barraquinhas e há os que acham que a feira compromete não apenas o comércio local, mas o trânsito, aumenta a violência na cidade, prejudica os moradores, enfim, todo ano o debate se estabelece e a pressão para mudanças na Festa aumenta. O maior argumento contra a Festa e a parte comercial é a sua localização no centro comercial da cidade por onde circulam muitos carros pelas ruas estreitas, ficando, durante o período da Festa, muito difícil transitar por este lugar. Há uma proposta de se construir outra Igreja para a Santa em outro lugar; novamente, a Festa dos negros seria segregada no espaço da cidade? O que motiva reflexões.

O comércio da Festa do Rosário faz parte da lógica capitalista que sabe cooptar o espaço-tempo da sociabilidade na Festa para o comércio de mercadorias, que a cada ano instiga mais e mais o consumo. O urbano é marcado pela reprodução ampliada de quase tudo como mercadoria e, no caso da Festa em Catalão, não apenas o que está nas barraquinhas, mas a própria Congada se reproduz enquanto tradição, sendo reinventada, e como espetáculo. Sobre este assunto, Costa (2012) argumenta que há uma mercadificação da Festa.

Durante a pesquisa de campo se observou que as barraquinhas, além de envolverem todas estas questões, são também o espaço-tempo de trabalho de várias mulheres e homens que viajam por todo o país percorrendo o circuito festivo que existe de Norte a Sul, compondo o que Santos (2004) chama de circuito inferior da economia urbana, que absorve um grande número de trabalhadoras e trabalhadores, muitas vezes informais e ilegais. Além

dos pontos alugados pelo poder público a estes trabalhadores(as), existem vários (as) vendedores (as) ambulantes e vários produtos pirateados, contrabandeados e sem nota fiscal que são comercializados durante a Festa, como apontou Costa (2012) em sua pesquisa. Estes (as) trabalhadores (as) se encontram entre tantos outros (as) que procuram sobreviver em uma sociedade de trabalho flexibilizado, estratégia do capital para se recuperar após mais uma crise no final do século XX.

Novamente se observa que a mulher desempenha importante papel nesta dimensão, uma vez que muitas comerciantes se embrenham neste segmento de empregos. Lembrando que o comércio ambulante era um espaço-tempo predominantemente masculino até meados do século XX. Assim como em outros postos de trabalho precarizados com os contratos temporários e com a informalidade o número de mulheres aumenta consideravelmente, como argumenta Antunes (1999), Harvey (1992) e Costa (2014).

Nas visitas às barracas durante as observações em campo se evidenciou que é grande a participação feminina como ambulantes e em outras atividades. No diário de campo foram registrados alguns relatos de trabalhadoras sobre como é trabalhar na Festa. Uma comerciante de sapatos de 47 anos, mãe de dois filhos, que aqui será chamada de Nair¹⁷, apresentou um relato pertinente à reflexão, são 15 anos de vida “embaixo da lona”¹⁸, como ela definiu

tem quinze anos que eu e meu marido estamos nessa vida, a gente corre o boa parte Brasil, e isso é bom né?. Eu fico no balcão e meu marido cuida da barraca e do caixa, ele não tem muito jeito nem paciência com os freguês. Nós estamos aqui pra trabalhar, mas todo ano vou na igreja pelo menos uma vez, e só vejo os congos de longe quando eles passam na rua dos trilhos. Não tenho muita cabeça pra festar não, moro em Goiânia e toda vez que viajo fico preocupada com meus filhos, hoje já estão grandes, mas mesmo assim a gente preocupa. Quando eles eram pequenos eu trazia eles, mas acabava prejudicando na escola. (Informação verbal, pesquisa de campo 2014)

¹⁷ O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás estabelece que o (a) pesquisador (a), através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deverá preservar a identidade dos participantes através de codinomes. No caso do presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e do casal de festeiros serão usados seus próprios nomes, uma vez que suas identidades e funções são apresentadas publicamente, por meio da mídia. Ressalta-se que nesses dois casos foram assinados termos de anuência para uso das respectivas identidades, seguindo os princípios éticos da pesquisa.

¹⁸ As barracas são de lona, erguidas com estruturas metálicas ou de madeira, onde os barraqueiros e/ou barraqueiras, como são chamados (as), expõem suas mercadorias e também residem durante toda a Festa.

O relato contribui para o entendimento do cotidiano destas mulheres que, mesmo assumindo o trabalho no espaço público, ainda têm ligações no espaço privado, pois o cuidado com a família está sob sua responsabilidade.

A parte comercial atrai grande número de pessoas, em algumas ruas é quase impossível caminhar. Costa (2012), em pesquisa realizada no ano de 2007, afirma que as feiras em festas religiosas são uma forma de constituir a rede de distribuição de mercadorias, mantendo o modo de produção capitalista

a programação para o consumo como modo de reprodução, exige a articulação do econômico e do político, no sentido de cooptar o social para realização do ciclo de consumo e, assim, a vida cotidiana é invadida por estratégias e práticas de cooptação que, através de signos, imagens, discursos e informações procuram homogeneizar comportamentos, eliminar as resistências, impor a repetição, o tempo do relógio, os simulacros e as representações com objetivo de formar consumidores, a partir da criação constante de novas necessidades, que passam pela revisão de valores, da cultura, das tradições, do modo de vida, das práticas festivas como na Festa do Rosário. (COSTA, 2012, p. 169)

Muitas pessoas vão à Festa do Rosário somente para frequentar a feira, instigadas pelo consumo, como apresentou Costa (2012), o que não descaracteriza as outras dimensões da Festa, uma vez que o comércio está inserido no todo, assim como a parte cultural.

3.4 A Congada: dimensão cultural

Lócus da temática da pesquisa, a congada é formada pelos ternos de congo, que têm suas características próprias, mas interligadas à Festa. A congada é uma herança dos escravos que se perpetuou até os dias atuais, sendo certamente o movimento mais visível da Festa do Rosário de Catalão, tanto é assim que existe na cidade a expressão: “festa dos congos”. Para Costa (2012), ela faz parte da vida de todos na cidade, uma vez que se altera a dimensão de sociabilidade

[...] essa prática transforma o espaço e o tempo na cidade, interfere na vida cotidiana de todos os moradores. Durante os dias da festa o espaço é transformado: ruas são fechadas para receber dançadores e feirantes, muda-se o sentido e o tráfego de carros em outras. Os ternos de congo ocupam outras enquanto transitam por elas. [...] a ‘festa dos congos’ atrai e centraliza pessoas, fé e troca no largo do Rosário, onde fica a igreja, hoje pequena diante da dimensão da Festa que atrai pela beleza e devoção dos dançadores. (COSTA, 2012, p. 113, grifo da autora).

O trabalho para a realização da dimensão cultural da Festa, ou seja, as congadas acontece o ano todo. Juntamente com a comissão de festeiros são desenvolvidas atividades para que seja possível a realização da Festa e das congadas, especificamente. Além da participação das atividades para angariar recursos financeiros, os integrantes da congada trabalham na organização e manutenção do ritual, começando pelos ensaios¹⁹, que são realizados na casa do capitão ou capitã (no caso do terno Mariarte) ou na casa de familiares de um capitão já falecido (foto 2).

Foto 2 - Altar na casa do capitão do terno Nossa Senhora de Fátima (Zé do Gordo) - Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2013)
Autora: Netto, M. J. T.

Durante os ensaios a casa do capitão ou capitã se torna um local de encontro. Antes das atividades começarem tem um momento de oração liderado pelo primeiro capitão ou segundo capitão ou capitã do terno. As mulheres que não participam compondo o terno acompanham os maridos e os filhos e cuidam da organização do espaço dos ensaios.

Para melhor compreensão do lugar das mulheres na realização da Festa, em sua dimensão cultural, a pesquisa apresenta o cronograma das Congadas durante a realização da Festa, que começa com a alvorada e termina com a entrega da coroa aos festeiros do próximo ano. Em todos estes atos a presença de mulheres e o trabalho delas se faz fundamental.

¹⁹ Todos os anos os ensaios começam a partir do segundo domingo de agosto, na casa do capitão do terno, ou em alguns casos, na casa de um ex-capitão já falecido. É o momento para aperfeiçoar toques, danças e organizar a dinâmica das apresentações.

As apresentações dos ternos se iniciam na alvorada, que é realizada na primeira sexta-feira da Festa, às 2h, momento esse em que se reúnem e saúdam a Santa do Rosário. Nesta apresentação não se usam as fardas próprias de cada terno, geralmente são usadas camisetas padronizadas. Após as saudações é servido um café com quitandas variadas, primeiramente aos ternos e depois à comunidade.

Para que esse momento aconteça existe um trabalho antecipado de preparação das quitandas (foto 3), e as mulheres são maioria nesse trabalho. São mulheres da Comissão de festeiros, dançadoras, ou devotas, como é o caso de Dona Luzia, de 61 anos, passadeira em casa de família, que participa da confecção das quitandas em cumprimento de promessa feita à Nossa Senhora do Rosário. Quando indagada sobre o trabalho e a participação dos homens nesse momento, ela relata

enquanto eu tiver saúde eu virei ajudar nas quitandas, penso que a Santa fica agradecida com nosso trabalho de alimentar os dançador e o povo que vem assistir. A gente nem sente cansaço, eu termino minhas obrigação e corro pra cá. E faço tudo isso com alegria. Têm muito homem que ajuda, mas quem sabe dá o ponto é nós mulheres mesmo, homem não tem muito jeito na cozinha não. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Foto 3 - Mulheres trabalhando na confecção das quitandas que serão oferecidas na alvorada do dia 03 de outubro de 2014 - Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Autora: Netto, M. J. T.

A fala de dona Luzia retrata a coerção do modelo patriarcal que associou os trabalhos domésticos, do espaço privado, como obrigação feminina, assim, as mulheres se

sentem obrigadas a desenvolverem atividades de cozinhar, lavar, passar. A afirmação da entrevistada a respeito dos homens não saberem cozinhar é justamente a absorção deste modelo.

A próxima apresentação da congada acontece no último sábado da Festa, por volta das 19h, após a reza do último terço. Os ternos se reúnem, ainda sem farda, para o levantamento da bandeira, são erguidas as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Os ternos cantam, dançam e batem caixas ao redor do mastro no Largo na frente da Igreja.

No domingo seguinte os ternos se reúnem na casa do capitão, momento esse em que há várias mulheres trabalhando na organização da casa e do terno. Depois, saem pelas ruas da cidade, visitando casas nas quais tomam café, que é organizado e preparado por mulheres. Às 11h se encontram no Largo da Igreja do Rosário para a missa dos congos. Após a Missa é servido um almoço no Centro do Folclore, mas muitos ternos seguem as apresentações visitando algumas residências, onde os proprietários se preparam para receber a bandeira que todo terno carrega. Geralmente, são servidos almoços ou lanches, esses momentos são analisados no próximo capítulo.

Na segunda-feira, a congada se reúne no Largo do Rosário, continua as apresentações e organização para a entrega da coroa à nova comissão de Festeiros, que é anunciada à Congada durante almoço oferecido no Centro do Folclore. Após o almoço, os ternos saem do largo da Igreja em direção ao local da entrega da coroa, que, no ano de 2014, aconteceu na Avenida 20 de agosto, no centro de Catalão, iniciando-se às 14h e se encerrando por volta das 20h.

A entrega da coroa é um rito de passagem, em que o casal de festeiro atual repassa a coroa ao novo casal de festeiros. Durante todo o trajeto da coroa, que é carregada pela esposa do festeiro, ela é protegida pela guarda, ou seja, os ternos de Moçambiques. Após o anúncio do próximo festeiro, os ternos se apresentam para o público. Há alguns anos a entrega da coroa possuía um trajeto que ia da casa de um festeiro à do outro, no entanto, com o crescimento da cidade esta prática se tornou inviável e a Irmandade decidiu, juntamente com o poder público local, organizar um espaço que ficou conhecido como Congódromo, bem no centro da cidade, em uma área da paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus. A entrega da Coroa aconteceu durante alguns anos neste espaço, que possuía arquibancadas e banheiros químicos para dar mais conforto às pessoas que acompanhavam o evento. No entanto, no ano de 2014, divergências entre a Irmandade, o poder público e a Paróquia mudaram novamente o lugar do

ritual. No entanto, o caráter de espetáculo dado a este momento perpetua e se reforça, transformando a tradição.

O ritual da entrega da coroa (foto 4) tem se firmado como o ponto alto da Festa, atraindo milhares de pessoas às ruas da cidade e os olhares do outro e produzindo o sentido do espetáculo em que cada terno apresenta uma coreografia nova, uma música nova, uma *performance* para ser o mais bonito da Festa. Com isso, a entrega da coroa passou a ser um ritual muito longo e cansativo, principalmente para as crianças.

Foto 4 - O atual casal de festeiros repassa a coroa ao novo ano casal de festeiros que ficará responsável pela Festa em 2015 - Catalão (GO)



Fonte: www.catalao.gov.br

Importante expressão de religiosidade e cultura afro-brasileira em Catalão, mais que um momento de festejos, a congada faz parte do cotidiano dos congadeiros²⁰. A dimensão cultural possui agentes e rituais que compõem o universo da congada, sendo: Irmandade, Reinado e os grupos de ternos de dançadores e dançadoras, e cada terno é regido por um capitão e tem características próprias. Conforme organograma a seguir.

²⁰De acordo com COSTA (2012), o termo “Congadeiros” é a denominação dos que trabalham na construção da Festa. O termo é usado para diferenciar daqueles que somente dançam na Festa.

Foto 4 - Organização dos ternos - Catalão (GO)



Fonte: Sylvio Netto artes gráficas (2014)

As bandeirinhas são meninas que ficam à frente dos ternos, levando as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e do Santo ou Santa que representa o terno. Existe uma simbologia para essa função: somente moças virgens podem carregar a bandeira. Os registros históricos e as estórias contadas por dançadores mais antigos apontam que em Catalão, até a década de 1980, eram raras as mulheres que “batiam caixa” nos ternos, ficando a elas reservada apenas a função de bandeirinhas. Dessa forma, o patriarcado se reproduzia no espaço da tradição com grande força, restringindo a participação das mulheres como protagonistas da Festa. Por outro lado, o trabalho delas sempre foi fundamental para que o terno pudesse sair às ruas, o que será apresentado adiante. Hoje, a realidade é outra e as mulheres resignificaram o seu espaço dentro da tradicional estrutura festiva.

O capitão é o regente do terno, e todos o respeitam, é ele quem dirige as apresentações, usando um apito e um bastão. O cargo de capitão é hereditário, então, esta é uma relação que se baseia no respeito dessa tradição, que ainda é predominantemente masculina, e é a função em que o exercício do poder está mais explícito. Ele cuida dos instrumentos e durante o período de realização da Festa se dedica exclusivamente ao terno, disponibilizando sua residência para acolhimento dos instrumentos. A casa do capitão é o ponto de encontro dos participantes e fica bastante movimentada desde os ensaios até a Festa. Neste período e local, o trabalho feminino é constante, são as mulheres que recebem as pessoas, atuando como intercessoras entre os participantes e o capitão, além de cuidarem da organização do espaço.

Os caixeiros são os dançadores que estão há mais tempo nos ternos, são eles que tocam as caixas mais pesadas e são responsáveis por ensinar aos mais jovens a manusearem as caixas de acordo com o ritmo de cada terno. Durante as apresentações alguns caixeiros chamam a atenção do público pela capacidade de tocar e dançar em ritmo frenético, o que exige força e molejo. Alguns ternos usam instrumentos que chegam a pesar mais de trinta quilos, o que, associado ao clima do mês de outubro, que é um período de seca, torna essa função muito desgastante. Os ternos chegam a caminhar por longos trajetos nos dias de festividades, no domingo e na segunda feira principalmente, que é quando fazem as visitas em casas de diferentes bairros

Os instrumentistas estão no comando de violões, violas, pandeiros e sanfonas, eles ficam entre os soldados. Os soldados são dançadores jovens que formam o corpo do terno, em geral, tocam caixas menores.

Os conguinhos são as crianças que ficam no final da fila, geralmente são parentes diretos dos dançadores, ou crianças que cumprem alguma promessa. Estes são acompanhados

por mulheres - mãe, tia, avó -, ou por mulheres dos ternos que ficam responsáveis por eles. O acompanhamento das mulheres é fundamental para a existência dessa ala, o que demonstra a importância da atuação feminina para continuidade dos ternos.

Dentro da estrutura festiva há ainda o reinado, que é um símbolo que remonta às origens das festas de congadas e simboliza Rei, Rainha, Príncipes, Princesas, Guarda da Coroa e General, que é a família real ou reinado. A função do reinado está centralizada na oração para o Rei que, juntamente com a irmandade, buscará contribuições para a Festa. A farda dos componentes do reinado é branca e a rainha usa um manto azul. Esta formação representa o que Groppo (2005) denominou como uma nova ordem social, uma vez que o reinado é formado por pessoas que possuem, no cotidiano, funções comuns, como pedreiros e donas de casa. O reinado é composto pelos seguintes integrantes:

- a) Rei: Cleiber Francisco;
- b) Rainha: Eloene de Jesus Rita;
- c) Príncipes: Enismar Barbosa Martins e Douglas Nascimento;
- d) Princesas: Eloar Rita e Luiza Barbosa;
- e) Guarda Coroa: Antero Martins; João Emiliano e Debrantino;
- f) Gerais: Laudimir da Silva e Eduardo Camilo;

Com muita visibilidade, está o General, que tem a função de comandar os ternos e todos lhe devem obediência, é ele quem autoriza a passagem dos ternos no momento da entrega da coroa e também age como mediador de conflitos. Como a congada em Catalão se tornou grande, em tamanho e representatividade, existem atualmente dois gerais, como demonstrado anteriormente. Ele é o intercessor entre a irmandade e os ternos.

Os 21 ternos, segundo dados coletados em entrevista com o presidente da Irmandade, reúnem aproximadamente quatro mil e quinhentos dançadores e dançadoras, sendo que as mulheres somam uma participação de duas mil dançadoras. O que demonstra um grande quantitativo, cerca de 40%. Não foi possível confirmar com precisão estes números, o que se constatou é que a presença feminina é expressiva nos ternos. Existem ternos com maioria feminina, em outros, porém, elas aparecem na função de bandeirinhas, contudo, no denominado “bastidor”, elas são maioria em todos os ternos.

As características de cada terno estão nos ritmos, nas cores, nos instrumentos e nas regras de comportamento que cada capitão ou capitã estabelece para seu grupo, como por exemplo, a proibição do uso de bebidas alcoólicas. O congo tem um ritmo mais triste, uma alusão ao sofrimento dos escravos, o Moçambique, que são os responsáveis pela guarda da família real e da imagem da Santa, adotam um ritmo mais alegre.

As músicas misturam antigas cantigas que relatam o sofrimento dos negros durante a escravidão e a realidade atual, com as dificuldades dos trabalhadores. Alguns ternos se apropriam de músicas que fazem sucesso e as adaptam para suas apresentações, procurando sempre coreografias que empolgam as pessoas que assistem. Cada terno está sob o comando do primeiro (a) capitão ou capitã e de um segundo capitão ou capitã. Existem ternos que possuem até o terceiro capitão ou capitã.

O terno Mariarte, que é um terno composto somente por mulheres, foi criado em 2005, com a devida autorização da Irmandade, tendo como justificativa a proibição de mulheres tocarem caixas, ocupando espaços delimitados nos demais ternos, o que não é uma característica própria da congada de Catalão, pois, segundo Martins (1997), as congadas de Minas Gerais mantiveram essa tradição por muito tempo e foi com muito conflito que as mulheres conseguiram outras posições dentro dos ternos.

A criação do Mariarte, a princípio, poderia parecer uma contraposição ao movimento que não permitia abertamente a participação de mulheres na função de tocar caixas. É importante lembrar que não há uma proibição explícita da participação de mulheres como instrumentistas ou caixeiras, é uma imposição no campo da coerção, uma vez que poucas se aventuravam a enfrentar esta situação.

Vale ressaltar que o Mariarte foi criado por um movimento de mulheres ligadas à Igreja Católica que alegaram que os ternos deveriam participar mais ativamente das atividades religiosas da Festa: missas, procissões, etc. Dessa forma, a criação do terno não tem uma relação direta de questionamento aberto às regras veladas que afastavam as mulheres deste universo. No entanto, é claro que a criação de um terno composto por mulheres apresentou importante elemento na ressignificação do lugar das mulheres na dimensão cultural da Festa. Ainda assim, a presente pesquisa optou por direcionar os estudos com mulheres que estão participando em espaços estabelecidos como dos homens.

A formação de espaços masculino e feminino dentro dos ternos está fundamentada na construção social de divisão de papéis feminino e masculino embasada na diferença do corpo, que levou à divisão sexual do trabalho e afeta diretamente a divisão social, que é contestada por meio de ações que confrontam a disputa de poder e a ressignificação do papel da mulher nos ternos

o Congado se revela como um espaço de poder, marcado por especificidades de gênero. Enquanto as mulheres ficam no espaço tradicionalmente a elas reservado, isto é, nos bastidores do ritual, o conflito não aparece. Ele só surge no momento em que elas se deslocam para lugares mais valorados na hierarquia do ritual. (MARTINS, 1997, p. 7).

Ocupar outros espaços exige das mulheres um enfrentamento da estrutura que se estabeleceu ao longo do tempo nas congadas, é ir para o embate, para a disputa de funções que denotam poder. O que não significa apenas uma mudança de ocupação de um espaço e, sim, de desconstrução de um modelo, por isso, não é possível uma ruptura imediata, as transformações são lentas, mas as ressignificações acontecem. Para melhor compreensão da congada de Catalão é preciso conhecer também a Irmandade.

3.4 A Irmandade

A criação de Irmandades no Brasil, de acordo com Campos (1985), tem registros no período colonial. Elas foram criadas como estratégia de sobrevivências dos negros em uma sociedade que os excluía, servindo de suporte em momentos de dificuldades e para fomentar a prática cultural dos negros. O caráter assistencialista aos negros necessitados é praticado até hoje na Irmandade de Catalão, como afirmou o presidente da referida Irmandade (informação verbal, 2013).

As Irmandades foram se expandindo pelo Brasil, e em Minas Gerais se fortaleceram com o ciclo da mineração. Campos (1985) aponta ainda que a Igreja Católica teve certa influência nas Irmandades tentando preservar e garantir os preceitos morais desta instituição na tentativa de controlar os rituais dos negros em relação a outras crenças. É por isso que a relação entre as Irmandades e a Igreja é delicada até os dias atuais.

As Irmandades herdaram modelos estabelecidos por associações de brancos, assimilando doutrinas, princípios e expressão, como a devoção aos santos e santas brancos (as). As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário estão nesse contexto, foram se constituindo e as de maior expressão ficaram nos estados de Minas Gerais e Goiás. Em Catalão, ela é bastante atuante, conforme demonstra o presidente da Irmandade, Leonardo Bueno:

a irmandade tem a função de elaborar a festa, trabalhando com os capitão, buscando os recursos. Nós tem a função de escolher o festeiro que é quem vai trabalhar junto com a comunidade para buscar recurso pra fazer a festa. E depois presta conta e repassa uma verba pra nós administrar a Irmandade, fazer as viagem de apresentação dos ternos pra outras cidades. Ajudar um companheiro, velório, remédio, além das despesa normal. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Durante a pesquisa de campo, constatou-se que é desconhecida a data de criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), mas sua regulamentação veio

com a elaboração do Estatuto, em 1979. Responsável pela Congada, a Irmandade pode ser considerada a mais importante representatividade da Festa. Ela tem lugar fixo e físico, ocupando um espaço ao lado do Centro do Folclore, um prédio ao lado da Igreja do Rosário.

De acordo com o Estatuto, a Irmandade é regida por uma diretoria, composta pelo presidente, vice-presidente, secretário e um conselho. Suas atribuições são seguidas de acordo com o Artigo 4º do Capítulo I: “compete a Irmandade: dirigir, orientar os trabalhos oriundos de sua diretoria e de seus filiados”. Sendo estes estabelecidos no Capítulo II, Artigo 5º: “São considerados irmãos da Irmandade todos aqueles que foram admitidos pela diretoria, e pelo conselho da Irmandade através do voto”. Um irmão ou irmã de honra pode ser indicado por membros da Irmandade e o mesmo é avaliado e aprovado pelo grupo mediante o compromisso de contribuir para a realização e continuidade da Festa.

Além dos preparativos para a Festa do Rosário, cabe à irmandade organizar as apresentações dos ternos que ocorrem em outras cidades no decorrer do ano. Como a Festa não conta apenas com a participação da congada, a Irmandade também possui a função de se relacionar com a Igreja Católica e com representantes do governo municipal e estadual, uma vez que a Festa se tornou um espetáculo e palco para campanhas eleitorais.

Em relação à Igreja Católica, ainda existem conflitos, pois há a resistência em aceitar as expressões religiosas de alguns congadeiros (as), como, por exemplo, o uso de guias e de bastões com cabeça de serpente, pois estes são elementos que simbolizam o culto aos orixás, deuses africanos. O conflito é relatado pelo presidente da Irmandade

Eu já bati de frente com os padres, e não é só eu não, os outros presidentes também tiveram que lutar para manter as tradições de nossos irmãos. Teve um ano que o padre queria proibir as guias e os bastões. Teve irmão que escondeu as guias dentro da farda, mas não tem como romper com essa cultura. Quando a gente começa a dançar é tudo diferente, a gente sente a presença dos irmãos que não estão mais aqui. Não dá pra explicar e a igreja tem que respeitar a gente, do mesmo jeito que a gente respeita ela. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Para o presidente da Irmandade a participação do padre é importante na Festa, uma vez que a maioria dos frequentadores é católica, mas a devoção aos orixás, por alguns congadeiros(as), também deve ser respeitada. O que se percebe é que os conflitos gerados pela imposição dos preceitos católicos aos negros no século XIX ainda persistem.

Quanto à participação feminina na Irmandade existem as “irmãs de honra”, que são pessoas indicadas por algum integrante. Essas mulheres são, na maioria, pertencentes à classe que se pode chamar de “elite catalana”, elas trabalham muito pela Festa, são atuantes

nos terços comandados pela Irmandade, trabalham nos eventos para arrecadação financeira e, principalmente, atuam na manutenção da Congada, pois estão nos trabalhos de manutenção dos ternos, como é apresentado no terceiro capítulo. Além destas funções, a Irmandade está presente e atuante também nos eventos realizados pela comissão de festeiros, como será demonstrado a seguir.

3.5 Comissão de festeiros

No início da Festa, o festeiro era, geralmente, um coronel, ou alguma personalidade da cidade, pessoas mais abastadas, e com maior influência para conseguir doações expressivas. Com o passar do tempo, essa tradição sofreu variações e o festeiro passou a ser escolhido pela sua dedicação à Festa, como, por exemplo, o Sr. Edson Arruda, congadeiro desde tenra idade, funcionário público, figura lendária que comandou o terno do prego por vários anos, e assumiu a função de festeiro e também de presidente da Irmandade. O Sr. Edson faleceu em maio de 2014.

A partir de Brandão (1985), é possível uma análise sobre esta posição de festeiro:

Mais do que o padre vigário, o festeiro é o traço de união entre os ‘irmãos’ e os outros agentes da festa e da Igreja. A cada ano, o festeiro renova convites de participantes aos capitães de ternos da Congada. Ele discute com o presidente da Irmandade e com o general da Congada os detalhes da presença dos ternos e, quando existe alguma solicitação dos brincadores às autoridades civis, ele reparte com o 1º secretário da Irmandade o seu encaminhamento (BRANDÃO, 1985, p. 60)

Figura expressiva na realização da Festa, o festeiro deve ter um relacionamento amistoso com a igreja e com a Irmandade. Atualmente existe uma comissão de festeiros composta por um casal principal, que no ano de 2014 são Joel Antônio Fernandes e Joana Dárc Cândida Silvestre Fernandes, e mais 17 casais. A função do festeiro e da comissão inclui: arrecadar recursos; ornamentação; café da manhã para alvorada; e outras alimentações para os dançadores congadeiros e congadeiras nos três últimos dias da Festa, caso necessário.

Na segunda-feira é servido almoço aos ternos, sendo este dia dedicado exclusivamente à participação da congada, pois é neste momento que a Irmandade apresenta o próximo casal de festeiros para a entrega da coroa.

Uma festa do porte da Festa do Rosário tem um custo elevado, como está representado na prestação de contas da festa de 2013, que foi realizada no mês de junho de 2014. Tendo os seguintes números: Receita - R\$. 240.079,99 e Despesa - R\$. 189.432,32, o

saldo resultante da receita e despesas foi dividido entre Irmandade e a Paróquia São Francisco de Assis, ficando a Irmandade com R\$ 40.518,13 e a Paróquia com R\$. 10.129,50²¹.

A divisão do “lucro” da Festa demonstra a força da Irmandade e da congada, uma vez que são os congadeiros que buscam os recursos. Ressalte-se que é a paróquia São Francisco que faz parte da Festa, ou seja, a Festa acontecerá mesmo que a paróquia não participe, podendo a Irmandade transferir a função religiosa para outra Paróquia. A escolha da Paróquia São Francisco é uma questão geográfica, pois a Igreja do Rosário está situada no espaço em que a Diocese reconhece como pertencente à Paróquia São Francisco.

A garantia de recursos para realização da Festa vem de um conjunto de trabalho desenvolvido durante um ano de preparação, em que são realizados eventos com fins lucrativos, como festival de chope, jantares dançantes e leilão de arte, que são realizados no espaço do Centro do Folclore. Há ainda um espaço reservado para comercialização de comida e bebida na exposição Agropecuária da cidade, que acontece todos os anos no mês de julho, bem como a realização da “festa da amizade”, uma pequena feira montada no largo da igreja do Rosário, no mês de maio, com comercialização de comidas, bebidas e artesanatos. Há também incentivo do Governo Federal, que pode ser conseguido através da Lei Rouanet, uma Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313, 1991) conhecida como Lei Rouanet por causa do então ministro da Cultura, Sérgio Paulo Rouanet. O objetivo da lei é promover, proteger e valorizar as expressões culturais nacionais por meio de incentivos fiscais²².

Em todos esses eventos a presença feminina é marcante, mulheres da comissão de festeiros, dançadoras, devotas, trabalham em todos os eventos. A observação em campo, durante os anos de 2013 e 2014, possibilitou visualizar o papel feminino na preparação da Festa. A comissão de festeiros se reúne todo mês para a reza do terço e para definições acerca dos eventos. Após o terço é servido um lanche que é preparado pelas mulheres da comissão, a participação masculina é praticamente nula neste momento e isso mostra que o espaço da cozinha ainda é destinado e liderado pelas mulheres.

Assim, segue-se a realização de cada evento com a concentração feminina na cozinha, seja no bar da festa da pecuária, nas barracas da festa da amizade, no festival de chope. A divisão sexual do trabalho ainda é notória também nos eventos culturais e religiosos, seguindo a ideia de “predestinação” feminina aos trabalhos domésticos.

²¹ Dados coletados de matéria exibida pelo: <http://www.blogdaverdade.com.br/blog/> no dia 06 de junho de 2014.

²² Dados obtidos pelo site: <http://www.ebc.com.br/cultura>.

Após o trabalho para arrecadação de fundos para realização da Festa, passa-se ao trabalho de organização do espaço em que a mesma ocorrerá. As mulheres cuidam da ornamentação dos espaços, tanto no Centro do Folclore, onde são servidas ceias temáticas durante nove dias, como no Ranchão, que é um espaço erguido em frente ao largo do Rosário, com shows ao vivo e leilões. Os homens da comissão de festeiros ficam responsáveis por publicizarem a Festa, reunirem-se com lideranças municipais e até estaduais, participarem de entrevistas e supervisionarem a instalação da estrutura mais visível: tenda, ranchão, etc.

A preparação da Festa do Rosário exige trabalho e dedicação durante todo o ano, e a participação feminina é constante em todos os momentos. Em entrevista com o casal de festeiros do ano de 2014, foi possível perceber o quanto a participação feminina é fundamental. Ao questionar a senhora Joana Darc se ela comandaria a comissão caso o marido não pudesse participar ela foi categórica:

Eu faria tudo sem medo, há muitos anos ajudamos na comissão, as vezes ficava sozinha, pois todo ano tiro férias do meu trabalho para trabalhar na Festa, antes o Joel dançava, eu nunca dancei, então eu ajudava o tempo todo, enquanto ele tava trabalhando. Quando fomos convidados eu sabia que teria muito trabalho, mas não tive medo não, conheço como é, já estou acostumada. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Percebe-se, pela fala da festeira, que o feminino é atuante na Festa. Mesmo aquelas mulheres que não fazem parte da comissão de festeiros ou não dançam em nenhum terno, participam no apoio aos companheiros e filhos dançadores (as) durante o evento. Àquelas que se apresentam nos ternos, o trabalho é ainda mais intenso, pois uma função não exclui a outra, existem integrantes dos ternos que participam também dos eventos que promovem a Festa, ou seja, o trabalho é contínuo.

3.6 A Festa do Rosário: repetição e transformação de atitudes

A Festa do Rosário é um universo fluido de múltiplas experiências que se acumulam na vivência dos sujeitos que a compõem. É através do trabalho que cada um (a) desenvolve que se percebe o movimento da Festa ao longo do tempo. Em entrevista realizada em outubro de 2014, uma senhora de 69 anos, ex-dançadora, que aqui será chamada de Maria, possibilita compreender os sentidos que a Festa produz. Maria é uma mulher negra, que sempre trabalhou como doméstica, uma senhora alegre que se expressa muito bem. Participante da Festa desde criança pequena, como ela mesma descreveu, suas lembranças

apontam que a Festa é para ela um local sagrado, momento de devoção, mas também de diversão. Por meio de sua fala é possível conhecer o contexto social em que viveu e ainda vive.

Minha vida sempre foi de muito trabalho, desde novinha trabalhava nas casa dos outros, olhando menino, cuidando da casa, sempre fui doméstica. Quando eu era menor eu até morei em casa de família, mas nunca deixei de participar da Festa do Rosário. Mesmo quando ia pra olhar os menino das patroa, eu sempre ia rezar pra minha santinha e aproveitava pra ver o povo. Queria muito dançar, eu via os terno passando e pensava que um dia eu ia tá ali. Graças a Deus casei com um dançador, quer dizer, a Festa sempre teve na minha vida. Ali na congada a gente esquece de tudo, que é pobre, que tem problema, quando nos tá arrumando pra Festa é só alegria. Pra mim a maior alegria é trabalhar na Festa, porque hoje eu não danço mais, então eu ajudo no que posso. E também todo ano faço café pra receber meus irmão do congo e se Deus me der saúde, vou fazer enquanto for viva, porque essa era alegria da minha mãe também. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Em conversas com outras mulheres durante os ensaios e as apresentações, percebe-se que o contexto social e econômico das mulheres dos ternos é semelhante ao de dona Maria. São mulheres pobres, que projetam na fé a alegria de viver, mesmo com tantas dificuldades. Quando questionada sobre a diferença dos papéis entre homens e mulheres nos ternos e na preparação da Festa em geral, dona Maria não apresenta descontentamento e acha “natural” a divisão dos papéis, denotando que os homens ficam com a parte mais difícil. E reconhece que atualmente existem mudanças na participação das mulheres

Tem que dividir certinho, os homens ficam com os serviços mais pesado: fazer o ranchão correr atrás dos recurso, preparar os instrumentos, organizar os terno. E a gente trabalha mais é ajudando mesmo, mas hoje tá mais diferente, tem homem ajudando na cozinha, até nos uniformes, meu marido me ajuda com as roupas dos meus netinho. As moças de hoje não querem saber de costurar, cozinhar não, só de dançar (risos). (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Para uma pesquisa que analisa a presença do patriarcado nos dias atuais, a fala da dona Maria é bastante pertinente, apontando os fatores que cercam as mulheres participantes da Festa. São agentes diretamente influenciadas pelo modelo patriarcal, presente em todas as esferas sociais. O que dona Maria considera “natural” está no que Saffioti (2004) denominou de máquina do patriarcado, e, segundo a autora, esta máquina é acionada também por mulheres, que repassam aos seus filhos e filhas atitudes que alimentam a ordem patriarcal de divisão de papéis, evidenciando o papel feminino como coadjuvante e inferior em relação ao

homem. O que é contestável, pois a própria pesquisa demonstra a importância do trabalho feminino na Festa do Rosário.

Além do campo social, a fala de dona Maria expressa também a influência do patriarcado no campo religioso e pode ser analisada a partir da constituição de territórios através da religião. Rosendahl (2012) esclarece que a territorialidade, que são as práticas (ação individual ou em grupo), mantém o controle sobre os comportamentos. É assim que a igreja católica se constituiu, definindo um território que influencia comportamentos que transcendem o contexto religioso. Como apresentado, a igreja católica traz em sua constituição traços do modelo patriarcal, com a definição de papéis entre homens e mulheres.

Para dona Maria, o fato de as moças não quererem cozinhar ou costurar está contra o que é correto para as mulheres, de acordo com o contexto em que ela viveu. No entanto, o relato de dona Maria apresenta outro viés social, ou seja, a resistência à divisão de papéis entre homens e mulheres, como expressado no fato de “as moças” não quererem ficar restritas ao trabalho de cozinhar e costurar, o que também pode ser feito por homens.

Assim, quando as mulheres procuram outras funções, há um movimento na ação feminina na Festa, evidenciando uma noção de que a Festa do Rosário é um território que está em um espaço-tempo que se transforma, uma vez que o tempo foge da rigidez que o espaço apresenta, pois as territorialidades são móveis e dinâmicas, as mulheres estão por toda parte e suas ações fazem a Festa, e também a transformam. É esta ressignificação dos territórios que será apresentada no próximo capítulo.

4 ELAS ESTÃO POR TODA PARTE

O exercício da pesquisa norteia a vida do(a) pesquisador(a) e as reflexões se fazem além do recorte espaço-tempo. Compreender o papel das mulheres nos ternos de congo demanda um reconhecimento dos fatores que se interligam na composição de um contexto. Assim, fez-se necessário resgatar o processo de formação do papel feminino no mundo do trabalho e na religião, e não menos necessária a relação mulher e cultura, pois a Festa do Rosário envolve essas três dimensões.

Os estudos teóricos que embasam a presente pesquisa permitem compreender que gênero é uma construção social, ou seja, está em processo, é uma condição mutável, podendo ser reconstruída de acordo com o contexto vivido. Atrelado à teoria, o exercício do campo vem iluminar a prática, possibilitando reconhecer a dinâmica social que movimenta as ações de homens e mulheres na congada de Catalão, sendo esta uma dimensão constituinte da Festa do Rosário e da construção social de comportamentos que vão além do evento propriamente dito. Mesmo sendo um evento transitório, ele reflete as mudanças da sociedade como um todo.

As festas populares são capazes de criar funções que transformam as formas espaciais, visíveis ou não, definindo territórios que permitem à Geografia uma oportunidade de compreender os laços que interligam os agentes na composição destes. De acordo com Santos (2005, p. 255), a existência do território se faz através da dinâmica de cada lugar e está condicionada ao seu uso. “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social [...] o território são formas e o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.”

A análise do autor embasa estudos de território para além da delimitação de fronteiras, com ênfase na ação dos agentes, permitindo visualizar o movimento social. Partindo dessa premissa, é possível perceber que a Festa está interligada à sociedade. As práticas desenvolvidas no momento da Festa transcendem sua duração, bem como sofrem influências do cotidiano das pessoas e também influenciam esse cotidiano. Segundo Rosendahl (2012), as práticas podem ser entendidas como territorialidades e são estas que mantêm um território

territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território onde o efeito do poder

reflete uma identidade e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica entre cultura e espaço. (ROSENDAHL, 2012, p. 24).

O fortalecimento do território está na ação dos indivíduos que o compõem, assim, quanto mais se praticam certas ações, mais estas se fortalecem. O que não significa uma condição estática e acabada, haja vista que as territorialidades estão em movimento, e trazem transformações e ressignificações que podem ser lentas e/ou mascaradas, tornando-se mais difícil sua visualização, entretanto, elas existem.

Evidenciar o movimento feminino nos ternos é o objetivo do presente trabalho, para tanto, é preciso reconhecer as práticas dessas mulheres que trazem consigo situações específicas do cotidiano, mas estão inseridas em um contexto social único, o da divisão de gêneros, que foi construída ao longo do tempo, colocando homens e mulheres em posições de desigualdades, como apresentado no primeiro e o segundo capítulos.

A luta pela especificidade de cada gênero está em processo de construção e ainda há muito que fazer. Até o momento, o que se percebe é que o papel das mulheres na sociedade passou por grandes transformações, porém, ainda insuficientes para ruptura com o modelo patriarcal, pois este se apresenta mutável, assim, as mulheres se ressignificam, mas o patriarcado também. Um bom exemplo é a acumulação de jornadas que as mulheres obtêm a cada dia. Mesmo ocupando outras posições na sociedade, as mulheres continuam presas às funções de cuidadoras do lar e da família. Aquelas que participam dos ternos de congo retratam bem esta realidade, apresentada no sub-tópico a seguir.

4.1 Tradição e trabalho: coerção, resistência e renovação

Em se tratando de festa popular, e em específico da congada, que está numa dimensão cultural, a compreensão das ações dos sujeitos envolve uma atenção mais meticulosa. Durante as observações em campo e em contato com os(as) integrantes da congada, a palavra tradição foi apresentada com frequência. Quando as indagações acerca da participação feminina nos ternos eram feitas, por diversas vezes, a expressão “é tradição” foi apresentada. De acordo com as análises dos capítulos anteriores, é possível afirmar que tradição pode estar associada à definição de papéis para homens e mulheres, que foi criada pelo modelo patriarcal, e vem se mantendo na sociedade, no caso, ocidental, ao longo do tempo, perpassando várias instituições.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender o que é tradição, e a escolha da vertente a ser seguida é a de Hobsbawn (1997), que traz em sua obra uma análise sobre o desenvolvimento das tradições, e argumenta que, por vezes, as tradições são inventadas por grupo e/ou instituições para justificar certos comportamentos. O que é recorrente na persistência do patriarcado. A Festa do Rosário é um exemplo claro da inserção do patriarcado nas manifestações culturais por meio da tradição.

No entanto, sabe-se que na sociedade nada está definido, tudo que se inventa pode ser também reinventado ao longo do tempo. Hobsbawn (1997, p. 28) denomina essas práticas de “tradição inventada”, isto é: “[...] situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores ou estabelecem seu próprio passado por meio da repetição obrigatória.” Estas ganham legitimidade porque são criadas por pessoas do grupo que dominam os códigos da manifestação e, por isso, adquirem o direito de inventar tradições.

As entrevistas a seguir demonstram como as ações das mulheres na Festa são modificadas de acordo com o contexto de cada uma, ou seja, as práticas se modificam e podem ou não virar tradição.

Em entrevista realizada numa casa de congadeiros, como a própria família se descreve, a senhora Margarida, de 55 anos, apresenta a Festa como uma repetição de atos, através do trabalho de se fazer a Festa

a época da Festa é só alegria, tempo de celebrar nossa mãezinha, reunir os irmãos, porque pra Nossa Senhora do Rosário nós é tudo irmão. Se nós trabalha? Trabalha demais, mas com alegria, que é a mesma de quando eu era pequena e ajudava minha mãe a enfeitar a roupa do papai e fazer as quitandas para receber os ternos. Tenho saudade de quando dançava, e minha alegria hoje é ver minhas duas filhas e meu neto dançando. Oh! Minha filha sem a Festa eu não vivo. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Para a geração de dona Margarida, a Festa é trabalho, e este, também no campo cultural, está inserido na divisão sexual em que homens e mulheres assumem funções específicas, como apresentou Engels (2002), Saffioti (2004), Scott (2002), dentre outros e outras, afirmando assim o patriarcado, que reserva às mulheres o espaço privado, que mesmo sendo primordial para a realização da Festa, é menos visível. Para dona Margarida, o trabalho na Festa é uma tradição, assim, as ações não são questionadas, apenas realizadas. Já a próxima entrevista apresenta outra concepção

nasci dentro do terno, comecei dançando na fila dos conguinhos, fui bandeirinha e hoje danço no meio. Nunca me interessei por nenhum

instrumento, deve ser cansativo dançar e tocar. Pra mim o que importa é chegar e dançar, é essa parte da Festa que eu gosto. Já mudei de terno mais de uma vez, eu e muitas amigas, porque o capitão era rigoroso, não deixava a gente inovar nas coreografias, agora estou num terno que a gente dança bem mais à vontade. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Nesta fala, uma dançadora de 29 anos, que aqui terá o nome de Rosa, apresenta uma alteração no comportamento das mulheres nos ternos, que é o de questionar algumas imposições, buscando outros espaços, através de ações que ao longo do tempo poderão se caracterizar como tradição. Há um movimento de renovação dentro de alguns ternos, que é visível dentro da congada e vem ao encontro da análise de Hobsbawn (1997), sendo denominada “tradição inventada”, e, para a presente pesquisa, essa análise pode também ser compreendida como ressignificações.

O movimento de algumas mulheres provocou mudanças nos ternos, como aponta o presidente da Irmandade, que foi categórico ao afirmar a necessidade de inovação e mais abertura para as mulheres dentro dos ternos. À frente da irmandade há 10 anos, ele faz uma análise da participação feminina

a participação feminina é primordial para a festa, porque na década de 70 (1970) as mulheres eram mais esquecidas, com o passar do tempo as coisas vai evoluindo, a cidade vai crescendo, ai a rejeição que tinha, o preconceito, ele deixa de existir [...] se hoje ainda tem a congada nós devemos muito as mulheres, que ajuda e vem colaborar com essa festa que tem esse segmento. Tem terno mais tradicional, que não dá muita abertura para as mulheres, mas é terno pequeno, você pode ver que os ternos mais bonitos que tem mais integrante, tem muita mulher. Eu mesmo já convivi com muito capitão que não faz nada sem a opinião da sua companheira, ou seja, as mulheres têm muita força nos ternos. Te digo mais, se não fosse as mulheres participarem nem sei se a congada teria crescido da maneira que cresceu, sendo reconhecida no Brasil inteiro. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Durante a análise da entrevista o termo: “com o passar do tempo as coisas vai evoluindo”, usado pelo presidente, é um reflexo do movimento da sociedade, pois as mulheres sempre apresentaram resistência ao modelo estabelecido, mas a partir de meados do século XX, com a eclosão do movimento feminista, essas resistências se tornaram mais visíveis atingindo todos os campos sociais. Tanto na fala da dançadora de 29 anos quanto na fala do presidente da Irmandade é fácil notar que as mulheres vêm cada vez mais ressignificando seu papel, buscando espaços diferenciados.

As mulheres sempre estiveram presentes na congada, desempenhando um papel fundamental na manutenção dos grupos: dançando, organizando o espaço para receber os

ensaios, cozinhando, costurando e/ou acompanhando filhos(as) e maridos, dando-lhes suporte para participação. No entanto, há uma ausência de maior visibilidade, o que não é uma prerrogativa do evento em si, mas um reflexo da ordem androcêntrica inscrita no mundo. Inserida nas coisas, a ordem masculina se apresenta de diferentes maneiras, das rotinas da divisão do trabalho aos rituais coletivos, é assim que se monta o congado.

O congado se revela como um espaço de poder, marcado por especificidades de gênero. As mulheres ficam no espaço tradicionalmente a elas reservado, isto é, nos bastidores do ritual, entretanto, o tradicional vai se modificando a partir dos conflitos que se originam neste mesmo espaço, pois o deslocamento das mulheres advém da contestação do que se exercita. Buscar por novas coreografias, tocar instrumentos, comandar ensaios, são ressignificações de papéis dentro dos ternos. À medida que as mulheres se ressignificam, a resistência do poder masculino vai diminuindo, uma vez que não existe distinção de raça, cor, gênero ou definição de ações no estatuto da irmandade.

Vale salientar ainda, que, mesmo com a afirmação na fala do presidente sobre “o preconceito deixar de existir”, é algo que merece análise, pois, na mesma entrevista, ele afirma que alguns ternos resistem às mudanças. As barreiras transpostas pelas mulheres ao longo do tempo na sociedade não apresentam uma ruptura total com alguns segmentos, como fica claro em relação ao campo do trabalho e da religião. As mulheres adentram novos espaços, mas com acumulação de funções, elas ainda são estigmatizadas como detentoras do trabalho doméstico, cuidadoras, responsáveis pelos filhos e maridos. E isso caracteriza o preconceito, como se algumas tarefas só devessem ser realizadas por mulheres. As imagens a seguir (fotos 5 e 6) retratam a participação das mulheres na congada, que é um reflexo da sociedade.

Foto 5 - Mulheres em ensaio de terno - Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2014)
Autora: Netto, M. J. T.

Foto 6 - Mulheres em ensaio de Terno - Catalão (GO).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
Autora: Netto, M. J. T.

As imagens sintetizam a realidade nos ensaios e nas apresentações durante a Festa. As mulheres que são mães e querem participar ficam com a responsabilidade de cuidar dos filhos nos ensaios e mesmo durante as apresentações, a mesma cena é rara de ser vista com homens. Aquelas que não são mães, ou os filhos já cresceram, acompanham os

conguinhos. Essas funções apresentadas nas imagens são um reflexo do espaço construído historicamente para as mulheres, são funções originárias do espaço privado.

Del Priori (2000) aponta que a construção binária público e privado promove uma separação, configurando o espaço público como espaço das funções de decisões mais importantes, relacionadas ao campo político, como se o exercício do poder fosse atribuído somente nele. Já o espaço privado se configura como o espaço da não política, das funções menos importantes, ligadas ao cotidiano.

Porém, Foucault (2002) faz reconhecer que o cotidiano está permeado de relações de poder, a que o autor denomina de micro poderes, estes estão diretamente ligados ao macro poder, às decisões com mais expressão na sociedade. O não reconhecimento desta relação dialética entre público e privado é que apresenta uma dissociação entre essas duas instâncias. Assim, as mulheres ocupam funções sem grande expressividade, mas, na realidade, o desempenho dessas funções tem papel importante no movimento da sociedade. E o congado é um reflexo dessa análise.

A participação das mulheres nos ternos de congo exige da maioria grande esforço, mesmo daquelas que não participam diretamente, dançando ou trabalhando na organização da Festa, como é o caso de Cida, que é ex-esposa de um caixeiro, do Terno de Congo do Prego e, mesmo após a separação, participa acompanhando a filha. Quando indagada sobre sua rotina para participação da Festa ela aponta as dificuldades para acompanhar a filha e apresenta com clareza a força da divisão sexual do trabalho, que coloca as mulheres em uma situação de obrigatoriedade de algumas tarefas.

comecei a participar do terno ainda quando namorava, meu ex-marido nasceu no terno. Depois casei, separei e continuei indo por causa dos meninos. Minha filha gosta demais, mas meu filho só dançou quando era bem pequeno, agora não vai de jeito nenhum. Quando os ensaios começam é mais complicado, eu trabalho de segunda a sábado, e voltei a estudar à noite, só tenho o domingo pra organizar minha casa, durante a semana chego muito cansada, às vezes consigo passar roupa à noite, mas quando não dá fica tudo pro domingo. Mas eu gosto de acompanhar minha filha. Durante a Festa eu fico por conta dela no domingo e na segunda, que é feriado. Nos outros dias ela fica com as mulheres que acompanham os conguinhos. Acho que meu filho me puxou, eu gosto da Festa, mas nunca quis dançar, não gosto de dançar, mas gosto da Festa. Eu já fui muito criticada por não dançar e não ajudar na Festa, mas eu trabalho muito, não tenho tempo, até a roupa do minha filha eu pago pra fazer, além do mais não tenho habilidade pra costurar nem bordar, mas a família do meu marido me criticava, porque eles reuniam pra fazer as coisas da Festa, eu quase nunca ia, aí eles falam que meu filho não gosta de ir porque eu não vou, e eu não obrigo ele ir não. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

O depoimento de Cida instiga várias reflexões, primeiramente, aponta um enfrentamento ao estabelecido pela ‘tradição’, que acaba sendo coercitiva, uma vez que se uma família segue determinadas práticas subentende-se que todos e todas da mesma família devem também seguir. O fato de Cida resistir a essas práticas vem ao encontro do que propõe Foucault (2002), que aponta o exercício do poder em que se opta por não ceder à coerção de se cumprir regras pré-estabelecidas.

Em segundo lugar, o relato de Cida expressa a real condição das mulheres na sociedade como um todo: trabalhadora, dona de casa, mãe e estudante. Há um acúmulo de funções, que foi se tornando comum às mulheres. O fato de Cida não acumular mais uma função, que é a de trabalhar para a Festa, a coloca numa posição contrária à “ordem das coisas”, ou seja, ao modelo patriarcal que constituiu papéis para homens e mulheres. A postura de Cida permite ainda mais uma reflexão, ela poderia simplesmente resistir às coerções não participando da Festa, o que seria também uma forma de resistência, mas sua ação apresenta o conflito direto, apontando uma ressignificação do papel feminino.

Vale ressaltar que Cida é uma mulher que se inseriu no contexto da congada, ou seja, não nasceu em uma família de congadeiros, assim, pode-se pensar que sua postura não sofreu grande influência da tradição da congada, diferentemente das mulheres que sempre participaram dos ternos desde a infância. Entretanto, as transformações são reflexos da sociedade, desse modo, mesmo as mulheres que sempre participaram dos ternos demonstram que é necessário maior esforço para continuar nos ternos e se adaptar às transformações que ocorrem com o tempo. Como aponta a entrevista de Sandra, 31 anos, e dançadora do terno Moçambique Mamãe do Rosário:

meu pai começou a dançar, por causa do tio dele, aí ele levou muita gente, e nós crescemos participando do terno, dos três filhos eu sou a única que nunca deixou de dançar. Mas, desde pequena eu ia com minha mãe, ela nunca dançou, mas sempre ia. Hoje meu pai não participa como antigamente, ele fala que tá cansado. Quando nós era criança parece que era mais animado, na época da Festa a família ficava mais unida, quando ia fazer as roupas era tudo junto. Teve uma época que nós rezava o terço, fazia uma novena antes da Festa. Agora a gente não tem mais tempo, só encontra nos ensaios. Eu só tenho um filho, por enquanto ele participa porque ainda é pequeno, vamos ver quando ele crescer. Mas eu quero que ele participa, é muito bom, parece que a Festa é outro tempo, a gente fica mais feliz, mais unido. Até as briga de família acaba durante a Festa (risos). Se a gente for deixar de participar porque é cansativo, os terno acaba, por isso que temos que incentivar as crianças. Porque quando a gente cansar vem outros no lugar, mas eu sempre vou participar. Igual minha mãe, mesmo não dançando ela sempre ajudou no terno. Hoje em dia todo mundo trabalha fora de casa, se a gente não tiver perseverança não faz nada, só fica por conta de trabalhar,

cuidar de casa de filho. Muitas crianças até querem participar, mas tem mãe que não consegue acompanhar, ou tem preguiça mesmo (risos) eu faço o que posso, já bordei muita roupa, até pra quem não conhecia, fico com dó de ver os meninos querendo dançar. A vida é difícil, por isso a gente precisa de distração, de alegria, e pra mim, a Festa do Rosário é isso. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

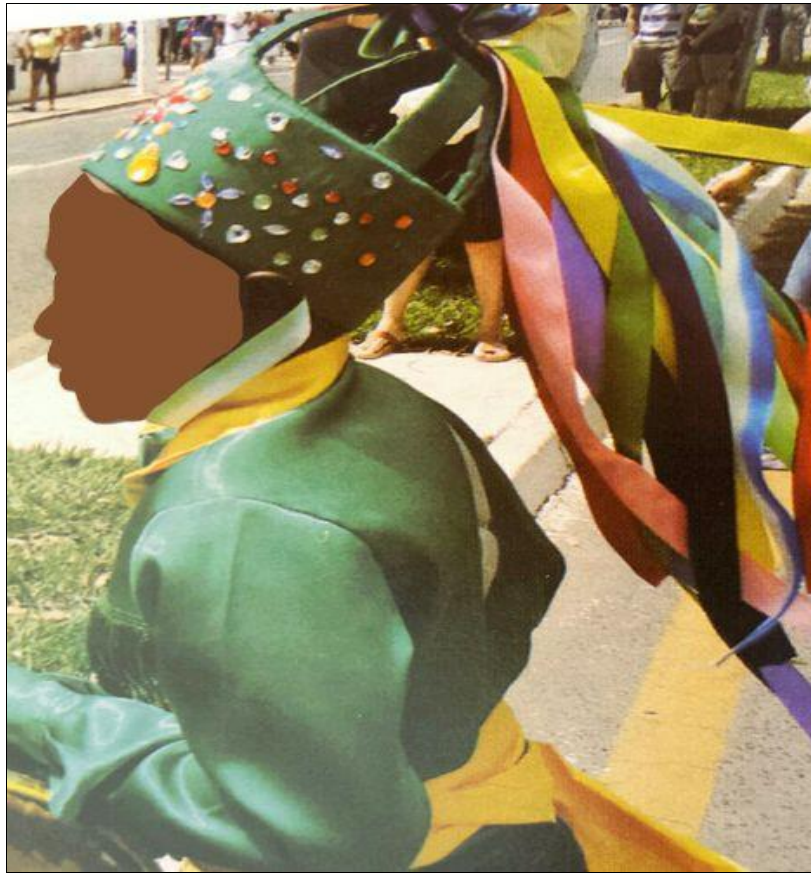
Na fala dessa dançadora, nota-se o reconhecimento da importância do trabalho feminino nos ternos, sendo apresentado como uma ajuda, mas que exige grande esforço das mulheres para assumirem mais uma jornada. Dentre tantas atividades, está a confecção das fardas e capacetes (fotos 7, 8 e 9), que é um trabalho minucioso, cheio de detalhes, jogo de cores, como mostram as imagens a seguir. Além da costura, são dezenas de pedrarias coladas uma a uma, o que exige técnica e leva um longo tempo para ficarem prontas. Existe ainda o trabalho de reparo das fardas que estragam durante as apresentações.

Foto 7 - Criança usando farda durante apresentação - Catalão (GO).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
Autora: Netto, M. J. T.

Foto 8 - Criança usando farda durante apresentação - Catalão (GO).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
Autora: Netto, M. J. T.

Foto 9 - Chapéus confeccionados por mulheres para o Terno Nossa Senhora de Fátima - Catalão (GO).



Fonte: Arquivo pessoal da dançadora (2014).

Na fala de Sandra, o trabalho nos ternos está associado à tradição, algo que se torna comum de tanto ser realizado, uma repetição, dificultando assim as contestações. A influência do patriarcado é visível, pois, mesmo sendo o pai quem a colocou no mundo da congada, a referência que ela tem é da mãe e sua participação ativa no terno e, também, atribui a outras mães, e não aos pais, a responsabilidade da não participação de mais crianças. Há, então, uma associação da mulher ao trabalho doméstico, que se estendeu ao longo do tempo para a sociedade. A mulher cuidadora, responsável pela formação da prole em todas as esferas sociais, inclusive na cultura.

Não há uma proposta de redefinição de papéis para a manutenção dos ternos, e sim uma necessidade de adaptação ao contexto atual, em que as mulheres vêm acumulando funções. É uma apropriação cultural do modelo que se fez em consequência de uma sociedade regida pela divisão de papéis de gênero, organizando a vida e o trabalho. O caráter doméstico do trabalho marca a vida das mulheres, ele é essencial à reprodução social. Perrot (2013) afirma que as sociedades jamais poderiam sobreviver sem as mulheres. O que é bem aplicado aos ternos de congo, nos quais as mulheres atuam ativamente, porém, ainda estão nos bastidores, e seu trabalho, mesmo sendo essencial, ainda é visto como ajuda, um trabalho de apoio.

Nas conversas informais e nas entrevistas coletadas, todas as mulheres afirmaram que têm prazer em participar da Festa, e admitem que é necessário grande esforço para a realização do evento. Quando questionadas sobre a visibilidade do seu trabalho, algumas apontam que o reconhecimento está no momento das apresentações, em que o público admira a riqueza na confecção das fardas, na comercialização dos alimentos nos eventos para arrecadar fundos, na satisfação dos participantes durante o café da manhã na alvorada, e/ou nos lanches e almoços oferecidos em diversas casas. Para muitas dançadoras, a recompensa está também nos aplausos diante dos movimentos coreográficos, como relata a dançadora Élide, de 21 anos,

pra mim a Festa só não é mais importante que o natal, que é o nascimento de Jesus, mas a gente comemora mais a Festa do Rosário do que o Natal. Pro Natal é só um dia de preparação, agora pra Festa é no mínimo dois meses. Cada ano que gosto de me arrumar mais, quanto mais bonito o terno, mais o povo gosta. Toda época a Festa é boa, quando a gente é criança, o povo adora ver os conguinhos, pede pra tirar foto, e quando a gente cresce é preciso ter alguma coisa diferente pra chamar atenção. Os homens também inventam principalmente os caixeiros e os instrumentistas, mas eu não gosto de tocar nada, então capricho na roupa e na maquiagem. Eu gosto de aparecer sim, senão que graça teria a gente trabalhar e cansar tanto? (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Esse reconhecimento apontado pela dançadora está associado à visibilidade da aparência sem o reconhecimento da essência, da real atuação das mulheres nos ternos e na sociedade. Como exemplo, tem-se o mercado formal, em que as mulheres conseguiram ocupar cargos e funções, ditas masculinas, mas ainda possuem salários inferiores aos dos homens na mesma função. O fato de as mulheres estarem em outros espaços traz a aparência de ruptura com a ordem andocêntrica, mas, na realidade, o que há é uma transformação, ainda longe de um modelo social adequado à especificidade dos sexos.

O trabalho tem uma força essencial na sociedade, principalmente no modo de produção capitalista, e o modelo patriarcal se manteve nesse modo de produção, definindo papéis diferenciados a homens e mulheres. Na Festa do Rosário, o trabalho está presente nas três dimensões: na religião, no econômico e na cultura. No campo cultural e religioso, o trabalho assume outras conotações, ele está atrelado à tradição e à fé, e, para as mulheres, essas duas vertentes mascaram a essência da participação feminina, ficando no campo da aparência, dificultando assim transformações mais contundentes.

Durante uma das visitas em casa de congadeiros, um ex-capitão, aqui chamado por José, associa a participação das mulheres nos ternos à organização de um lar

você já entrou numa casa que só tem homem? É uma bagunça, porque é as mulheres que organiza a casa. Quando uma mulher fica viúva a vida pra ela é difícil, mas ela vai saber cuidar da casa e dos filhos, agora quando um homem fica viúvo aí é ainda mais difícil porque ele não tem destreza pra lidar com os filhos e com a casa. Nos terno é a mesma coisa, eu falo que a beleza dos ternos tá nas mulheres, é elas que sabem enfeitar, dançar com graça, nós homem tem que ficar é com trabalho pesado mesmo. Hoje em dia eu tento ajudar no trabalho das mulheres, mas não tenho muito jeito não. Quando tem terço aqui em casa eu ajudo nos biscoito, eu reconheço que vida de mulher não é fácil, é um serviço que nunca acaba. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Esse é mais um relato que traz a cristalização de atribuições consideradas masculinas e femininas, associando o trabalho feminino ao trabalho doméstico, resultado da construção histórica, que é reproduzida por homens e mulheres. Entretanto, o movimento contrário a essa cristalização da associação da mulher ao trabalho doméstico aparece nos ternos, como foi apresentado na entrevista de Cida, mas, desconstruir um processo histórico demanda tempo e muitos conflitos, ainda mais em se tratando de uma Festa que agrega em seu contexto o caráter religioso. A religião, assim como a tradição, faz parte desta construção histórica de atribuições femininas, e, no caso da religião católica, fica mais evidente a

submissão feminina e uma maior dificuldade de contestação e resistência, pois o campo da fé parece algo intocável, até que a “fé” ganhe novas conotações, como apresentado a seguir.

4. Devoção e trabalho: renovar é possível

O contexto desagregador do sistema capitalista, juntamente com o patriarcado, tem, ao longo do tempo, atribuído às mulheres um desgaste físico e emocional diante de tantas funções a serem executadas. Muitas buscam um consolo imediato na religião, como uma força para enfrentar os problemas do cotidiano. Entretanto, a religião reduz as mulheres ao seu papel doméstico, como apresentado no primeiro capítulo. A religião corrobora para que as mulheres permaneçam nos bastidores do evento, seja no trabalho direto da Igreja e/ou nos ternos, pois a fé está sempre presente.

A Festa do Rosário apresenta variantes na prática da fé, a preparação dos rituais católicos é realizada, em sua maioria, por senhoras denominadas católicas praticantes, que trabalham na preparação dos espaços e seguem todos os rituais: reza do terço, missa, procissão. A devoção é mais enfática à Maria, origem de todas as Nossas Senhoras existentes, pois há uma resistência da igreja católica em aceitar o culto há alguns santos, santas e algumas variações de Nossa Senhora.

Já nos ternos, a prática da fé está associada à devoção à Nossa Senhora do Rosário e a Santos e Santas que intercedem pelos excluídos da sociedade, como os negros. Os rituais nos ternos são diferentes dos rituais católicos, realizados pela igreja. Nos ternos há uma mistura de elementos e comportamentos, unindo catolicismo e outras religiões, como a umbanda. Com exceção do Terno Mariarte, que é formado somente por mulheres, católicas praticantes, ou seja, seguem os rituais do catolicismo romano. Todos os demais ternos adotam práticas da umbanda: uso de guias²³, benzeção²⁴ dos bastões dos capitães em terreiros de umbanda, rezas para trancar o terno protegendo da inveja e influência de espíritos maledicentes, benzeção para fechar o corpo dos dançadores, dentre outras.

No âmbito religioso as mulheres são maioria, durante a pesquisa de campo era comum ouvir que a mulher tem mais fé. O fato das mulheres serem maioria nas igrejas está

²³ Guias são colares que são entregues aos guias espirituais para serem consagrados e assim protegerem aqueles e aquelas que os usam. Fonte: <http://www.http://umbandaeocaminho.blogspot.com.br>

²⁴ Benzer significa tornar Bento ou Santo. Benzer uma pessoa ou objeto é o ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou o mal específico que lhe esteja afligindo. Fonte: <http://www.http://umbandaeocaminho.blogspot.com.br>

relacionado à limitação de seu acesso ao espaço público, sendo permitido frequentar a igreja com bastante frequência, ou seja, a prática da fé também faz parte da construção histórica das atribuições feminina.

Entretanto, a semelhança está na participação das mulheres, que nos dois espaços, na igreja e nos ternos, promovem a realização do evento através de trabalhos menos visíveis. Trabalhos esses que são caracterizados como expressão de fé. É como se o trabalho fosse uma maneira de pagar uma graça recebida. Durante a procissão, são muitas as mulheres que acompanham filhos, filhas, netos e netas vestidos de anjos (foto 10), em cumprimento a promessa feita à Nossa Senhora do Rosário, que acreditam ter atendido seus pedidos. Tais pedidos, na maioria das vezes, é pela cura de uma enfermidade.

Foto 10 - Avó acompanhando neto em procissão - Catalão (GO).



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
Autora: Netto, M. J. T.

Vale ressaltar que, inseridas em uma sociedade que está em movimento, as práticas de devoção também se transformam e sofrem variações, como fica evidente entre as gerações de mais idade, que cumprem com rigor os rituais, enquanto que para as gerações mais novas, estas não são tão enfáticas, tomando outras expressões, como apresenta Laura, uma dançadora de 19 anos.

Sempre dancei, quando eu era pequena eu ia nos terços com minha avó, agora quase não vou, nos terços vai mais gente de idade. Minha fé com Nossa Senhora do Rosário é praticada durante a festa, eu me enfeito pro povo ver, mas também pra santa. Eu acredito que quando a gente dança

bonito alegre a santa também. Mas, todo ano vou na igreja rezar pra santa, agradecer e fazer meus pedidos. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Além da novena durante a Festa, a irmandade realiza a reza do terço uma vez por mês, no centro do folclore. As observações em campo comprovam a fala da jovem dançadora: os jovens são minoria na reza do terço. Essa evasão das jovens mulheres pode ser compreendida a partir da resistência feminina ao aprisionamento dos rituais católicos, sempre atrelando o papel da mulher às figuras femininas de resignação; são momentos melancólicos de repetição de palavras que trazem conotação de sofrimento, tornando-se monótonos e não convidativo aos (às) jovens.

A mãe da jovem Laura, dona Lídia, quem tem 39 anos, também não frequenta todos os rituais católicos da Festa, embora tenha crescido em um contexto de seguimento ao catolicismo, incentivado por dona Clarice, sua mãe, que ainda é assídua às missas e terços e relata que já trabalhou muito para a Festa como forma de praticar sua devoção

hoje em dia é mais diferente, antigamente o povo era mais religioso, parece que tinha mais fé. Nós tinha uma turma grande de amiga que tava sempre juntas pra ajudar na Festa, enfeitava o ranchão, porque há muito tempo atrás era só o ranchão, não tinha o centro folclore não. A gente tava junto nos trabalhos e na fé também, quando a novena começava nós tava lá, sem faltar. Eu já fui muito agraciada por Nossa Senhora, já cumpri muita promessa, meus dois filhos que são formados eu agradeço a Nossa Senhora, meu netinho que nasceu com sopro no coração foi curado, graças a Deus e Nossa Senhora. Pra mim, o agradecimento tá no trabalho pra ajudar os outros. Eu trabalhei muitos anos no café da manhã, acho que foi uns sete anos, comecei pra cumprir uma promessa, e fui ficando porque eu gostava, agora eu não consigo mais ajudar. Acho que os jovens tinham que ajudar mais, pra ir repondo nós que já tá mais velho (risos), mas hoje os jovens vão na Festa é mais pra divertir mesmo, não é por causa da parte religiosa não. Graças a Deus minha neta gosta de dançar, é um jeito de participar né? Eu nem esperava que ela fosse dançar, porque na minha família ninguém dança. Acho que ela tomou gosto porque fez amizade com umas meninas que dança. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Para a geração de dona Clarice a influência do catolicismo romano é mais acentuada, enquanto que para sua filha e neta o contexto religioso sofreu transformações, como apresentado no primeiro capítulo, transformações estas influenciadas pelo movimento feminista. Entretanto, o trabalho feminino continua sendo a essência para a realização da Festa, que, seja na religião ou na cultura, está em movimento, assim como as ações dos e das participantes.

4.3 O movimento feminino nos ternos

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário é fruto da sociedade e seu movimento está atrelado ao contexto em que se insere. Em se tratando de um evento que se constituiu em três dimensões - religiosa, cultural e econômica - as transformações ocorrem por meio da relação resistência e persistência. Como apresentado, nas dimensões religiosa e cultural, as mudanças encontram mais resistência, pois a persistência de algumas ações está relacionada à fé e à tradição, como se estas duas práticas fossem rígidas e estáticas. Entretanto, a aproximação da realidade permite compreender que os eventos, assim como a sociedade, estão em movimento, absorvendo práticas do contexto atual.

Desde sua origem a Festa do Rosário é realizada através do trabalho de homens e mulheres. Oriunda do século XIX, a Festa ainda traz influências de um período marcadamente opressor em relação às mulheres, apresentando resistência às mudanças ocorridas no papel feminino desde então. Até os dias atuais as mulheres ainda são maioria nos trabalhos dos bastidores da Festa, aqueles trabalhos relacionados ao espaço privado, ou seja, os trabalhos domésticos, que são menos visíveis ou ignorados no espaço público. Para se tornarem mais visíveis, as mulheres vêm ressignificando seu papel na Festa e também na sociedade, porém, ainda não se tem uma ruptura com o modelo patriarcal, que estabelece funções para homens e mulheres.

O movimento das mulheres nos ternos se faz por meio do acúmulo de funções, ou seja, as mulheres vêm ocupando outros espaços, e/ou renovando suas ações, sempre aliando trabalho e devoção, como é o caso da segunda capitã do terno Nossa Senhora de Fátima, “terno do Zé do Gordo” (foto 11), que, além de trabalhar na confecção das fardas, na organização da casa para recepção dos ensaios, também assume, sempre que necessário, o comando do terno, liderando orações e coreografias, como mostra a Foto 11 a seguir.

Foto 11 - Segunda capitã liderando oração no Terno do “Zé do Gordo”, antes das apresentações - Catalão (GO).



Fonte: Acervo do terno Nossa Senhora de Fátima (2014).

Vale ressaltar que as transformações em relação ao papel feminino na sociedade são lentas e, por vezes, isoladas, assim, assumir outras ações nos ternos além dos trabalhos domésticos ainda é um desafio. O capitão do terno Moçambique Mamãe do Rosário relata que as mudanças em relação às novas ações femininas nos ternos ocorrem lentamente e ainda causam estranheza. Ele está no comando do terno desde 2008, quando foi convidado para ser segundo capitão, e, após o falecimento do primeiro capitão, Sr. Geraldo Dias, assumiu o comando do terno, iniciando então maior abertura à participação feminina em outros espaços. O terno Moçambique Mamãe do Rosário é responsável por conduzir a família real e os festeiros nos cortejos e na entrega da coroa,

eu dançava no catupé amarelo desde os sete anos e lá as mulheres, como até hoje não dançam na linha, que é onde os caixeiros estão e no Moçambique a participação das mulheres também era mais restrita, embora já tinha um diferencial, que era a presença de uma segunda capitã e junto comigo foram convidadas também três mulheres. É claro que isso despertou o interesse de outras mulheres em dançar na linha. Antes se uma mulher fosse dançar na linha era vestida como homem. Eu sempre respeitei o Sr. Geraldo e somente após seu falecimento que comecei o que se chama de renovação, dando liberdade para as mulheres tocarem instrumentos. É claro que todas as mudanças causam medo, estranheza, até mesmo por parte de algumas pessoas da irmandade, mas eu sempre tive os pés no chão e não me incomodo com as críticas, mesmo aquelas destrutivas. A fé vem em primeiro lugar, e dançar para a Santa é muito bonito e alegre, não há diferença entre homem e mulher. A congada tem essa tradição mesmo, mais rígida, mas já foi pior. Pra se ter uma ideia a primeira bandeirinha só surgiu em 1938, até então quem carregava a bandeira era um homem. É claro que hoje em dia as mudanças estão mais rápidas, o terno Moçambique Coração de Maria já tem

mulheres dançando na linha também. As mulheres são essenciais aos ternos, pois são elas quem mais praticam a fé, a presença delas nos terços e na cantoria é maravilhosa. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

O fato de “dançar na linha” representa uma renovação expressiva para as mulheres, pois, como mostra a fala do capitão, esse movimento ainda causa estranheza, uma vez que, para muitos, o fato de tocar instrumentos é uma prática masculina atribuída ao fato da diferença biológica que confere à mulher uma fragilidade que a impede de ter força apropriada para a condução de alguns instrumentos, porém, as novas ações das mulheres apontam que esta fragilidade é sim uma construção histórica, pois existem mulheres dançando e manuseando instrumentos assim como os homens. Vários são os instrumentos, como as Gumgas, patagongas e caixas (fotos 12 e 13).

Foto 12 – Mulheres no terno Moçambique Mamãe do Rosário manuseando patagongas, que estão nas mãos e gumgas nos tornozelos - Catalão (GO).



Fonte: Arquivo do terno Moçambique Mamãe do Rosário (2014).

Foto 13 - Mulheres no terno Moçambique Mamãe do Rosário manuseando caixas, patogongas e gungas - Catalão (GO).



Fonte: Arquivo do Terno Moçambique Mamãe do Rosário (2014).

Levando em consideração que somente após sessenta anos do início da Festa do Rosário uma mulher conduziu a bandeira, nota-se que as mudanças são lentas e adentrar à linha do terno é um passo importante para a ressignificação do papel femininos. A inserção das mulheres em novos espaços é uma possibilidade de enfraquecer algumas ações do patriarcado que promovem a submissão feminina ao masculino.

As mulheres nos ternos estão constantemente associadas ao trabalho doméstico, e, quando questionado sobre a importância das mulheres no terno, o capitão do terno Moçambique Mamãe do Rosário descreve o trabalho nos bastidores, afirmando, assim, a ligação feminina com o espaço menos visível, porém, reconhece que é esse trabalho que sustenta os ternos,

te falo que seria impossível eu conseguir comandar o terno sem a ajuda da minha mãe, que desde os ensaios está comigo, é ela quem faz um café, enquanto isso minha irmã varre a garagem, minha namorada arruma um enfeite para o altar. Sem contar que sem as mulheres, talvez o terço nem existisse. Além do mais tem muito terno que mesmo tendo um homem como capitão é a mulher quem é a força maior. Várias mulheres é quem conduzem os trabalhos. Tem terno que o capitão morreu e o filho assumiu, mas quem da força e apoio pro terno continuar é a mãe, disponibilizando o espaço para os ensaios, ajudando na confecção das fardas daqueles que não tem como fazer. Ou seja, a mulher é a força do terno. Ela honra a fé e a tradição. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Nesse sentido, a fé e a tradição significam o cuidado, o zelar de alguém ou algo, e, na ordem patriarcal, esta função é destinada às mulheres. As práticas vividas e revividas passam a fazer parte do cotidiano tornando-se “naturais”, por isso é difícil romper com o modelo patriarcal, além do mais esse modelo também se reinventa diante das resistências, criando novas formas que mascaram a real condição feminina, que atualmente é de acúmulo de funções, e é somente assim que as mulheres conseguem adentrar novos espaços.

A fala do capitão demonstra que há um grande número de mulheres que trabalham nos ternos, ou para os ternos, e elas estão no denominado trabalho de apoio, que é a essência do evento, porém, quase não são percebidas. Por isso, o fato de avançar espaços nos ternos é tão importante, uma vez que é a aparência que traz uma visibilidade imediata. Isto posto, é importante ressaltar que a mudança de comportamentos femininos na congada não tem um caráter claro de se romper com o modelo patriarcal que persiste na sociedade, elas são, na verdade, agentes de um contexto que vem se movimentando. Essa ruptura é declarada pelo movimento feminista, que, de maneira geral, objetiva uma sociedade sem hierarquia de gêneros, como demonstrou Ribeiro (2014).

O patriarcado persiste porque sua estrutura se arraigou em todos os campos sociais, atingindo mulheres e homens, que, por vezes, não o percebem. A entrevista com dona Rosilda reflete essa persistência. Ela é viúva de ex-capitão, e, após o falecimento do marido, o sobrinho assumiu como capitão, mas sua casa continua abrigando a organização do terno, o que é comum também em outros ternos, sendo ela quem comanda a dinâmica dos trabalhos, mas sempre nos bastidores

o terno era tudo pro meu marido, e pra mim também, é uma família mesmo, eu não quis tirar o terno daqui não, tenho medo dessa juventude mudar demais o rumo das coisa. A gente tem que seguir como sempre foi, por isso que os meninos tão sempre me perguntando, querendo saber se tá certo fazer tal coisa, parece que aqui em casa o terno tem mais respeito, garante mais a tradição. E é minha alegria, de julho pra frente minhas vizinhas falam que eu mudo, fico animada, mas é porque a casa começa a ficar mais cheia. Dá

trabalho, mastô acostumada, e além do mais tudo que a gente faz com fé e amor não é trabalho não é prazer. Enquanto Deus me der saúde eu ajudo no terno pra alegrar minha santa. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

A fala de dona Rosilda retrata a postura das mulheres que exercem esse trabalho de “apoio” aos ternos, que na realidade é a manutenção e garantia de realização da Festa. Acompanhar de perto um pouco do cotidiano das mulheres na preparação e realização do evento traz à tona a essência do evento. Nos ensaios, o que se visualiza são mulheres dinâmicas que andam de um lado para o outro, enquanto fazem café, organizam espaços, silenciam crianças. São mulheres prestativas, sorridentes e sempre dispostas. Por ser uma festa em louvor a uma santa, retrata bem a alusão à Maria, mãe de Jesus, uma mulher resignada, atuante no espaço que lhe é reservado.

O mesmo contexto é observado nas residências que oferecem refeição aos ternos. Esses momentos também são essenciais para a manutenção do evento, as famílias que oferecem almoço ou lanche trabalham dois, três dias na confecção dos alimentos. A visita em uma dessas residências que oferece almoço no segundo domingo da Festa despertou a reflexão acerca da dimensão da participação feminina nos ternos.

A primeira visita foi no sábado, véspera do almoço. A casa é pequena, com poucos cômodos, ali estavam em torno de 10 mulheres: a dona da casa, duas filhas, vizinhas, parentes e amigas. Aparentemente não houve uma programação para distribuição das tarefas, o que foi confirmado posteriormente pela dona da casa. Mas, tudo acontecia com organização e sequência de ações, como se as mulheres já estivessem programadas para a execução das tarefas. E realmente estavam, cada uma daquelas mulheres repetia ali seu cotidiano, porém, em outra dimensão.

Naquele momento, ficou evidente que a situação feminina de aprisionamento aos trabalhos domésticos (foto 14) é menos questionada quando as atividades são praticadas para a religião e a cultura. Em nenhum momento houve lamentação ou indagação quanto ao fato de que somente as mulheres estavam trabalhando. E foram mais de oito horas de trabalho no sábado.

Foto 14 - Mulheres preparando almoço para recepcionar terno - Catalão (GO).



Fonte: Pesquisa de campo, 2014.
 Autora: Netto, M. J. T.

No domingo, dia do almoço, o contexto foi diferente, não havia somente mulheres, como no sábado. Os homens estavam participando, carregando mesas e panelas, que eram colocadas na garagem, espaço utilizado para recepcionar o terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês, conhecido também, como “catupé amarelo”. O almoço foi servido pelas mulheres e foram também elas que cuidaram da limpeza e organização da casa após o fim da refeição.

Outro ponto que despertou reflexão foi o fato de que a média de idade das mulheres que trabalharam na preparação do almoço era de 52 anos. Não havia jovens, o que pode ser compreendido como uma resistência das mulheres mais jovens em relação à extensão das amarras do trabalho doméstico que se estendeu para toda sociedade, conforme apresentado anteriormente neste capítulo, no depoimento de Cida.

A participação feminina nos ternos de congo da Festa do Rosário vai muito além do ato de dançar ou acompanhar os ternos durante as apresentações. As mulheres atuam em todos os momentos. As observações em campo possibilitaram visualizar a dinâmica que sustenta os ternos através do trabalho feminino. O ato de colocar um terno nas ruas exige uma estrutura organizacional baseada no trabalho coletivo de homens e mulheres, entretanto, são as mulheres que mais executam jornadas extensas de trabalho nos ternos.

Esta realidade revela a persistência da divisão sexual do trabalho, pois até os dias atuais os trabalhos domésticos acompanham as mulheres em todos os segmentos sociais. Assume formas conjunturais e históricas, na tentativa de reforçar tradições masculinas e femininas. Mesmo tendo tanta importância, o trabalho feminino nos ternos ainda não tem a

notoriedade equivalente, isso se faz pelo fato de ser um reflexo da situação feminina na sociedade regida pelo modelo patriarcal, em que se associou a mulher ao espaço doméstico, concepção que vem desde a era primitiva. Assim, a relação entre mulher e trabalho doméstico foi se tornando algo “natural”, uma prática vivida e revivida, como destaca Perrot (2013, p.114) : “O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa.”.

Sendo fato que a divisão sexual existe e persiste, cabe então não somente resistir, mas, também, reconhecer a essencialidade do trabalho que se caracterizou como feminino. A presente pesquisa aponta que as mulheres estão por toda parte da Festa do Rosário e a maioria acumula duas, três ou mais funções, o que caracteriza a importância da participação feminina para a realização da Festa. Tão essencial quanto lutar pela especificidade dos gêneros é o reconhecimento e a valorização da ação feminina, que não deve ser caracterizada como inferior ou invisível. O trabalho das mulheres sempre foi essencial à manutenção da vida, como analisou Saffioti (2004),

entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não se pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério de sexo. Isto não implica, todavia, que as atividades socialmente atribuídas às mulheres sejam desvalorizadas em relação às dos homens. Nas sociedades de caça e coleta, a primeira atividade cabe aos homens e a segunda às mulheres. Enquanto a coleta é certa, a caça é incerta. [...] A rigor, então, a sobrevivência da humanidade, felizmente variando no tempo e espaço, com esta divisão sexual do trabalho, foi assegurada pelo trabalho das mulheres. (SAFFIOTI, 2004, p. 58).

No que tange aos campos religioso e cultural, o reconhecimento da realidade feminina merece mais atenção, uma vez que a maioria das religiões e das manifestações culturais utiliza as mulheres como instrumento para conservar, promover e fazer avançar as “tradições” que aprisionam as próprias mulheres na invisibilidade e inferioridade em relação aos homens. É exatamente essa a realidade nos ternos de congo, desse modo, para terem mais visibilidade as mulheres adentram outros espaços, o que acontece lentamente, e a maioria age nos bastidores, e é esse espaço que merece maior visibilidade.

A importância da participação feminina na Festa é reconhecida por parte dos integrantes e dos expectadores, isso é inegável, porém, é diferenciada em cada dimensão da Festa: religiosa, econômica e cultural. O ponto em comum está no aprisionamento de homens e mulheres a certas atividades, o que não é característica própria da Festa, e sim de toda

sociedade. Entretanto, isso não justifica aceitar tal condição, e a resistência não está somente no fato de não fazer, não participar, ou se isolar, criando grupos ou guetos somente femininos. A resistência também está na ressignificação do papel feminino no espaço misto, feito por homens e mulheres.

A congada da Festa do Rosário de Catalão é a dimensão em que as mulheres mais se movimentam. Elas estão na cozinha, mas também dançando na linha; elas estão costurando e bordando, e também batendo caixas; elas estão na organização dos espaços para ensaio, e também direcionando, aconselhando e dando ordens no comando dos ternos; elas estão nos terços, nas novenas e também segurando o bastão e o apito. Enfim, elas fazem a Festa.

4.4 A festa feita por elas

É inegável que o olhar do pesquisador e/ou pesquisadora capta situações que podem passar despercebidas pelo senso comum, aliás, este é seu ofício, mas existem ações que não exigem conhecimentos teóricos, nem longas horas de observação em campo para se tornarem evidentes. Todos e todas que participaram da presente pesquisa apontaram que a participação das mulheres nas três dimensões da Festa do Rosário é essencial. Isso é fato, mas o que o olhar da pesquisadora tentou alcançar foi a realidade dessas trabalhadoras, uma vez que a Festa é feita de trabalho.

Durante uma, entre tantas, caminhadas pelas ruas em torno do Largo do Rosário, no momento da Festa, as imagens, sons e cheiros revelaram um espaço dinâmico, rico para reflexões. Propositamente, as leituras daquelas fontes remetiam à participação feminina. E elas estavam por toda parte. Eram mulheres comerciantes vendendo suas mercadorias e/ou cuidando da organização da barraca. Algumas com crianças de colo, preparando ali mesmo suas refeições. Outras, preocupadas com os filhos que haviam deixado em casa. Em frente à igreja, na estrutura erguida para o evento, havia mulheres correndo em passos miúdos, preparando o altar para a celebração da missa. A passagem de som se misturava com o toque das caixas de algum terno que se aproximava, tendo em sua composição várias mulheres que cantavam e dançavam alegremente.

Diante de tal situação, foi possível compreender que as mulheres estão na Festa, mas, a pesquisa de campo, juntamente com a teoria, constatou que elas ainda não têm a visibilidade correspondente a sua real participação. São as mulheres que encorpam o coro nas novenas e nas missas, organizam e cuidam de cada detalhe durante os nove dias dos rituais católicos. Cada um e cada uma daqueles e daquelas que dançam em todos os ternos ali estão

por meio do trabalho minucioso da confecção das fardas realizado por mulheres. Elas são responsáveis pela participação de todos e todas, nesse sentido, é comum a cena de mulheres que andam ao lado dos ternos, carregando água, protetores solares e chapéus para seus maridos, filhos ou “irmãos de congo”, expressão usada com frequência entre os participantes (Foto 15).

Foto 15 - Mosaico de fotos: a) a Festa; mulher acompanhando terno; apresentação de ternos durante a missa; barracas – Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
 Autora: Netto, M. J. T.

A Festa se apresenta como um universo próprio, que se difere do cotidiano, principalmente para os integrantes da Congada. Para eles e elas, é uma oportunidade de

vivenciar outra rotina, na qual assumem outros papéis. Como destacou Costa (2012), o pedreiro vira rei, príncipe, a empregada doméstica vira rainha, princesa. Entretanto, a Festa está na sociedade, e a invisibilidade da real atuação feminina é reflexo desta. A condição de “naturalidade” do exercício das atividades domésticas imposta às mulheres pelo patriarcado está em todas as esferas sociais. A Festa é feita pelas mulheres, elas estão muito além do dançar e tocar instrumentos. Elas estão por toda parte, desempenhando funções essenciais para a realização do evento. A pesquisa constatou que as mulheres são a essência da Festa, e, também, a essência para manutenção da sociedade, assim como destacou Perrot (2013), Saffioti (2004) dentre outras e outros de importante relevância para o presente estudo e as questões de gênero.

Contudo, espera-se que a presente pesquisa instigue mais estudos acerca das relações de gênero aliados à abordagem geográfica, em que se reconhece o espaço geográfico como fruto das relações nele estabelecidas. As mulheres se encontram em uma situação de exploração que somente será alterada por meio da intervenção científica, haja vista que o modelo que se estabeleceu é oriundo de uma construção histórica, portanto, está em processo, podendo ser reconstruído.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e reconhecer a realidade do papel das mulheres nos ternos de congo é o objetivo principal desta pesquisa, para tanto foi necessário, primeiramente, compreender o papel das mulheres na sociedade, em seguida, entender a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e as dimensões que a formam, sendo elas: religiosa; comercial e cultural. Tendo em vista que a sociedade está em movimento e todas as esferas se comunicam criando suas dinâmicas próprias, de resistências e persistências, a pesquisa se alicerçou em análises teóricas que entendem a definição de papéis femininos e masculinos enquanto construções históricas que dividem funções para homens e mulheres, o denominado patriarcado, que ainda hoje está na sociedade por meio da divisão sexual do trabalho.

Isto posto, a pesquisa constata que, na religião, em específico no catolicismo romano, as mulheres encontram maior resistência às mudanças. A igreja católica passou por uma restauração, e não por uma transformação no que tange ao papel feminino, mesmo a Teologia da Libertação, que foi um grande salto para o reconhecimento dos excluídos e que teve influências do movimento feminista, não conseguiu dar maior visibilidade às mulheres. Os laços com o patriarcado são muito fortes, e, aliados à religião, constituem uma barreira ainda difícil de ser ultrapassada.

As mulheres continuam nos bastidores da Igreja, sem acesso a instâncias com poder de decisão. Mesmo sendo maioria, elas estão na base, pois o topo da hierarquia é constituído por homens. De todos os segmentos sociais, a religião é certamente o ambiente em que o patriarcado é menos abalado, pois se atrelou a questões divinas, como a associação das mulheres com Maria mãe de Jesus, exemplo a ser seguido, e de Eva, exemplo a não ser seguido. É como se ser mulher trouxesse consigo a obrigatoriedade da subserviência, estabelecendo o trabalho feminino como uma obrigação. Tendo ainda a religião forte expressão na sociedade ela reflete esta condição nas ações femininas em casa, no trabalho e nas manifestações culturais.

No que tange ao mundo do trabalho formal, as conquistas femininas foram bem mais expressivas, as mulheres aos poucos, adentram espaços denominados masculinos. A segunda onda do movimento feminista no Brasil, na década de 1970, foi incisiva para a intensificação feminina no mercado de trabalho formal. Concomitante, estava a reestruturação produtiva do capital e a flexibilização do trabalho, com a mão-de-obra em tempo parcial e o trabalho informal (sem direitos trabalhistas), essas áreas cooptaram o trabalho feminino. Há, então expressivo aumento da atuação das mulheres nos espaços públicos, alterando a

constituição de um modelo do papel feminino, cada vez mais voltado para o denominado trabalho produtivo. Entretanto, as amarras com a divisão sexual do trabalho permanecem, assim, as mulheres são duplamente exploradas, pois assumem funções menos remuneradas no mercado formal, e as “obrigatoriedades” com as tarefas domésticas persistem.

O ponto positivo é que a ação direta no mundo do trabalho possibilita às mulheres apresentarem suas resistências à subordinação ao patriarcado, redefinindo, desse modo, padrões sociais e culturais. As lutas pelo respeito às especificidades entre os sexos é um processo em construção e obtêm sucesso através da junção entre protestos dos movimentos sociais e atuação direta no processo de produção, no qual as mulheres mostram sua importância. Geram renda com o fruto de seu trabalho, competindo por cargos e funções que durante muito tempo foram exclusivos aos homens. Mais que a conquista de espaços, as mulheres buscam a igualdade no exercício do poder e assim serem mais visíveis no movimento da sociedade.

No campo cultural, também houve transformações em relação à participação feminina, como constatou a pesquisa. No entanto, mais importante que perceber as transformações, o presente estudo desencadeou, a partir dos ternos de congo e através do trabalho de campo, reflexões acerca da importância da participação feminina nas manifestações culturais. Durante a tabulação dos dados, as entrevistas, as imagens e as observações visuais registradas no diário de campo convergiam para compreensão da essência da realização da Festa do Rosário, que é o trabalho realizado nos bastidores do evento, tanto na parte religiosa, quanto cultural, a congada. Nessas duas dimensões, que foram as mais exploradas pelo estudo, a participação feminina é decisiva para a realização da Festa. Em todas as entrevistas (foram coletadas 29), da unanimidade se fez em relação à importância do trabalho realizado pelas mulheres.

É importante salientar que o reconhecimento não proporciona às mulheres maior visibilidade, a pesquisa apontou que o trabalho feminino, na Festa, ainda está atrelado à divisão sexual do trabalho, em que se delegou às mulheres uma “obrigatoriedade” com atividades domésticas. Mas, constatou-se, também, que o movimento feminino dentro dos ternos é mais expressivo do que nas outras dimensões. As mulheres estão ocupando outros espaços, ressignificando papéis, como o fato de dançar na linha, tocar instrumentos. Porém, o quantitativo de mulheres que agem nos bastidores da Festa é imensamente maior do que aquelas que estão em posições mais visíveis.

Atuar em um terno é muito mais que dançar ou assumir comandos. Para a congada existir é necessária uma estrutura organizacional que contemple várias ações.

Começando com a disposição em manter os laços com o evento, diante disso, as observações em campo demonstraram que as mulheres são atuantes, também, nessa posição: várias são aquelas que mesmo não sendo capitãs direcionam os ternos através de “conselhos”, disponibilizam e organizam espaços, costuram, bordam, preparam refeições. As mulheres trabalham na Festa e para a Festa. Ainda existem aquelas que mesmo não participando de nenhum terno trabalham para a continuação do evento, como as mulheres da comissão de festeiros, as cozinheiras do café da manhã para a alvorada e para os almoços nas residências.

Contudo, a aproximação com a realidade do trabalho feminino na Festa permitiu compreender a essência da mesma, desencadeando algumas considerações. Primeiramente, a sociedade é movimento e todos os seus campos se interligam, uma vez que é formada por agentes sociais, com variados gêneros. Assim sendo, as coerções e os reflexos existem, bem como as resistências e suas várias facetas. Resistir a determinado modelo ou situação não está apenas na ruptura, mas, também, na ressignificação de papéis, como o fato de mulheres e homens assumirem posições contrárias ao que se promoveu durante todo um processo histórico.

Outra constatação é que a resistência feminina ao patriarcado é fato, mas conquistar novos espaços ainda demanda esforço, as mulheres estão se movimentando cada vez mais, mas esse movimento não representa uma ruptura com a divisão sexual do trabalho. As mulheres assumem novas funções sem se desvincilharem do trabalho doméstico, este ainda as acorrenta. Associado ao espaço menos visível, o trabalho doméstico aprisiona as mulheres a uma invisibilidade social, o que não condiz com a realidade, pois, através da festa do Rosário, foi possível constatar que as mulheres são promotoras sociais, elas estão por toda parte, e agem concomitantemente no espaço privado e no espaço público.

Enfim, o estudo compreende que a luta por mais visibilidade das ações femininas não deve ser apenas uma luta das mulheres. Assim sendo, deverá fazer parte do movimento da sociedade na busca pelo reconhecimento das especificidades dos gêneros, isso sim é tornar visível a realidade feminina. Um dos caminhos é o estímulo a estudos direcionados à reflexão acerca do modelo patriarcal, pois um reconhecimento amplo e consciente certamente trará mudanças cada vez mais significativas. Este é o papel da ciência Geográfica.

REFERÊNCIAS

- ALVES-M., A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMARAL, R. C. **Festa à brasileira**. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999. 287p.
- _____. **Adeus ao trabalho?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 155p.
- AUBERT, R. **A Igreja o Liberalismo e o mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1975. (Coleção Nova História da Igreja, v. 1).
- AZZI, R. A Igreja Católica no Brasil no período de 1950 a 1975. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 2, nov. 1977.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Queroz Editor, 1983.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRANDÃO, C. R. **A festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- CAMPOS, M. das D. **Catalão: estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirante, 1976.
- CAMPOS, A. A. **Irmandades mineiras e missas**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** Brasiliense: São Paulo, 2001.
- CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: UFG, 1997. 274 p
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**. 2012. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Uma leitura marxista da vida cotidiana de trabalhadoras terceirizadas no interior de Goiás: precarização e emancipação. In: SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES, 2, 2014, Rondônia. **Anais...**, Rondônia, 2014. p. 939-954

COYLE, K. **Maria na tradição cristã a partir de uma perspectiva contemporânea**. Tradução de Bárbara T. Lambert. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Teologia Sistemática).

DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino-Americana**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abr. 1998.

DUNCAN, J. O Supra orgânico na Geografia Cultural americana. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Revista Contexto**, Ijuí, Unijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul. /set.1987.

FLAMARION, C. MAUAD, A. M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: _____. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FIORINZA, E. S. **Discipulado de iguais: uma eklesialogia feminista crítica da libertação**. Tradução de Yolanda S. Toledo. Vozes: Petrópolis, 1995.

_____. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

FOUCAULT, M. A governabilidade. In: _____. **Microfísica do Poder**. 18. ed. São Paulo: Graal, 1979. p. 277-293.

FREIRE, M. S.; SOBRINHO, V. P. A figura feminina no contexto da inquisição. **Educere et Educare**, Cascavel: Unioeste, v. 1, n. 1, p. 53-58, jan/jun. 2006.

GEBARA, I. A mulher faz teologia. In: BINGEMER, M. C. et al. (Org.) **O rosto feminino da teologia**. Aparecida: Santuário, 1990.

GROPPO, L. A. O popular e o lúdico nas festas. In: _____. **Vamos para a festa! Turismo e festa popular**. Taubaté: Cabral editora e livraria universitária, 2005. 178 p.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JESUS, S. Narrativas, memórias e identidades: mulheres da comunidade negra dos arturos. **História, imagem e narrativas**, v. 3, n. 7, p. 1-17, set./out. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais confirma as desigualdades da sociedade brasileira. 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm> Acesso em: 20 out. 2014.

_____. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=520510#>. Acesso em 11 nov. 2014.

JOHNSON, E. A. **Aquela que é**: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4^o éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LOPES, M. J. M. et al. (Org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOURO, G.; DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2000.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MURARO, R. M. **Textos da fogueira**. Brasília: Letrativa, 2000.

PAIM, M. J. **Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus**: inserção da mulher catalana no espaço público. 1996. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 1996.

PALACIN, L. **O século do ouro em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1982.

PAULA, M. V. de. **Sob o manto azul de Nossa Senhora do Rosário**: mulheres e as identidades de gênero em Catalão (GO). 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PESSÔA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 5, 2009, Santa Maria. **Anais...** Porto de Galinhas: UFSM, 2009. 13 p.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, C. **Catalão**: poesias, lendas e histórias. 3. ed. Catalão: Gráf. Modelo, 1997. 216 p.

RIBEIRO, D. **As diversas ondas do feminismo**. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>. Acesso em novembro de 2014.

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da igreja católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ROY, L. **O modo de ser mulher trabalhadora na reestruturação produtiva**. São Paulo: Alínea, 1999.

SAFFIOTI, H. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, M. O retorno do território. **Debates: território e movimentos sociais**, v. 16, n. 16, jan. /abr. 2005.

_____. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 2002. Disponível em: Acesso em: <http://www.google.scholar.google.com.br/scholar?q=SCOTT,+J.+Gênero:+uma+categoria+útil+para+análise+histórica.mar>. 2014.

SOUZA, M. M. **Reis negros no Brasil escravista, história da festa de coroação do rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

STREY, M. N. Será o século XXI o século das mulheres? In: STREY, M. N. et al. **Construções e perspectivas em gênero**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001.

THOMAZ JUNIOR, A. Por uma Geografia do trabalho. **Geografia y Ciências Sociais**, Barcelona, v. 6, n. 119, p.1-22, ago. 2002. Disponível em: <www.ceget/pegada.com>. Acesso em: 20 out. 2014.

TELLO-QUIRÓZ, R.; PÉREZ RINCÓN, S. Inclusión y exclusión de las mujeres em las políticas y prácticas de renovación urbana. In: TELLO-QUIRÓZ, R. **Ciudad y diferencia**. Barcelona: Edicions Bella Terra, 2009.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WYSE, A. O. F. M. **No coração do Brasil, custódia do santíssimo nome de Jesus em Goiás**. Petrópolis: Vozes, 1989.